



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

CLEUDES FÁTIMA BRESOLIN HUBNER

**PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE RECRIANDO A
VIDA: ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM ERECHIM**

ERECHIM
2025

CLEUDES FÁTIMA BRESOLIN HUBNER

**PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE RECRIANDO A
VIDA: ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM ERECHIM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - *Campus* Erechim, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira

**ERECHIM
2025**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Hubner, Cleudes Fátima Bresolin
PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE
RECRIANDO A VIDA: ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES
EM ERECHIM / Cleudes Fátima Bresolin Hubner. -- 2025.
119 f.

Orientador: Doutor Thiago Ingrassia Pereira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Erechim,RS, 2025.

1. Educação Popular. 2. Educação não escolar. 3.
Voluntariado. 4. Práticas Educativas. I. Pereira, Thiago
Ingrassia, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

CLEUDES FÁTIMA BRESOLIN HUBNER

**PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE RECRIANDO A
VIDA: ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM ERECHIM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Erechim como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Educação.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 25/08/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



THIAGO INGRASSIA PEREIRA

Data: 22/09/2025 15:39:39-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira (Orientador/UFFS – Campus Erechim)

Documento assinado digitalmente



ISABEL ROSA GRITTI

Data: 30/09/2025 16:50:58-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Isabel Rosa Gritti (Membro interno/UFFS – Campus Erechim)

Documento assinado digitalmente



FERNANDA DOS SANTOS PAULO

Data: 29/09/2025 15:20:19-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Dra. Fernanda dos Santos Paulo (Membro externo/UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Os anos 2023, 2024 e 2025, ainda em curso, foram desafiadores, pois cursar um mestrado e, principalmente, a tarefa de escrever o trabalho de conclusão foi extremamente desafiador e complexo.

Como seres históricos e inseridos em contexto social, são muitas as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui e para com as quais sou e serei eternamente grata.

Ao meu companheiro, Paulo, por ser uma presença amorosa e sólida em todos os momentos. À minha filha, Maria, por seu amor, incentivo, alegria e por ser o “sol da minha vida”.

Aos meus antepassados, aos meus pais, Albino e Noeli, pelo dom da vida; e às minhas irmãs, Cleunir e Cleudilei, a minha eterna gratidão pelo apoio e presença incondicional sem os quais eu não estaria aqui e não seria quem e o que sou.

Aos meus colegas de trabalho na ASSGAS - UFFS - *Campus* Erechim: Domingos, Verônica, Daiane, Elitana e Tatiane pelo apoio e incentivo no decorrer do curso.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira, meu muito obrigada e minha eterna gratidão e reforçar que, sem suas contribuições e incentivo, esse trabalho não se realizaria.

À minha colega Tatiane Marmentini de Oliveira, minha “irmã do coração” que a vida nos presenteou, muito obrigada por todo apoio, carinho, escuta e por chorar e rir comigo. Nunca esquecerei o quanto você foi imprescindível.

À colega, Sheila, que leu meu trabalho e fez considerações importantes e essenciais para qualificá-lo.

À minha prima, Renata, por me ouvir e fazer contribuições importantes para com esse texto. Meu coração se alegra pelas tuas conquistas. Com certeza será uma grande socióloga e deixará o mundo um pouco melhor. Muito Obrigada!

Aos professores e colegas do Mestrado e da UFFS: Muito obrigada!

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção."
(Paulo Freire)

RESUMO

Esta dissertação investigou as práticas educativas do trabalho voluntário no âmbito da Associação Beneficente Recriando a Vida em Erechim/RS sob a perspectiva da Educação Popular e Social. O interesse pela temática surge em função de trabalhar em uma universidade pública, e do desejo de compreender como a sociedade civil organizada atua no suporte às pessoas em situação de vulnerabilidade, frente às limitações do poder público. Com base nos ensinamentos de Paulo Freire sobre o papel da educação na transformação social e na elevação da autoestima, a dissertação buscou responder a seguinte questão: em que medida o trabalho dos(as) voluntários(as) com suas práticas educacionais, no contexto da Associação Beneficente Recriando a Vida de Erechim, auxiliam na inserção social de criança e adolescentes que ali estão? Para responder a essa questão, a pesquisa teve como objetivo geral identificar as práticas educativas desenvolvidas pelos voluntários e compreender sua contribuição para a inserção social das crianças e adolescentes. Os objetivos específicos incluíram caracterizar os conceitos de Educação Popular e Social, apresentar a associação e seu contexto de atuação e diagnosticar os desafios enfrentados pelos voluntários, além de elaborar um documento orientador como produto educacional. A justificativa para esta pesquisa reside na sua relevância para o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFFS - *Campus* Erechim, na linha de pesquisa sobre Educação Não-formal e Educação Popular. A pesquisa buscou produzir conhecimento científico sobre o tema e oferecer um retorno prático à sociedade através de um documento orientador para voluntários. Metodologicamente, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e exploratória, utilizando-se pesquisa bibliográfica e estudo de caso. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e observação no local, visando identificar as práticas educativas que auxiliam as crianças e adolescentes na inserção social para a vida e o mundo do trabalho. Os resultados identificados foram que existe uma preocupação de todos em acolher e atender as necessidades básicas dos que convivem no local, contudo não existe uma organização e ou preocupação com a emancipação dos sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Educação Popular; Educação Não Escolar; Práticas Educativas; Voluntariado.

ABSTRACT

This dissertation investigated the educational practices involved in volunteer work within the Associação Beneficente Recriando a Vida in Erechim, Rio Grande do Sul, through the lens of Popular and Social Education. The interest in this topic stems from the author's work in a public university and the desire to understand how organized civil society supports individuals in vulnerable situations, especially in the face of public sector limitations. Based on Paulo Freire's teachings on the transformative power of education and its role in fostering self-esteem, the study sought to answer the following question: to what extent do the volunteers' educational practices at Associação Beneficente Recriando a Vida contribute to the social inclusion of the children and adolescents involved? The general objective was to identify the educational practices carried out by the volunteers and understand their contribution to the social inclusion of the young participants. The specific objectives included characterizing the concepts of Popular and Social Education, presenting the association and its operational context, diagnosing the challenges faced by the volunteers, and developing a guiding document as an educational product. The research is justified by its relevance to the Graduate Program in Education at UFFS – Erechim *Campus*, particularly within the research line focused on Non-formal and Popular Education. The study aimed to generate scientific knowledge on the topic and provide a practical return to society through the creation of a guiding document for volunteers. Methodologically, it followed a qualitative and exploratory approach, using bibliographic research and a case study. Data collection included semi-structured interviews and on-site observations, seeking to identify educational practices that support the social inclusion of children and adolescents into society and the world of work. The results revealed a strong concern for welcoming and meeting the basic needs of those involved; however, there is a lack of organization and intentional focus on the emancipation of the individuals.

Keywords: Popular Education; Non-formal Education; educational practices; Volunteerism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 - Mapa da cidade de Erechim/RS e localização da Associação Beneficente Recriando a Vida..... 48
- Figura 2 - Fotos da fachada e parte externa da Associação Beneficente Recriando a Vida..... 50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cronograma das visitas para observação das Práticas Educacionais.....	58
Quadro 2 - Participantes da entrevista e Práticas desenvolvidas.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEPPA – Associação Educadores Populares de Porto Alegre

ENE – Educação Não Escolar

ES – Educação Social

ONGs – Organização das Nações de Unidas

OSCIPs – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

PPGPE – Programa de Pós-graduação em Educação Profissional

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 PENSANDO ALGUNS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO.....	20
2.1 EDUCAÇÃO: BREVE SOBREVÃO EM ALGUNS PRESSUPOSTOS.....	20
2.2 EDUCAÇÃO POPULAR: ENTRE A RESISTÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS POSSIBILIDADE.....	22
2.3 EDUCAÇÃO E O EDUCADOR SOCIAL.....	28
2.4 EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR.....	33
2.5 PRÁTICAS EDUCATIVAS: ALGUMAS OBSERVAÇÕES.....	35
2.6 A IMPORTÂNCIA DO VOLUNTARIADO E DA MILITÂNCIA NA SOCIEDADE CIVIL: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	38
3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO CENÁRIO ATUAL DE DESIGUALDADES NO BRASIL.....	44
3.1 EXCLUSÃO E PRIVILÉGIOS: UM RETRATO ATUAL DAS DESIGUALDADES SOCIAIS NO BRASIL.....	44
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE RECRIANDO A VIDA... 47	
4 CONSTRUINDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	51
4.1 A CONSTRUÇÃO DO APORTE TEÓRICO A PARTIR DOS QUE NOS PRECEDERAM.....	51
4.2 A PESQUISA CIENTÍFICA E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO.....	52
4.3 ABORDAGEM QUALITATIVA DA PESQUISA.....	54
4.4 O ESTUDO DE CASO E AS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS.....	55
4.4.1 Participantes da Pesquisa.....	59
4.5 QUESTÕES ÉTICAS.....	59
4.6 ANÁLISE DE DADOS.....	60
4.7 PRODUTO MESTRADO PROFISSIONAL.....	62
5 ACOLHER E EDUCAR: ANÁLISE DOS DADOS ACERCA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NÃO FORMAIS NA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE RECRIANDO A VIDA.....	63
5.1 ACOLHIMENTO E INSERÇÃO SOCIAL.....	66
5.2 EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR: PRÁTICAS, LIMITES E POSSIBILIDADES NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO.....	70
5.3 SÍNTESE DAS ANÁLISES E PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA.....	78
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	85
APÊNDICES.....	92
ANEXO.....	119

1 INTRODUÇÃO

Minha vontade de cursar uma pós-graduação em uma Universidade Pública de qualidade na qual, ainda, tenho o privilégio de ser servidora, me acompanha desde 2015, quando ingressou a primeira turma na instituição. E também da minha vontade de estar sempre “aprendendo algo”, desejo esse que carrego comigo desde que “me conheço por gente”. E, por que não fazer parte da parcela de 1% da população brasileira que cursou/cursa um Mestrado no Brasil. O orientador do presente trabalho é professor de duas disciplinas que cursei de agosto de 2023 até julho de 2024, frisava muito a importância do que estamos fazendo, em um curso de educação em uma universidade pública.

Outro ensinamento, repetido muitas vezes por meus pais “em alto e bom tom” para que estudássemos. Ainda escuto a voz do meu pai dizendo para mim e para minhas duas irmãs: “Estudem! Estudem minhas filhas!” Meu pai, mesmo sendo semianalfabeto, em sua simplicidade nos incentivava a estudar, pois, dizia ele, que não teve oportunidade, mas que nós (suas filhas) deveríamos nos esforçar e estudar para quebrar o ciclo social da subsistência de nossa família, o qual era baseado economicamente na agricultura familiar, sendo o analfabetismo uma característica marcante da realidade social em que eu estava inserida quando criança.

Sendo assim, este trabalho teve proposta de desenvolver um estudo sobre a Educação Não Formal enquanto espaço formativo, assunto que me propus a pesquisar da melhor forma possível, pois estudar formas de acolhimento e inclusão na nossa sociedade é sempre atual e necessário.

Por isso, essa pesquisa procurou respostas para elucidar como a sociedade civil organizada busca, mesmo que de forma parcial, auxiliar crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social na comunidade de Erechim

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como foco a “Associação Beneficente Recriando a Vida”, localizada no município de Erechim/RS, a qual se faz presente no formato atual desde o ano de 2014; anteriormente, era conduzida pelas irmãs Teresianas; e atende crianças e adolescentes carentes do município no contraturno da educação formal.

A instituição, além de acolher a comunidade local, auxilia imigrantes venezuelanos, isso reflete uma iniciativa crucial em meio à crise migratória. A presença de voluntários desempenha um papel fundamental nesse cenário, oferecendo atividades educacionais, ainda

que informais, são essenciais para o desenvolvimento e aprendizado dos participantes, especialmente das crianças.

Nesse contexto, um dos maiores pensadores na área da educação, o conceituado intelectual Paulo Freire (1987, n/p), discorre que “se de um lado, a educação não é a alavanca das transformações sociais, de outro, elas não se fazem sem ela”. Essa colocação reflete o que ele fez em Angicos, quando alfabetizou trezentos agricultores no interior do Rio Grande do Norte, em 1963. Em 2002, a pesquisadora e educadora Nilcéa Lemos Pelandré escreveu sobre os efeitos a longo prazo do método utilizado por Freire:

Após entrevistar alunos que se alfabetizaram em 1963, a estudiosa descreveu que os participantes aprenderam a escrever palavras isoladas e frases simples e curtas. A aprendizagem mais significativa, segundo a pesquisadora, foi a elevação da autoestima e a consciência de não se sentirem mais excluídos do mundo letrado (Tribuna do Norte, n/p).

Dessa forma, percebe-se que é a educação que possibilita o tripé: ação - reflexão - ação. Para Freire (2000), a educação permite que o indivíduo, a partir da leitura da palavra, possa ler o mundo para transformá-lo. Assim, o ser humano de posse dessa compreensão, pode tentar mudar o *status quo* das classes dominantes que se valem do discurso neoliberal fatalista baseado em: “as coisas são assim e nada se pode fazer”. Contrariamente, o autor descreve que, se na natureza podemos mudar coisas que não construímos, podemos também mudar o mundo. “Mudar é difícil, mas é possível” (Freire, 2000, n/p).

Para Souza (2022), no Brasil a Educação Formal sempre foi um privilégio para poucos, assim, do Brasil Colônia até a revolução modernizadora de 1930, a organização da sociedade estava fundada na grande propriedade rural, então, à época a escola privilegiava os donos destas, e as elites. Após 1930, o estado brasileiro passou a organizar-se sob um novo modelo econômico. Com o processo êxodo rural e a industrialização, começou um movimento de transformação social, onde a educação ganhou um pouco de destaque. Assim, o Estado teve que aumentar a oferta de educação formal. No entanto, devido ao alto grau de seletividade do sistema de ensino, bem como a acentuada quantidade de repetência e evasão, essa alteração pouco contribuiu para elevar as taxas de escolarização no país.

Na mesma obra, Souza (2022), tece críticas à instituição escolar, à qual excluía os que não se “encaixavam”, assim, o autor dedica um capítulo do seu livro “A Ralé Brasileira: Quem é e como vive” (2022), para descrever como ocorre a má-fé institucional e como essa

também contribui para a exclusão de uma grande parcela de brasileiros. Nas palavras do autor (2022):

Quando falamos de má-fé institucional, estamos nos referindo a um padrão institucional que se articula tanto ao nível do Estado, através dos planejamentos e das decisões em relação à alocação de recursos, quanto ao nível do micropoder, isto é, no nível das relações de poder cotidianas entre os indivíduos que, dependendo do lugar que ocupam na hierarquia social, podem mobilizar de forma diferente os recursos materiais e simbólicos que as instituições oferecem (Souza, 2022. p. 243).

Souza (2022), ressalta que, as classes menos favorecidas ~~por~~ não adquirirem as disposições básicas de aprendizado desde o berço que são: “autocontrole, concentração, disciplina, cálculo prospectivo e sentimento de responsabilidade moral para com os estudos”, e a educação da época sendo “livresca, acadêmica e aristocrática” (Souza, 2022, p.245), privilegiava a elite que possuía esses dons como naturais.

No início do século XX até meados dos anos 90, existia uma dualidade na educação, de um lado, as escolas técnicas pensadas para as classes menos privilegiadas para essas desenvolverem somente as aptidões mínimas para o trabalho principalmente na indústria. De outro lado, havia instituições de ensino destinadas à formação da elite econômica e intelectual da sociedade. Saviani (1983) é um dos principais teóricos da educação no Brasil, e discute amplamente a dualidade estrutural da educação brasileira, mostrando como o sistema foi historicamente pensado para manter a desigualdade social.

O cenário sofreu alguma alteração no Brasil com a redemocratização nos anos 80 e com a Constituição Cidadã¹. Somado a governos mais progressistas que, criaram universidades pensando no acesso dos que sempre estiveram à margem da sociedade, e nem ao menos idealizavam o ingresso no ensino superior, principalmente os negros, pardos e indígenas e para as pessoas com renda inferior que não tinham dinheiro para pagar cursinhos caros para entrar em universidades públicas de renome como a USP e a UFRGS, entre outras.

Nessa perspectiva, para proporcionar condições de acesso mais igualitárias em um país como o Brasil, com uma desigualdade gritante nas mais diversas áreas, acentua-se a necessidade de se pensar em uma formação básica equiparada para as diferentes classes sociais, para assim proporcionar condições semelhantes para todos os concorrentes a uma vaga universitária.

¹ Constituição Federal 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm .

A Constituição Cidadã, de 1988, especificamente no seu artigo 205:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Lei nº 14.172, de 10 de junho de 2021.

A partir desse artigo constitucional, as legislações infraconstitucionais, que não podem contrariar a Constituição Federal, logo, todos os entes da Federação devem salvaguardar esse direito aos cidadãos em todo o território nacional. No entanto, apesar de ser um direito de todos, garantido pelas cláusulas pétreas, a Educação não é acessada por todos. Os governos mais progressistas criaram algumas estratégias para mudar essa situação nos últimos anos com as políticas públicas em torno da educação, mas mesmo assim, elas não atingem a totalidade da população como esperado legalmente, e ainda existem grupos que não conseguem acessar a educação formal garantida pelo Estado.

Nessa direção, a Educação Popular e Social também estão inseridas no cenário educacional brasileiro, caracterizando-se como uma via alternativa de luta, resistência, emancipação e para oferecer suporte e inserção as classes mais vulneráveis da sociedade, como é o caso da Associação Beneficente Recriando a Vida, que realiza trabalho com esse segmento da população através da ajuda de voluntários. O trabalho desenvolvido naquele espaço tem a intenção de auxiliar as pessoas, que dele fazem parte, em sua integração na comunidade Erechinense e no mercado de trabalho.

Dessa forma, a partir do exposto, destaca-se que a problemática da pesquisa emerge do contexto atual, em que acolher e inserir crianças e adolescente na comunidade e no mercado de trabalho é importante, pois, somente com a garantia de cidadania plena é que uma nação avança para o seu desenvolvimento. Assim, discutir alternativas para o acolhimento dos mesmos nas diferentes dimensões sociais é urgente e necessário, e uma delas é pelo viés educacional, onde são oferecidas oportunidades de aprendizado, de maneira informal e voluntária, para essa parcela da população, com a finalidade da inserção dessas pessoas na comunidade local e no mercado de trabalho.

Dessa maneira, destaca-se a relevância do tema central da presente pesquisa “O papel dos voluntários na Associação Beneficente Recriando a Vida e a sua contribuição no acolhimento de crianças e adolescentes na comunidade Erechinense”.

Nesse sentido, a pergunta que essa pesquisa buscou responder é: Em que medida o trabalho dos(as) voluntários (as) com suas práticas educacionais, no contexto da Associação Beneficente Recriando a Vida de Erechim, contribui para o acolhimento e inserção de crianças e adolescentes na sociedade e no mercado de trabalho tendo em vista os pressupostos da Educação Popular/Social?

Como objetivo geral, tivemos a intenção de identificar as práticas educacionais que são desenvolvidas por voluntários na Associação Beneficente Recriando a Vida no contexto da Educação Popular e Social, e compreender como essas práticas contribuem para o acolhimento e inserção das crianças e adolescentes na comunidade. Para refletirmos de forma mais sistêmica e assertiva, elaboramos alguns objetivos específicos: Caracterizar, através do aporte teórico e metodológico, os conceitos e práticas relacionadas à Educação Popular e à Educação Social; Apresentar a Associação Beneficente Recriando a Vida e contextualizar sua atuação no cenário local e de que forma as ações e práticas educacionais desenvolvidas, são relevantes para as crianças e adolescentes atendidos; Diagnosticar os principais desafios que os voluntários, que trabalham na instituição, percebem/sentem ao acolher os que ali frequentam e, por fim, elaborar como produto educacional, um documento orientador que auxilie os voluntários em suas práticas educacionais.

O tema e a problemática da presente pesquisa encontram-se alinhados com o Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul *Campus* Erechim, e com a linha de pesquisa 2: Pesquisa em Educação Não-formal: Práticas Político-sociais, a qual se ocupa do estudo das relações e práticas educacionais informais e a sua contribuição para o desenvolvimento de uma educação inclusiva. Além disso, esse programa de pós-graduação estuda a contribuição da Educação Popular na América Latina e suas implicações para a humanização e a emancipação dos sujeitos. Assim, considerando a alta desigualdade social existente na América Latina, faz-se necessário pensar e constituir alternativas viáveis de inclusão e aprimoramento da educação, para que essa, de fato contribua para o desenvolvimento humano, social e econômico.

Diante disso, foi necessário desenvolver uma pesquisa acadêmica que tratou de um espaço de educação não-formal, o qual contribui para a inclusão de determinados segmentos sociais que, de alguma forma, encontram-se à margem do sistema educacional.

Em vista disso, a relevância social dessa pesquisa justifica-se na busca pelo aprofundamento da temática e o levantamento de dados que essa desenvolveu. Ainda, a

presente pesquisa integra o Programa de Pós-graduação em Educação Profissional - PPGPE, que tem como requisito para conclusão do curso a elaboração de um produto educacional que deverá contribuir com a realidade pesquisada de uma maneira prática. Além do retorno para a sociedade em forma de conhecimento acadêmico produzido, será disponibilizado também, no caso dessa pesquisa, um documento orientador, confeccionado pela pesquisadora, para que seja utilizado como subsídio aos voluntários que prestam, ou prestarão serviços em projetos da Associação Beneficente Recriando a Vida. A ideia é que o documento também possa orientar outras pessoas que desenvolvem trabalhos semelhantes em outros contextos.

Enquanto cidadã e pesquisadora, ao me inserir nesse ambiente de educação não formal, pude enriquecer meu aprendizado, compreender mais sobre esses espaços que produzem vivências, aprendizagens e acolhimento, bem como, firmar posição na busca pela melhoria da educação, também em espaços de educação para além do contexto de sala de aula, em ambientes de ensino não formal.

A partir deste estudo, espero contribuir para uma maior visibilidade do tema, evidenciando a necessidade de explorar os espaços de ensino não formais, e, também, como estímulo para que ocorra maior engajamento dos demais setores da sociedade. Criando o entendimento de que, ao amenizar as desigualdades em nosso país, todos crescem juntos e o mundo torna-se mais humano e igualitário.

A sociedade está em constante movimento e modificações, nesse aspecto é importante pesquisar sobre os temas que surgem em função da dinâmica da qual ela é composta. Assim, as escolas e as universidades podem contribuir para tornar os fatores sociais compreensíveis e aprimorados, e para que esses contribuam para uma prática e efetivo avanço social.

Diante dessa realidade, a relevância social do trabalho é de fundamental importância para promover um acolhimento e inserção desses cidadãos na sociedade com mais dignidade, uma vez que, somente o poder público não tem conseguido dar conta das demandas referentes ao atendimento de todos que estão em situação de vulnerabilidade. Assim, o denominado terceiro setor ocupa um espaço significativo na nossa sociedade. Por isso a presente pesquisa, que foi realizada junto a instituição Recriando a Vida, buscou contribuir, tanto através da realização de pesquisa acadêmica sobre o tema, como por meio da elaboração do Produto Educacional que tem a intenção de contribuir com as pessoas que prestam serviços voluntariamente na obra e na sociedade.

Assim, como mestranda de um programa de Mestrado em Educação e servidora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - *Campus* Erechim, a qual tem como compromisso a oferta de uma formação de cunho mais igualitário para todos e a missão de contribuir com o desenvolvimento regional, ao pesquisar os processos de educação não formal que acontecem na sociedade em que a UFFS está inserida, busquei dar uma pequena contribuição, enquanto acadêmica, a respeito do tema.

Para a realização do presente estudo, a metodologia caracterizou-se por uma abordagem de cunho qualitativo e pesquisa exploratória. Quanto aos procedimentos para obtenção dos dados foi realizada Pesquisa Bibliográfica e Estudo de Caso. As técnicas para coleta de dados foram: entrevistas semiestruturadas e observação do local. O objetivo principal das técnicas apresentadas, foi de obter informações para elencar quais são as práticas educacionais utilizadas no contexto e, como essas contribuem para o desenvolvimento das crianças e adolescentes que frequentam o local e, ainda, para que os mesmos consigam inserir-se na sociedade e no mercado de trabalho local como cidadão conscientes do seu papel no e com o mundo.

A pesquisa está estruturada em cinco capítulos. Dessa forma, o capítulo introdutório apresentará o tema da pesquisa, o problema, os objetivos propostos, a justificativa pessoal e a relevância acadêmica e social da pesquisa. Por fim, serão apresentados os capítulos que compõem a pesquisa.

O segundo capítulo apresenta alguns conceitos e elementos de: Educação, Educação Popular, Educação Social, Educação Não Escolar, Práticas Educacionais, Voluntariado/Militância, a partir de uma revisão teórica e bibliográfica, especialmente através das lentes de Paulo Freire, Jessé Souza, Maria da Glória Gohn, Thiago Ingrassia Pereira e Fernanda dos Santos Paulo, dentre outras autoras e autores.

No terceiro capítulo é caracterizada a Associação Beneficente Recriando a Vida. São abordados os temas: desigualdade e classe social no contexto atual. A partir desse cenário, está evidenciado o trabalho realizado na Associação, em relação às crianças e adolescentes atendidos.

O quarto capítulo apresenta as escolhas metodológicas que serviram de suporte para o desenvolvimento da pesquisa, e possibilitaram, a partir dos métodos e técnicas referenciados, apresentar apontamentos pertinentes ao problema de pesquisa que motivou o estudo.

O quinto capítulo apresenta os dados obtidos através do estudo de caso, com a técnica de entrevista semiestruturada, que foi realizada com voluntários da Associação Recriando a Vida. A partir disso, a análise aconteceu através das perspectivas dos autores escolhidos no aporte teórico.

Como apêndice da pesquisa, foi apresentado o Produto Educacional que consiste de um Documento orientador com algumas sugestões para facilitar o trabalho de voluntários que atuam no acolhimento de imigrantes. O Produto Educacional é pré-requisito para conclusão do Mestrado e constitui-se em uma contribuição do pesquisador para com seu campo de pesquisa.

2 PENSANDO ALGUNS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO

2.1 EDUCAÇÃO: BREVE SOBREVÃO EM ALGUNS PRESSUPOSTOS

A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender.
Paracelso

O aprendizado acompanha o ser humano desde seu nascimento, o qual em um primeiro momento, precisa de cuidados, e a medida em que vai crescendo, precisa estar em constante aprendizado para permanecer um ser em contínua construção. Os seres humanos são os únicos animais racionais, e por isso são capazes de desenvolver diversas habilidades no percurso da vida. Sendo assim:

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser sujeito. O homem deve ser sujeito de sua própria educação (Freire, 2023, p. 34).

A sociedade moderna só pode se manter se existir uma homogeneidade entre seus membros, assim a educação contribui para perpetuar e fortalecer essa homogeneidade, gravando previamente na alma da criança, a medida em que essa vai crescendo, as semelhanças essenciais exigidas pela vida coletiva (Durkheim, 2011, p 53).

Sem uma certa ordem e concordância com regras coletivas, nenhuma sociedade se desenvolve e ou sobrevive, pois os ensinamentos têm a função de moldar e aperfeiçoar o ser humano que, segundo Durkheim (2011), nasce “egoísta e associal”, a educação o torna capaz de levar uma vida moral e social. “Ela cria um novo ser no homem” (Durkheim, 2011, p.55). A educação pode fazer brotar o que nós seres humanos temos de melhor, “de fato, o homem só é homem porque vive em sociedade” (Durkheim, 2011, p.58). Do contrário, voltaríamos a ser instintivos e animais, ineptos para a convivência social, o que não se espera do homem moderno.

Por sua vez, Paviani (2016) nos traz a perspectiva da educação e da formação científica. Para o autor, “a educação é universal, cada grupo social primitivo ou civilizado tem seu quinhão próprio” (p.29). A ciência tal qual a conhecemos hoje, “a ciência moderna e, em

consequência, a tecnologia são propriedades de países ricos que investem em pesquisa científica" (p.29). Assim, atualmente, não se pode dissociar a educação da ciência, “pois as duas andam juntas e, em certas circunstâncias se confundem” (p.29).

De acordo com Paviani (2016), “na sociedade pós-industrial ou pós-moderna, educação e ciência determinam-se mutuamente e constituem-se dialeticamente como um único sistema” (p.30). É certo que, para formarmos cientistas e pesquisadores é necessário acessar os saberes que a escola oferece, pois uma depende da outra para existirem. De fato, é, segundo o autor, “impossível imaginar pesquisadores e cientistas que não tenham tido uma adequada formação escolar” (p.30).

No mesmo sentido, o autor conclui que, “podemos reafirmar que a união da educação e da produção científica depende da melhoria de vida do homem cotidiano e dos projetos de país e de mundo que queremos para nós e as novas gerações” (p.43). É impossível não reconhecer o quanto o aperfeiçoamento da ciência tem papel fundamental na evolução da nossa sociedade. Sem ela voltaríamos praticamente à barbárie.

Carlos Rodrigues Brandão, intelectual brasileiro, fez um apanhado histórico acerca do conceito de educação, em sua obra *O que é Educação* (2013). Em um primeiro momento, o autor enfatiza que devemos aprender com os povos originários, em uma referência à Carta que os indígenas das Seis Nações² escreveram para o governo americano, agradecendo o convite por enviar alguns membros da aldeia para as escolas “dos brancos”.

O autor ressalta ainda que, quase tudo o que se discute sobre educação atualmente, suas questões mais importantes, está nessa carta. A citação a seguir, abre caminhos para pensarmos sobre os pressupostos da educação não-formal, as discussões que permeiam esse conceito nos serviram de base para o desenvolvimento deste estudo. Sendo assim, para Brandão:

Não há uma forma única, nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante (Brandão, 2013, p.9).

O autor também aborda o surgimento da Escola enquanto instituição voltada a atender às necessidades de aprendizado apresentadas pela humanidade ao longo da história. Nos

² A "Carta da Seis Nações" refere-se a um documento histórico, provavelmente uma carta escrita pelos líderes da Confederação Iroquesa, composta pelas tribos Mohawk, Oneida, Onondaga, Cayuga, Seneca, conhecida como Seis Nações, em resposta a uma oferta colonial.

primórdios, os ensinamentos eram passados de forma geracional: dos mais velhos, considerados mais experientes, para os mais jovens, isso feito de modo informal, muitas vezes através da oralidade. Porém, com o desenvolvimento das sociedades e as conquistas da humanidade, essa forma de transmissão do conhecimento não foi mais possível. Assim, a partir do momento em que o conhecimento passa a ser institucionalizado, a educação também passa a transformar-se em um sistema de controle de poder e discriminação, conforme constata Brandão (2013):

Por toda parte, onde ela deixa de ser totalmente livre e comunitária (não escrita) e é presa na escola entre as mãos de educadores a serviço de senhores, tende a inverter as utilizações dos seus frutos: o saber e a repartição do saber. A educação da comunidade de iguais, que reproduzia em um momento anterior à igualdade, ou a complementaridade social, por sobre diferenças naturais, começa a produzir desigualdades sociais por sobre igualdades naturais, quando aos poucos usa a escola, os sistemas pedagógicos e as “leis do ensino” para servir ao poder de uns poucos sobre o trabalho e a vida de muitos (Brandão, 2013, p. 35).

Os contextos alteram-se conforme as mudanças ocorrem, na seara educacional não é diferente, assim, conforme se desenvolve, a educação sai dos muros escolares e ganha outras formas e denominações como será conceituado a seguir, dentre outras a Educação Popular e Educação Social e a Educação Não escolar. No entanto, não se sugere que as demais formas e contextos não são importantes, porém, para o presente estudo, são as que mais corroboram para responder o problema de pesquisa aqui proposto.

2.2 EDUCAÇÃO POPULAR: ENTRE A RESISTÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS POSSIBILIDADE

A Educação Popular, segundo Paludo (2015) “como campo do conhecimento e como prática educativa se constituiu em exercício permanente de crítica ao sistema societário vigente, assim como de contra-hegemônica ao padrão de sociabilidade por ele difundida”. A Educação Popular, desde o seu surgimento, tem buscado contribuir para a construção da resistência por meio de um outro projeto de sociedade menos desigual.

Os saberes repassados situam-se dentro de uma perspectiva de ensinamentos de cunho mais informal e contribuem para a formação de diferentes grupos, os quais se utilizam desse modelo de educação com o intuito de melhorar as condições de vida dos mais excluídos socialmente. Nesse compasso, ao abordar a Educação Popular, Pereira (2018) aponta que “é

um movimento de afirmação dos saberes populares, de resistência (denúncia) e de construção (anúncio) de novas possibilidades” (p.108). Por isso, “a Educação Popular é um movimento político e pedagógico relevante que tem suas origens em diversas experiências antissistêmicas na América Latina do século XX” (Pereira, 2021, p. 2). Ainda de acordo com o autor, a Educação Popular entra no Brasil institucionalmente nos anos de 1980, ligada ao contexto político e eleitoral daquela época. Para Pereira (2021), a Educação Popular surge nas “margens” do sistema, a partir da atuação de movimentos populares do campo e da cidade.

Assim, das margens para o centro, do não formal para o formal, o movimento é parte e traço potente da Educação Popular. Por isso, militantes e intelectuais do campo deparam-se com o desafio de sua permanente reinvenção, tendo em vista as mudanças históricas na base material e simbólica das sociedades (Pereira, 2021, p. 2-3).

Essa forma de transmitir conhecimento nasce, principalmente, no bojo dos movimentos sociais e das lutas por igualdade e melhores condições de vida, tanto na esfera social quanto política e, sendo assim, as pessoas que estão nesse contexto identificam-se com o ambiente educacional e com as práticas que emergem do mesmo, facilitando o aprendizado e a formação de todos os envolvidos. A Educação Popular pode ser entendida como “expressão pedagógica de um projeto político de sociedade” (Pereira, 2021, p. 3).

A Educação Libertadora pensada, conceituada e difundida pelo educador Paulo Freire, com caráter emancipatório e de construção coletiva, em que o educando é parte do processo de ensino-aprendizagem, tem servido de base para muitos educadores, e pode ser apontada como um exemplo de educação para a emancipação. Nesse sentido:

A didática da Educação Popular Freireana pode ser trabalhada em diversos contextos e propostas metodológicas; e, em nosso caso, nos inspiramos em alguns livros de Paulo Freire para fundamentar a didática da Educação Popular, a saber: a) Cartas à Guiné Bissau: registros de uma experiência em processo; b) Ação Cultural para a Liberdade; c) Pedagogia do Oprimido; d) Pedagogia da Esperança; e) Pedagogia da Indignação. Nestas obras podemos localizar conceitos importantes para a fundamentação da Educação Interdisciplinar, tais como: educação libertadora, anúncio/denúncia, apreensão (da realidade), codificação/decodificação, autonomia, coerência teórico-prática, comprometimento, engajamento, curiosidade, escuta sensível, pesquisa, criticidade, conscientização, dialogicidade, participação, diretividade, emancipação e palavração (Paulo, 2023, n/p).

O pensamento Freireano foi e é importante para o aperfeiçoamento da Educação de um modo geral, mas principalmente por pautar a educação não escolar, uma vez que questiona

os métodos de ensino da pedagogia tradicional, seus temas de estudo e práticas pedagógicas emergem do seu trabalho como educador, inserido em distintas realidades sociais, buscando transmitir saberes amparados na realidade das pessoas e que fizessem sentido para as mesmas, ou seja, um “fazer de experiência feito”. Paulo Freire (2022), descreve a Educação Popular como saber de comunidade, em que o “dizer a palavra” é feito de modo mais igualitário e uma forma de resistência aos saberes institucionalizados.

Gadotti (2012), ressalta a importância da Educação Popular: “Entendo que, mesmo quando essas educações procuram integrar os sujeitos à sociedade, não o fazem mecanicamente: integram para transformar a sociedade na qual são integrados. Integrar é incluir para emancipar”. Na mesma linha, o autor complementa:

“Por outro lado, não é minha intenção ficar polemizando em torno dos diversos discursos dessas concepções, diferentes e complementares da educação. Precisamos politizar mais nosso argumento é polemizar menos, ver primeiro o que nos une, valorizar mais a luta do que a disputa (Gadotti, 2012, p. 3).

Independentemente das diferentes denominações e perspectivas que se impõe ao conceito de Educação, frequentemente essas se enlaçam com movimentos sociais de luta e sob as exigências de diferentes categorias que buscam atuar com a intenção de melhorar as condições de vida de determinados grupos da sociedade denominados “minorias”.

Nesse sentido, destacamos a experiência prática de êxito em torno da Educação Popular de uma professora da Pontifícia Universidade Católica - PUC/RS, em que a mesma, em artigo publicado em 2010, descreve a oferta de um curso superior de Pedagogia com ênfase em Educação Popular, concluído em 2009, o qual teve o currículo pensado com a intenção de interligar os conhecimentos acadêmicos com os saberes dos educandos, assim suas histórias de vida foram ressignificadas, avivando “o processo educativo no Curso de Pedagogia na perspectiva do empoderamento dos sujeitos – tanto dos educandos como dos educadores” (Freitas; Machado, 2010, p. 2).

Dessa forma, percebe-se que alinhar a teoria com a prática para uma efetiva troca de saberes entre o que é desenvolvido na academia e a prática nas escolas desde a base, gera frutos duradouros. Por isso, “práxis pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a consequente prática que decorre dessa compreensão, levando a uma ação transformadora” (Rossato *apud* Pereira; Linke; Hubner, 2023, p. 12). E seguem pontuando:

Esse é um ponto importante: não estamos tratando apenas da dimensão interpretativa da realidade que, por si só, já tem uma relevância à pesquisa em ciências humanas. Mas, junto a isso, assumimos um compromisso com a transformação da realidade, logo, com a produção de um conhecimento que possa contribuir de forma objetiva para uma melhor ação educativa (Pereira; Linke; Hubner, 2023, p. 12).

É apropriado destacar mais uma vez o que foi exposto na introdução: a importância dos Mestrados Profissionais na área da Educação, pois com o seu formato de prezar pela construção de um produto educacional, esses ao final são aplicados tanto na educação escolar, quanto na não escolar, o que reverbera em uma construção significativa e importante para alinhar teoria e prática.

A importância da formação continuada e de qualidade para a comunidade escolar e não escolar é imprescindível. Nas palavras de:

Com base nisso, cabe reforçar pública e explicitamente a relevância da formação docente para que a escola de Educação Básica promova uma educação de qualidade, aprimoramento além de desenvolvimento cognitivo, o fortalecimento dos princípios de uma sociedade democrática, que prima pela construção da cidadania plena. Diante disso, fica fortalecida a demanda pela formação de profissionais da educação em nível de pós-graduação *stricto sensu*, para atuar na Educação Básica, cabendo às instituições formadoras o compromisso com a promoção do debate crítico e ético renovado sobre questões educacionais, principalmente, sobre a organização e o desenvolvimento dos processos formais e não formais (Sartori; Pereira, 2019, p. 21).

A Educação Popular é aquela que está presente em contextos em que esta é mais necessária. Assim é a Recid³, uma Rede de Educação Cidadã que juntou diversos atores e grupos sociais em torno de uma missão e em um projeto sistemático de sensibilizar, mobilizar e de educação popular para os grupos minoritários e excluídos historicamente.

Nessa instituição, os educadores e os educandos precisam estar constantemente motivados e dispostos a procurar vias alternativas de colocar em práticas aprendizados que de fato contribuam para a emancipação dos educandos/cidadãos, nas palavras de Bell hooks: “O primeiro paradigma que moldou minha pedagogia foi a ideia de que a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo, nunca de tédio” (hooks, 2017, p. 16).

³Mais informações sobre a RECID podem ser buscadas no endereço: <https://recid.redelivre.org.br/2013/04/04/ha-10-anos-rede-de-educacao-cidada/>. Acesso em: 23 set. 2024.

Em seu livro “*Cartas Pedagógicas aprendizados que se inter cruzam e se comunicam*”, Camini relata o uso das Cartas Pedagógicas na formação e na pesquisa de educadores populares e pontua:

Por isso, inaugura com esta experiência, outra forma de comunicar pedagogia em rede, quando incentiva, dá condições e exercita a composição de cartas coletivas, com a intenção de anunciar nosso trabalho de educação popular. E, à medida que avançarmos neste princípio de escrever cartas, com a finalidade de que sejam lidas e, mais ainda, dermos um passo adiante, incentivar respostas pedagógicas às cartas pedagógicas, vamos concretizando a vivência de uma nova cultura, tanto de escrita da palavra, quanto da leitura da realidade da vida (Camini, 2012, p 76-77).

Diante desses relatos, percebemos como Camini inovou no uso das Cartas Pedagógicas, pois nelas contém registros de “conteúdo formativo e informativo, onde se comunica uma reunião, um encontro, uma roda de conversa, um seminário, um encontro de juventude, uma avaliação, ou outras reflexões” (Camini, 2012, p. 80). O próprio Paulo Freire salientou que não queria ser copiado e sim reinventado, aqui se entende a importância desse modo de escrita para a Educação Popular.

Quando se estuda a respeito dessa modalidade de educação percebe-se o quanto ela é indispensável para o contexto, não só do Brasil, como em toda a América Latina, tendo em vista o elevado índice de desigualdades que permeiam a sociedade desde sempre. É com ela que se têm construções coletivas capazes de contribuir para alterar, ainda que lentamente, alguns fatores dessa desigualdade, ideias essas pautadas na noção de “mudança”, assim, “Essa ideia de mudança é um elemento potente na definição de um projeto político e pedagógico transformador, pois considera as profundas desigualdades sociais que provocam um cenário estrutural de injustiças sociais” (Pereira, 2021, p.5).

Nessa linha, atualmente é difícil imaginar um mundo sem a quantidade de conhecimentos que circulam. Foi através da junção de diferentes aprendizados que a humanidade se desenvolveu e organizou-se politicamente, pois, sem esses, viveríamos em um estado de guerra de todos contra todos, em busca de subsistência, seria um “salve-se quem puder”. Então, a Educação é parte fundamental para o crescimento das nações, não existe certo ou errado quando se fala em educação, tudo o que se tem de concreto, atualmente, faz parte de uma construção histórica e coletiva. A humanidade continuará a construir e aperfeiçoar cada vez mais a educação em suas diferentes formas e contextos.

Um dos traços marcantes da Educação Popular é de tentar chegar a locais em que as instituições formais de ensino não se fazem presentes ou não têm interesse em atuar. Nesse sentido, a educação coloca-se como uma das possibilidades de construção coletiva com a intenção de pautar a luta pela transformação da sociedade e contra todas as formas de opressão.

De acordo com Paulo Freire (2022), o ser humano é um ser inconcluso e racional que pode buscar, no convívio com seus semelhantes e na educação, a transformação da sua realidade e da sociedade a qual pertence. O ser humano como um ser pensante, sabe-se inacabado e consciente disso consegue desafiar-se para o “ser mais”. Freire, como um educador que primou por uma pedagogia humanizada e humanizadora, inspira processos educacionais, demarcando uma forma de pedagogia:

A vocação para a humanização, segundo a pedagogia freireana, é uma marca da natureza humana que se expressa na própria busca do ser mais, através da qual o ser humano está em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo, além de lutar para ir além de suas próprias conquistas. Essa busca do ser mais, segundo Freire, revela que a natureza humana é programada, jamais determinada, segundo sua dinâmica do inacabamento e do vir-a-ser (Zitkoski, 2008, p 423).

Ainda conforme Freire (2022), o ser humano é desumanizado quando é reduzido a um simples objeto, ou estatística, ou quando sua capacidade de pensar e agir são reprimidas pelas estruturas opressoras da sociedade. Dessa forma, a importância cada vez maior da Educação Popular como uma forma de resistência e luta contra esse processo promovendo autonomia, consciência e a libertação dos indivíduos. Isso ocorre quando o ser humano percebe que sua humanização pode ser um processo lento e contínuo, “a educação é um caminho permanente de busca pelo “ser mais”, o que implica, inexoravelmente, em manter-se em constante luta contra as injustiças e as desigualdades”

Assim, percebe-se a importância da Educação Popular com base freireana, quando esta busca não apenas transmitir/depositar conhecimentos, mas tornar os indivíduos conscientes de que é possível sua própria transformação e a consequente mudança do mundo que os cerca. Com isso, o principal papel da Educação Popular é abrir caminhos para a construção de uma sociedade mais justa e equânime em que todos possam ser agentes transformadores da história.

Nesse sentido, temos que debater sobre a Educação com seu conceito mais amplo, bem como algumas especificidades que a acompanham e os mais diversos tipos de educadores e suas formações. Esse é um compromisso de toda a sociedade que de fato deseja e busca soluções para melhorar o futuro, com bases no desenvolvimento, com melhores condições para todos. Na próxima seção, discorreremos sobre Educação Social e o Educador Social e sua importância para uma parcela da sociedade que tem maior dificuldade de acesso aos bens de consumo, inclusive a educação.

2.3 EDUCAÇÃO E O EDUCADOR SOCIAL

Todo e qualquer sinônimo que se queira atribuir a educação terá um sentido de ser social, isso é, o sentido de constituir o ser humano como cidadão, que participa de forma consciente do seu contexto social com o intuito de transformá-lo. O Educador Social atua, e é imprescindível, em espaços em que há grandes áreas de aglomerações urbanas com altos graus de conflitos e vulnerabilidades.

Nesse sentido, Gohn (2010), define a contribuição dos educadores sociais:

O Educador Social ajuda a construir com seu trabalho espaços de cidadania no território onde atua. Esses espaços representam uma alternativa aos meios tradicionais de informação que os indivíduos estão expostos no cotidiano via meios de comunicação - principalmente a TV e o rádio (Gohn, 2010, p. 52).

De acordo com Paulo (2020), a Educação Social é o campo de atuação dos trabalhadores, especialmente da política de assistência social, cuja prática educativa não escolar exige saberes específicos, diferentes daqueles ensinados na escola. A atuação desses educadores pode ser embasada pela Educação Popular, a qual nos referimos no título anterior, tendo em vista que a prioridade dessa é desenvolver a consciência crítica nos educandos e a possibilidade de mudança defendida por Freire.

Ainda, conforme Paulo (2020), o campo de atuação dos trabalhadores da assistência social vem constituindo-se como uma nova área (não consta como área das Ciências Humanas ou das Ciências Sociais Aplicadas), porém com ações práticas dentro do espaço universitário para promover a Educação Social, por exemplo, a UFRGS tem uma área com estágio neste campo.

A UFRGS é pioneira na Educação Social no Brasil e oferece a disciplina "Educação Social: fundamentos e práticas" no curso de Licenciatura em Pedagogia, além de possibilitar o estágio intermediário nessa área. A professora Karine dos Santos, especialista em Educação Social, ⁴destaca a importância de se pensar a educação para além da escola, valorizando o aprendizado em diversos espaços e contextos.

De acordo com Paulo (2020) a Educação Social é um campo de atuação do profissional ligada ao Serviço Social e não uma prática, tendo em vista que a atuação desse educador está regulamentada na Lei nº 2.941-A de 2019, que rege a profissão do Educador Social e a mesma consta na CBO (Classificação Brasileira de Ocupações)_sob registro 515305.

Nesse sentido, devido ao grau de informalidade do local dessa pesquisa, o voluntário da associação pode ser um educador imbuído de boa vontade, no sentido de ajudar essas crianças e adolescentes. No desenvolvimento da presente pesquisa foi possível fazer afirmações mais conclusivas de acordo com o nível de comprometimento desse voluntário.

No campo educacional, houve um aumento da participação da sociedade civil organizada no sentido de contribuir para o atendimento das necessidades locais em que o Estado não atende às demandas. Nos anos 90, e com respaldo da Lei 9394/96, as instituições parceiras, prioritariamente as ONGs, passaram a contribuir mais na área da educação, destacando que, a mesma pode ocorrer nos mais diversos espaços (Carvalho; Carvalho, 2006).

Paulo (2019), cita a Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA) sendo esse, um movimento, organizado por educadores populares no Bairro Glória, na década de 1990, quando foi extinta a Legião Brasileira de Assistência - LBA, em 1993. Na época, houve reformulações das políticas sociais e educacionais e muitas creches comunitárias ficaram desassistidas.

A partir dessa realidade, educadores populares e lideranças locais uniram-se para dialogar com o Poder Público e viabilizar convênios em regime de colaboração com o objetivo de atender as necessidades da população local, considerando que a proteção à infância é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990. Desde então, o Movimento participa de “vários espaços na cidade

4 Matéria disponível em:

<https://www.ufrgs.br/jornal/educacao-social-oferece-multiplas-perspectivas-para-egressos-da-licenciatura/> . Acesso em: 17 jun. 2025.

para a realização de formação política e profissional de educadores “que atuam tanto em contextos escolares e não escolares.”

Nessa mesma linha, Paulo (2019), retrata a importância da instituição (AEPPA⁵), local em que são formados os Educadores Sociais, que trabalham com pessoas em situação de vulnerabilidade, os quais têm como objetivo a formação de cidadãos com caráter emancipatório, sujeitos capazes de intervir na sociedade. Reforçando:

Cabe frisar que o educador social atua na identificação das necessidades (políticas, sociais e educativas) de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Compreendemos, nesse sentido, que os educadores sociais trabalham com saberes educativos específicos diferentes daqueles da escola (Paulo, 2023, p. 7).

Para além da importância desses educadores na sociedade, a autora questiona qual o tipo de formação que esses educadores sociais devem receber, se pedagógica, superior tecnológico ou de nível médio, e aponta a necessidade do debate nacional acerca dessas questões.

Para a autora, o trabalho desses educadores deve ser interativo, em que o educador se insere no espaço ao qual vai atuar por meio da escuta e do diálogo, passa a agir, posteriormente, embasado nas vivências dos educandos, (Gohn, 2010, p. 54): “Forma-se assim uma espiral reflexiva que resulta num conhecimento fruto de um saber construído, via uma investigação emancipatória, porque construída a partir da cultura local, dos valores e pertencimentos da comunidade”.

A luta dos excluídos e marginalizados, que Souza (2022) define como “ralé”, é uma questão central no combate às desigualdades sociais no Brasil. Essa luta envolve não apenas os próprios marginalizados, mas também todos aqueles que trabalham em prol da emancipação dos trabalhadores, especialmente os mais vulneráveis. O objetivo é que, por meio de uma leitura crítica de sua realidade social, essas pessoas possam compreender o seu contexto e, assim, buscar transformar o status quo. Esse processo de conscientização é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Como referido acima, a sociedade civil, principalmente as ONGs passaram a atuar com mais intensidade na educação, sobretudo, nos espaços mais informais. Assim, essas instituições contribuem com a organização social e, com metodologias específicas, para que

⁵ O endereço da Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA) é a Rua Antônio Ribeiro, 350, no Bairro S, em Porto Alegre. No entanto, a informação pode ser encontrada no blog da AEPPA, que também possui uma página no [Blogger.com](https://www.blogger.com)

todas as pessoas tenham a possibilidade de serem alfabetizadas, principalmente, em espaços historicamente marginalizados.

Outra forma de pensar a Educação Social (Sául, 2023, p. 34) retrata essa como uma possibilidade de atuar junto a jovens em situação de rua e argumenta: “A ES propriamente conhecida olha para as crianças, adolescentes e jovens de e na rua, que precisam significar a educação como resposta aos seus conflitos emergentes do dia a dia, como o próprio fato de estarem na rua e precisarem serem tirados dela”.

A mesma questiona que quando esses meninos(as) chegam à escola não encontram “um ambiente acolhedor ou que atenda às necessidades específicas de sua realidade, vendo a escola, muitas vezes, como um ambiente distante e de cobranças, as quais não consegue cumprir com o êxito esperado pela equipe” (Sául, 2023, p. 34).

Diante dessa realidade, percebe-se como os argumentos dos autores da educação fora dos muros da escola tradicional ganham uma importância extremamente relevante, pois necessita-se de educadores(as) que valorizem as histórias, os aprendizados de cada um, indo *in loco* e convivendo com as diferentes realidades, já que, algumas pessoas nessa situação, encontram dificuldades na adaptação escolar, pois, normalmente, são estigmatizados e marginalizados.

De acordo com Pereira (2015), os estudiosos e os aplicadores dos ensinamentos de Paulo Freire preocupam-se em incluir a todos e em mover as salas de aulas para outros ambientes e circunstâncias, no sentido de tentar atingir a todos, independentemente das condições, pois, sem educação e o conseqüente poder que advém disso, não há mudanças profundas. Nas palavras do autor:

Se partirmos da assertiva de que conhecimento é poder e que este poder pode redistribuir os atributos e riquezas que são concentradas no sistema do capital, temos então, que o empoderamento pode ser entendido enquanto um processo e como tal requer. um investimento sistêmico de longo prazo. Nesse sentido, mesmo tendo uma dimensão individual, observa-se que o *locus* privilegiado deste processo não reside no indivíduo, mas sim na sociedade da qual ele faz parte (Pereira, 2015, p. 33-34).

O indivíduo precisa conscientizar-se de que, por mais que esse se esforce e trabalhe, sua ascensão social não ocorrerá se não tiver, no ambiente, condições sociais, políticas e culturais acessíveis. Essa conscientização perpassa pelo conhecimento e a sua conseqüente emancipação quando ele adquire a capacidade de entender seu entorno. Nas palavras de Gohn (2010):

Análise do processo de emancipação social, política e cultural remete-nos a refletir sobre vários temas na sociedade, a saber: direitos (civis, culturais e políticos), poder, dominação, etc. Inúmeros processos sociopolíticos emergem nesta análise, tais como: participação, democracia (representativa e participativa), cultura (em suas inúmeras manifestações, principalmente política), cidadania (individual e coletiva), liberdade, resistência, humanização, conscientização, etc (Gohn, 2010, p. 56).

O tema educação, não importando sua designação, deveria ser prioridade tanto para os setores governamentais como para a sociedade civil, pois é somente pela educação, e na construção coletiva, que avançamos e avançaremos:

Desde o começo do livro temos destacado a importância dos processos de cidadania, autonomia e emancipação sociocultural dos indivíduos que participam de associações, movimentos, projetos sociais etc., envolvendo a produção de saberes e aprendizagens na educação não formal. Por isso creio ser necessário melhorar a concepção de emancipação social (Gohn, 2010, p. 56).

Em seu livro “*A Educação para Além do Capital*”, Mészáros (2008) argumenta que é possível romper com a lógica do capital e pensar em uma Educação Socialista⁶ onde os educandos desenvolvem uma “contínua consciência socialista” (p.89). O autor ressalta, ainda, que não basta desenvolver o indivíduo, é necessário atingir simultaneamente “determinadas estruturas vitais de sua sociedade, somente no interior de uma perspectiva socialista o pleno significado da educação pode chegar à fruição” (p. 90).

Assim, independente da denominação que se dê à Educação, ela é peça fundamental para desenvolver no cidadão a consciência de que toda e qualquer mudança sempre faz parte da união coletiva em prol de reivindicações que beneficiem a todos. Nessa linha, sem romper com a lógica do capital, individualista e meritocrática, continuaremos a ser “escravos” dos 5% que detêm o poder financeiro em nosso país (Medeiros, 2023).

No próximo tópico, apresentamos outros espaços formativos, presentes na sociedade como comunidades, movimentos sociais, sindicatos que, embora distintos da educação formal, auxiliam na construção de ambientes mais democráticos.

⁶ Apresentamos um paralelo entre Educação Social e Educação Socialista: para Paulo (2020) a Educação Social é o campo de atuação dos trabalhadores, especialmente da política de assistência social, cuja prática educativa não escolar exige saberes específicos, diferentes daqueles ensinados na escola. Contudo, para a autora, toda a educação é social em sua essência. Mészáros (2008), define a educação socialista com um projeto que objetiva a transformação social, devendo ser emancipadora, buscando formar sujeitos críticos capazes de intervir na realidade e tendo como horizonte a autogestão social, em que o ser humano se apropria coletivamente da produção material e simbólica da vida.

2.4 EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR

A Educação Não Escolar, como o próprio nome já diz, refere-se às práticas que acontecem fora dos muros das escolas, no entanto, isso não quer dizer que ela não tenha intencionalidades e práticas definidas voltadas à formação dos indivíduos. De acordo com Libâneo (2002), a educação não escolar “ocorre em outros âmbitos de socialização, como a família, o trabalho, a comunidade, o grupo de amigos, instituições culturais e recreativas, entre outros espaços de convivência social” (p. 38).

Ainda, o mesmo autor destaca que essa forma de educação tem um caráter mais flexível, já que, diferentemente da educação formal, não segue um currículo rígido e não visa certificação. Sua natureza é espontânea e moldada pelas necessidades e interesses dos indivíduos, o que favorece o aprendizado contextualizado e a valorização da experiência prática. Essa educação contribui para a formação da cidadania e o desenvolvimento de competências sociais, valores e atitudes que complementam o conhecimento escolar (Libâneo, 2002).

A Educação Não Formal é uma modalidade que ainda não apresenta legislação própria, tendo somente pequenas menções e orientações de documentos oficiais. O ambiente no qual ela acontece está estruturado fora das escolas, como de fato conhecemos, inserindo-se em espaços informais. Os conteúdos são selecionados conforme o grupo atendido.

Para Gohn (2011) essa modalidade designa um processo com quatro campos ou dimensões. A primeira, envolve a aprendizagem política dos indivíduos como cidadãos. A segunda, é o desenvolvimento de habilidades e potencialidades para o trabalho por meio da aprendizagem. A terceira, é a formação para habilitar ao convívio comunitário na solução de problemas coletivos. A quarta, é a aprendizagem dos conteúdos da escola de uma maneira mais dinâmica e descontraída. Na quinta, dimensão a autora fala da educação desenvolvida, na e pela mídia, especialmente a eletrônica. Essa, ainda destaca o campo de educar para a vida, e arte de viver e conviver com todos em tempos de globalização.

A educação não escolar é marcada por sua flexibilidade, informalidade e forte integração com o cotidiano, possibilitando uma aprendizagem que emerge das relações sociais e das experiências diárias, como o convívio familiar, o trabalho e a vida comunitária (Gohn, 2006). Essa modalidade educativa permite que os indivíduos adquiram conhecimentos e valores de forma espontânea, em contextos reais, promovendo não apenas o saber, mas

também o desenvolvimento da cidadania e da consciência social. Além disso, tem papel relevante em movimentos sociais e coletivos, onde atua como espaço de formação crítica, organização e luta por direitos, favorecendo o empoderamento e a participação ativa na sociedade (Gohn, 2006).

Para Severo (2015), a Educação Não Escolar, como campo de práticas pedagógicas, parece não despertar uma preocupação na comunidade acadêmica, que não tem muita motivação em explorar os sentidos que essa expressão representa no contexto educacional. Para ele: “A Educação Não Escolar (ENE) não se limita à transmissão de conhecimentos sistematizados, mas engloba também a formação de valores, atitudes e habilidades para a vida”.

Salienta ainda que, essa modalidade representa para a sociedade pedagógica novas possibilidades de ensino-aprendizagem e, a “educação como fenômeno plurifacetado é extensivo a diversas esferas da sociedade leva a crer na existência de possibilidades potenciais de promoção da educabilidade humana em face de demandas que marcam os contextos de inserção dos sujeitos nas dinâmicas sociais” (Severo, 2015, p. 563).

A Educação acontece nas esferas dos “movimentos sociais e organizações populares, ONGs, presídios, hospitais, empresas, cursos livres, sindicatos, partidos políticos, teatro, atividades culturais escolares, mas abertas para a comunidade escolar etc” (FSP, 2020 p.30). Se ela acontece no interior dessas organizações tem, ou deveria ter, um caráter emancipatório e libertador onde o aprendizado partisse da realidade e sua compreensão para, em seguida, mudá-la.

Desse modo, seguimos pensando a educação com bases freireanas, a qual acontece de modo espontâneo, também capacita os indivíduos para a luta por um novo mundo possível. Desse modo, só essa educação nos possibilitaria superarmos, segundo Zitkoski; Hammes e Hammes (2021) a grave crise ética que enfrentamos em todos os segmentos da nossa sociedade, seja na política, na economia, na violência, nas questões ambientais e no próprio convívio diário. O capitalismo, com sua principal doutrina de dominação, o neoliberalismo, impõe o individualismo e a falta de empatia. Ressaltam também a importância de nos unirmos na luta contra tudo o que desumaniza o ser humano.

Nesse sentido, uma educação que prioriza o aspecto humano e a sua emancipação deve ser o objetivo. Nas palavras de Freire: a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo de transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, demonstra

nossa educabilidade e um nível distinto do nível do adestramento de outros seres vivos (Freire, 2022).

Após esses breves capítulos anteriores, falando sobre educação, sua evolução e modalidades, seguimos formulando algumas ideias sobre práticas educativas e metodologias, que se aplicadas de forma adequada, nos diversos contextos, têm maiores chances na construção de resultados positivos no sentido de atrair os educandos de forma que, esses sintam -se motivados a participar e promover mudanças pessoais e sociais de forma assertiva e emancipatória.

2.5 PRÁTICAS EDUCATIVAS: ALGUMAS OBSERVAÇÕES

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que a pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (Freire, 2022, p. 107).

O processo de ensinar e aprender perpassa todos os níveis escolares e, inclusive, em espaços que não se exigem um rigor ou formalidade excessiva, como nos processos de educação não formal, porém em todos os contextos é necessário que ocorra uma troca de saberes centrada, principalmente, no desenvolvimento do pensar/agir de forma autônoma na sociedade por parte do educando (Freire, 2022). Alguns teóricos como Piaget, Dewey, Montessori, Vygotsky, dentre outros desenvolveram ao longo de sua vida obras que servem de base para os educadores que possuem a preocupação de desenvolver um trabalho de forma a atingir resultados mais expressivos, um desses educadores é Paulo Freire, que dedicou muitos anos de sua vida atuando nesses processos.

Em sua obra, *Pedagogia da Autonomia*, o autor aponta que alguns saberes são indispensáveis ao educador problematizador e progressista, os quais devem colocar em prática, de forma que, o educando de fato possa “reforçar sua capacidade crítica e sua insubmissão”. E, também, de que - “faz parte de sua tarefa não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo” (Freire, 2022, p. 28).

O educador, segundo Freire (2022), deve desenvolver a autonomia do educando para que esse busque aprender e tenha a capacidade de procurar conhecimento por si próprio. O educador progressista também deve desenvolver algumas habilidades para se tornar um

docente ético e comprometido e, não um simples expositor de conteúdo. Dentre as habilidades propostas, destacam-se as principais, ensinar exige: rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes do educando; criticidade; estética e ética; corporificação das palavras pelo exemplo; exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; reconhecimento e a assunção da identidade cultural; ensinar não é transferir conhecimento, bom-senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, alegria e esperança de que é possível efetuar mudanças em um mundo imperfeito como o nosso.

Ainda, ensinar exige segurança, competência profissional, comprometimento e, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. O educador precisa, também, saber escutar, dialogar e principalmente querer bem e o bem dos educandos (Freire, 2022). Assim, quando se pensa na educação e em imigração, pode-se falar, também, com base em Paulo Freire, pois:

É possível utilizar a obra de Paulo Freire para pensar o tema da educação e migração, mesmo que o autor não tenha escrito diretamente sobre o assunto. A amplitude de seus escritos abrange um grande escopo de tópicos dentro da temática educacional (Magalhães; Azevedo; Amaral; Silva, 2021, p. 128).

Os autores acima argumentam em seus textos que, como Paulo Freire viveu no exterior por 15 anos, em decorrência do exílio no período da ditadura no Brasil, ele e sua família sofreram preconceitos nos países que migraram, principalmente nos Estados Unidos, por serem imigrantes e latinos. Ainda, ele e sua esposa, vivenciaram as dificuldades que seus filhos enfrentaram nas escolas americanas, sendo isso tão significativo que a filha, Cristina, ao escolher sua profissão, optou por ser professora e militante em favor do acolhimento e inclusão de imigrantes em nosso país.

Até hoje, é difícil pensar em práticas educativas verdadeiras, profundas e poéticas sem os ensinamentos de Freire. No trecho abaixo, o autor resume o que o ensinar exige que os educadores estejam:

No fundo, a atitude correta de quem não se sente dono da verdade nem tampouco objeto acomodado do discurso alheio que lhe é automaticamente feito. Atitude correta de que se encontra em permanente *disponibilidade* a tocar e ser tocado, a perguntar e a responder, a concordar e discordar. Disponibilidade à vida e a seus contratempos. Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chega, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da

desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil (Freire, 2022, p. 131).

Com a licença da citação longa, nesse trecho aparece toda a poesia do ensinar e aprender, não que o educador deva ser um “santo” ou trabalhar só por “amor à camisa”, no entanto, essas características servem de inspiração para muitos professores que realmente querem fazer o seu melhor e mudar alguns parâmetros em uma sociedade tão consumista e desigual.

Seguindo, Pereira (2015) que muito se dedica a estudar e (re)pensar Paulo Freire, discorre que, não só nas Escolas, mas, também nas Universidades o ambiente de estudos carece de humildade, principalmente, quando os educadores(as) trabalham junto às comunidades mais carentes. Os seres humanos, por serem sujeitos históricos em busca de aprimoramento, precisam: “assumir uma posição humilde significa, na atividade intelectual, saber que ninguém sabe tudo, que o conhecimento é um processo dinâmico e historicamente situado” (Pereira, 2015, p. 86).

A relação ensino-aprendizagem exige vontade, humildade, generosidade e o desejo de buscar mudanças significativas que permitam aos educandos sair do entendimento do senso comum, não que esse não seja importante, mas pensar de forma mais crítica ou talvez menos ingênua, nessa linha, ressalta Pereira (2018, p. 35):

Por isso, para Freire educar é conscientizar e isso não significa doutrinar, fazer “lavagem cerebral”. Pelo contrário, ao nos tornarmos conscientes, nos tornamos mais livres, mais capazes de tomar decisões, mais autônomos(as) diante dos outros(as) e de nós mesmos(as).

Atualmente, não é possível ignorar que, as Escolas e mesmo as Universidades, enfrentam muitos problemas como falta de infraestrutura, técnicos, etc. Os concursos foram diminuindo e a contratação temporária de professores desestabiliza e fragiliza a carreira do magistério. Para citar o que acontece mais próximo, a matéria do Jornal Zero Hora de fevereiro de 2024⁷ traz números alarmantes. Um levantamento, elaborado por uma Comissão

⁷ Informações disponíveis em: [Número de professores efetivos na rede estadual caiu 57% em 16 anos, diz relatório | GZH](#). Acesso em: 04 jul. 2025.

da Assembleia Legislativa do Estado do RS, revelou que, nos últimos 16 anos, o número de matrículas, isto é, os professores com carreira efetiva, caíram de 74.163 matrículas, em 2006, para 31.309 em 2022, perfazendo uma queda de 57,7%. Ainda, o número dos demais profissionais efetivos da escola caiu de 16.882 para 7.147 no mesmo período mencionado, totalizando uma queda de 57,6%.

Diante desse contexto, é importante reforçar o legado deixado por Paulo Freire em sua extensa obra, que, em seus ensinamentos pedagógicos, buscava ouvir a todos, levando em conta as vivências dos educandos, para construir o conhecimento contextualizado a partir da realidade vivida por cada um.

Ao se pensar em uma educação emancipadora e que proporcione autonomia, ainda seguindo os ensinamentos de Freire (2022), todo o cenário educacional é relevante para a formação integral dos educandos, tanto a parte estrutural, ou seja, a parte física e material das escolas, que precisa criar espaços acolhedores; assim como os recursos humanos que serão disponibilizados. Todo o contexto tem importância para que os estudantes possam desenvolver um novo olhar perante a realidade vivida por cada um, que por vezes, são levados a crer que mudanças na estrutura social excludente não são possíveis, e mesmo nem se percebem como sujeitos de direitos e, com condições de buscar alguma mudança em suas vidas.

Assim, não é possível pensar que só a escola e seus profissionais darão conta de todas as demandas de nossa sociedade, então, é importante destacar e, o faremos a seguir, o quanto é primordial a participação da sociedade civil e, dentro desta, as pessoas com consciência, empatia e elevado grau de comprometimento com a construção de um mundo mais justo.

2.6 A IMPORTÂNCIA DO VOLUNTARIADO E DA MILITÂNCIA NA SOCIEDADE CIVIL: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

O voluntariado e a militância têm uma longa história de conexão com diversos setores da nossa sociedade e essa relação evoluiu no decorrer do tempo. No Brasil, as primeiras evidências da contribuição desses remontam ao ano de 1543, quando foi criado o primeiro hospital no território da Capitania de São Vicente, no atual Estado de São Paulo. Esse hospital, a Santa Casa de Misericórdia, era uma instituição de natureza assistencialista. A respeito dela, a autora (Holanda, 2003, p. 46) pontua:

Naquele tempo, freiras motivadas pela religiosidade ofereciam refeições e cuidavam da saúde dos enfermos internos gratuitamente. Davam refeições a pobres, assistiam órfãos, enfermos, alienados, delinquentes por meio de ajuda material, apoio espiritual e abrigo.

Nesse período o voluntariado era sustentado por dois alicerces principais: um de natureza pessoal, ligado a um desassossego interno que os leva a agir para minimizar os sofrimentos próprios e das outras pessoas; e outro de natureza social, baseado em uma visão crítica do entorno e no desejo de melhoras as condições da comunidade (Holanda, 2003).

Na década de 1970, o Brasil viu o surgimento das ONGs (Organizações Não Governamentais), que passaram a desempenhar um papel importante na sociedade. A autora Landim (2002) discute o significado dessas organizações:

Uma forma de pensar o significado da expressão ONG é considerá-la enquanto categoria construída socialmente. Aparecendo em tempos recentes – e trato aqui particularmente do contexto brasileiro – vem sendo usada para designar um conjunto de organizações da sociedade civil com características peculiares. O reconhecimento e visibilidade social desse nome não se deu da noite para o dia, mas se construiu no decorrer da década de 1980 a partir de todo um investimento, por um conjunto específico de agentes e entidades, na afirmação de uma identidade comum e na produção de concepções, práticas e instâncias específicas de legitimidade, como vai ser retomado adiante. Vale lembrar que, como se sabe, o termo ONG tem origem e trânsito internacional⁸. No entanto, é importação que se adapta e retraduz em função de relações e dinâmicas sociais locais – e é esse o sentido que se busca, ao pensá-lo enquanto categoria socialmente construída na sociedade brasileira. (Landim, 2002, p. 216).

Na década de 1990, foi promulgada a chamada Lei do Terceiro Setor, que criou a qualificação de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, as OSCIPs (Brasil, 1999)”. O Terceiro Setor é formado, basicamente, por pessoas jurídicas de direito privado que não possuem finalidade lucrativa e exercem atividade de interesse social. Essas entidades podem produzir excedentes econômicos, no entanto, esse não deve ser seu objeto primeiro. Holanda (2003), aponta que o trabalho voluntário, historicamente, esteve ligado à atuação de mulheres e grupos religiosos. A redefinição do Estado levou ao surgimento de um poder público não-estatal, conhecido como Terceiro Setor, onde o papel do voluntário e do militante se destaca.

⁸ Nota de rodapé extraída de Landim (2002, p. 216): “O termo surge em documentos das Nações Unidas, nos finais dos anos 1940, designando um universo bastante amplo e vago de organizações com as quais esse Organismo poderia estabelecer consultorias.”

Nos dias atuais, o voluntário e o militante organizam-se de maneira diversa, muitas vezes recorrendo ao apoio de organizações legalmente reconhecidas para apoiar suas lutas. Vinadé e Guareschi (2007) refletem sobre o conceito do que é militar nos dias de hoje, salientando que:

Militar, hoje, é agir, é lutar, é estar imbuído do espírito coletivo, é criticar, contestar, não conformar-se com um mundo onde valores individuais, competitivos, narcísicos e de consumo comandam as subjetividades e as ações políticas. A militância de hoje ainda traz consigo muitos valores de outrora, mas procura organizar-se de maneiras diferenciadas, lançando mão, por exemplo, do amparo de uma organização legalmente reconhecida que dê suporte à luta (Vinadé; Guareschi, 2007, p. 73).

Para além disso, Vinadé e Guareschi (2007) introduzem em sua escrita a ideia de “inimigo diluído”, referindo-se, especificamente, à dificuldade atual de identificar claramente quem é o adversário contrastando com o passado. Hoje, as fronteiras e oposições são mais difusas, com estratégias da direita manifestando-se em movimentos de esquerda e, a premissa contrária também. Nessa perspectiva, a militância não possui mais limites previamente definidos.

Os autores Sales, Fontes e Yassui (2018) realizaram uma pesquisa em 102 artigos na plataforma Scielo, utilizando o termo "militância" como palavra-chave. Algumas de suas constatações incluem:

- A palavra "militância" pode aparecer como adjetivo, caracterizando um sujeito que luta por uma causa coletiva, ou como substantivo, definindo um sujeito que defende uma causa.
- No entanto, o termo é mais frequentemente associado a movimentos sociais e partidos políticos.

O militante pode ser definido como o indivíduo que tem uma formação política e social e, esse se preocupa com o contexto em que está inserido e quer mudar algumas situações que ocorrem no seu entorno, entende que: o ato de militar envolve uma inquietação interior e um desejo de mudar algo que aflige toda uma comunidade. O militante busca na convivência com seus pares o aprendizado e a vontade de lutar por mudanças substanciais. Não que o voluntário e seu trabalho não tenham relevância, apenas, esse pode parecer mais superficial, pois, normalmente é orientado pela vontade, conforme sua disposição de tempo e de seus sentimentos ligados à religiosidade, tais como a solidariedade e compaixão. No caso

concreto salienta-se que, segundo a coordenadora da Obra Assistencial, os voluntários variam muito conforme a sua disponibilidade.

Nesse sentido, o militante é um cidadão que luta batalhas e levanta bandeiras onde necessário, com engajamento e conhecimento das causas prioritárias. O militante é definido pela ONU como "jovem, adulto ou idoso que, devido ao seu interesse pessoal e espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração, a diversas formas de atividades de bem-estar social ou outros campos" (Nações Unidas, 2024).

Por fim, o Terceiro Setor, entendido como um conjunto de organizações da sociedade civil, expressa duas características humanas fundamentais: cooperação e altruísmo. Essas organizações cumprem uma função sociopolítica de grande relevância (Fontana; Schmidt, 2021). O voluntário exerce seu papel com base em princípios como a valorização do direito de nascer e de se associar, oferecendo seus serviços de forma gratuita, com base em um espírito de solidariedade e ajuda mútua. Além disso, contribui para estimular a responsabilidade social, promovendo solidariedade familiar, comunitária e internacional. No Brasil, o voluntariado esteve historicamente atrelado à religião, generosidade e caridade (Holanda, 2003).

No livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987) também faz uma crítica ao militante que, apesar de se colocar como aliado dos oprimidos, age de forma autoritária. Ele destaca que alguns militantes, mesmo com a intenção de promover mudanças, podem reproduzir práticas opressoras, impondo suas próprias ideias sem permitir que os oprimidos participem ativamente do processo de conscientização e luta.

Ainda, Freire (2022) argumenta que esse tipo de militância reforça um ciclo de opressão, pois, em vez de promover o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, o militante autoritário assume uma postura que oprime aqueles que ele diz representar. Para o autor, o verdadeiro educador ou militante é aquele que respeita a autonomia e a capacidade crítica dos oprimidos, promovendo uma educação que incentive a autonomia e a construção do saber por meio do diálogo.

Essa crítica reflete a ideia central da obra: a liberdade dos oprimidos não pode ser alcançada por meio de imposições autoritárias, mas sim através da participação ativa e do empoderamento das pessoas em sua própria transformação

Em sua outra obra, *Política e Educação*, Freire (2022) explora a importância da militância crítica e reflexiva como um elemento central para o educador comprometido com a

transformação social. Ele destaca que a militância não deve ser cega nem dogmática; ao contrário, precisa ser fundamentada na reflexão crítica, na ética e no respeito ao diálogo. A militância crítica é aquela que reflete constantemente sobre suas práticas, buscando compreender e questionar a realidade social, econômica e cultural dos oprimidos.

Para Freire (1987, 2022), o militante crítico é um educador que atua como agente de transformação e respeita o conhecimento e as experiências dos oprimidos promovendo um ambiente de aprendizado mútuo. Ele alerta que a falta de reflexão pode levar a um comportamento autoritário, no qual o militante acaba reproduzindo as mesmas estruturas de opressão que deseja combater. A militância reflexiva, por outro lado, envolve uma constante reavaliação das práticas e uma abertura para o diálogo, permitindo que os oprimidos assumam o protagonismo em sua própria libertação.

O autor supracitado acredita que o militante crítico e reflexivo deve estar comprometido com a construção de uma sociedade justa e igualitária, mas deve fazê-lo respeitando a autonomia dos oprimidos e incentivando a participação ativa de todos. Em suma, para Freire, a militância crítica é essencial para evitar práticas opressivas e garantir que a educação seja realmente um caminho para a emancipação e a transformação social.

Diante desse contexto, e com o agravamento das desigualdades em nosso país, a participação da sociedade civil e organizações que prezam por ajudar a diminuir um pouco o sofrimento dos outros merecem, todo respeito. O poder público não dá conta de todas as demandas, portanto, as instituições que se propõem a ajudar são imprescindíveis. Na Associação, objeto deste estudo, as crianças e os adolescentes são presença constante e precisam de auxílios diversos.

A responsabilidade de fornecer a estrutura para que os estudantes permaneçam em atividades extraclasse nas escolas é do Estado, no entanto, quando esse se omite, abre espaço para que as entidades organizadas da sociedade civil, tais como as ONGs, associações comunitárias, procurem garantir o acesso dos estudantes a essas atividades extracurriculares. Segundo Gohn (2006, p. 29), “a ausência de ações do Estado para suprir as necessidades educativas e de lazer da juventude acaba criando uma lacuna que é preenchida por iniciativas não estatais, que buscam proporcionar uma educação mais abrangente e comunitária”.

Libâneo (2002) reforça essa análise ao afirmar que o Estado, ao não atender plenamente às necessidades educacionais e de desenvolvimento social dos estudantes, “terceiriza” parte de suas responsabilidades para essas organizações. Ele destaca que ONGs e

associações desempenham um papel fundamental ao oferecerem programas de contraturno com atividades culturais, esportivas e de reforço escolar. Para o autor, “esses projetos atuam de maneira complementar, visando à formação cidadã e a promoção da inclusão social” (Libâneo, 2002, p. 47).

Em muitos casos, as associações e ONGs também oferecem atividades voltadas à inclusão digital, artes, esportes e orientação profissional, muitas vezes em áreas carentes, onde o Estado é pouco presente. De acordo com Gohn (2006), “essas atividades desempenham um papel de proteção social, mantendo jovens e crianças engajados em atividades positivas e educativas, longe da marginalização e do abandono” (p. 35). Essa realidade evidencia a importância do terceiro setor no preenchimento dos espaços vazios deixados pela política pública educacional, promovendo a inclusão social e o desenvolvimento da cidadania.

O crescente papel das ONGs e associações em oferecer educação complementar pode, por um lado, enriquecer a formação dos estudantes, mas, por outro, pode sugerir uma negligência por parte do Estado em cumprir seu papel constitucional. Segundo Libâneo (2002), “o Estado deve garantir os direitos educacionais de todas as crianças e adolescentes, e a falta de programas de contraturno para atividades educativas pode indicar uma renúncia parcial dessa responsabilidade” (p. 40).

A presença desse espaço no local e a ajuda imprescindível de seus voluntários são de grande importância para todos que residem no Bairro, tendo em vista a situação de diversas famílias que residem no entorno. A Obra é, também, um espaço de acolhida e ajuda para esses moradores em diversos momentos de suas vidas, principalmente, diante do cenário atual de migrações.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO CENÁRIO ATUAL DE DESIGUALDADES NO BRASIL

3.1 EXCLUSÃO E PRIVILÉGIOS: UM RETRATO ATUAL DAS DESIGUALDADES SOCIAIS NO BRASIL

O economista e sociólogo brasileiro Marcelo Medeiros, em sua obra *Os Ricos e os Pobres* (2023) aponta que há uma elite econômica no Brasil, que detém 95% das riquezas do país enquanto os demais dividem o restante. O autor parte da perspectiva de que a pobreza deve ser analisada de forma relacional, dentro do mesmo grupo de pessoas pobres, pode haver diferentes níveis de pobreza, como a pessoa pobre que não tem acesso aos direitos básicos: saúde, alimentação, moradia, e a pessoa pobre que tem acessos a bens materiais e de consumo.

Outra forma de analisar a classe social para além da questão da renda familiar, considerando aspectos culturais e sociais, para o autor, pode impactar na forma como se analisa as questões ligadas às desigualdades sociais no Brasil. “O mais adequado é pensar no plural, em desigualdades de renda, desigualdades entre famílias, entre indivíduos, entre trabalhadores ou entre grupos sociais, desigualdades entre salários, rendas totais ou rendas per capita” (Medeiros, 2023, p.8).

No mundo do capital, a finalidade da produção material e da subsistência das pessoas opera para servir ao capital e para a obtenção de lucro, assim, o ser humano é relegado à simples objeto, mão-de-obra barata e servil, com propósito de aumentar os ganhos dos que detêm os meios de produção e, com essa exploração, extrair o máximo do trabalhador para o acúmulo de capital. Como ressalta Paulo Freire (2022), o ser humano “é individualizado e desgentificado” para servir ao capitalismo sem gerar comoção e ou revolta na sociedade.

A divisão em classes e a desigualdade social perpassam por várias sociedades no contexto da modernidade. Os autores Guzzo e Filho (2005), apontam que o sistema educacional formal é fruto de um processo histórico, configura-se em meio à relações sociais de produção, que são responsáveis por dividir a sociedade em grupos distintos economicamente, por fim acaba por estabelecer relações entre classes sociais antagônicas (Guzzo; Filho, 2005).

A desigualdade social é elemento cada vez mais presente no cotidiano das grandes cidades brasileiras. Este fenômeno tem se caracterizado como marca dos grandes centros urbanos, que são capazes de congregam, em uma mesma localidade, diferentes grupos sociais com interesses econômicos, políticos e sociais antagônicos. (Guzzo; Filho, 2005, p. 1)

De acordo com os autores citados acima, o sistema de educação formal exerce um papel de suma importância na reprodução das desigualdades sociais, uma vez que é apropriado pelas classes dominantes, e por isso atua na manutenção da alienação e da divisão social do trabalho, assim a escola, espaço estratégico de convivência social acaba por reproduzir a dinâmica da sociedade capitalista, em vez de e propiciar reflexões sobre ela (Guzzo; Filho, 2005).

A perspectiva neoliberal, que defende um Estado mínimo baseado na livre iniciativa, livre concorrência, diminuição do papel do Estado na economia e a redução de barreiras ao comércio internacional, e sua atuação em espaços de educação formal, também é destaque pelos autores citados, em que uma das consequências dessa lógica é o fortalecimento de investimentos no setor educacional privado em detrimento ao público, isso reflete na precarização das escolas públicas, que é frequentada por grande parte da população, e que pode atuar como agente reprodutor das dinâmicas sociais (Guzzo; Filho, 2005).

“Os sistemas de ensino brasileiros, tradicionalmente, têm sido desiguais e desempenhado papel proeminente na reprodução das profundas desigualdades sociais do país” (Ernica *et al*, 2025, p. 4). Segundo os autores, na década de 1980, o grande desafio no que se referia à educação no contexto brasileiro era a garantia do acesso universal à matrícula no ensino fundamental, que até aquele momento, não era garantida aos mais pobres e nem à população que vivia no meio rural.

Após intensas reformas nos sistemas de ensino, na reorganização do contexto político nacional, em reformulações de marcos legais, renovação do campo científico e melhorias na formulação de políticas educacionais, nos anos 1990, o acesso universal à matrícula no ensino fundamental foi alcançado. Agora os desafios colocados eram: tratar as altas taxas de repetência e investir na melhoria da aprendizagem. Assim, nos anos 1990-2000, as políticas educacionais apoiaram-se em indicadores de resultados e metas, que contribuíram para tratar dos desafios e traçar os objetivos a serem cumpridos. Uma dessas políticas foi a criação do

IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Ainda sobre os indicadores, os autores apontam que:

Uma vez que os indicadores existentes não abordam as desigualdades, eles não são suficientes nem para descrever desafios prementes de nossa realidade educacional, nem para construir as desigualdades como uma questão social e tampouco para orientar ações promotoras de justiça em educação. No início dos anos 2020, o debate educacional passou a reconhecer a necessidade de revisão dos indicadores, incorporando as desigualdades como um problema a ser verificado (Ernica *et al.*, 2025, p.5).

Uma das definições possíveis para a desigualdade social está atrelada ao desproporcional, à parcialidade, à injustiça, à distinção, à qual se enquadra em um fenômeno que diferencia os sujeitos, e os categoriza e diferencia de acordo com alguns critérios estabelecidos como classe social, raça, gênero, entre outros (Vendrami; Oliveira; Anami, 2021). As autoras Carvalho e Treviso (2021), apontam que no Brasil a desigualdade social pode ser notada através da renda, ao se comparar os rendimentos dos mais ricos aos mais pobres e, também, pode ser vislumbrada em fatores como o acesso a serviços básicos de sobrevivência, à cultura e ao conhecimento, e argumentam que no Brasil muitas pessoas não têm acesso a um conjunto significativo de direitos básicos.

De acordo com o Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades (2024), no Brasil, em 2023, houve um aumento médio no ganho real de 8,3%, esse aumento foi maior entre as mulheres do que os homens, no entanto a desigualdade de renda não se alterou. A fração populacional do 1% mais rico, possui um rendimento médio mensal per capita 31,2 vezes maior do que os 50% mais pobres. As mulheres negras, continuam compondo a base desse sistema desigual, segundo dados expostos no documento, elas continuam com as maiores proporções de insegurança alimentar moderada e grave. “O rendimento médio mensal da mulher negra, por sua vez, é de apenas 42%, quando comparado ao homem não negro, sendo que o seu desemprego é mais do que o dobro (5,2% para o homem não negro contra 11,5% da mulher negra)” (Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades, 2024, p.5).

O documento citado acima, aponta ainda, que houve um aumento do percentual de crianças de 0 a 3 anos que frequentam creches, no entanto, esse aumento foi maior entre a população não negra, a menor taxa de crianças atendidas em creches é de meninas negras. A taxa de analfabetismo funcional em pessoas dos 15 aos 64 anos, no Brasil, é de 29,4%. O maior percentual de pessoas não alfabetizadas está na região nordeste, que apresenta uma taxa

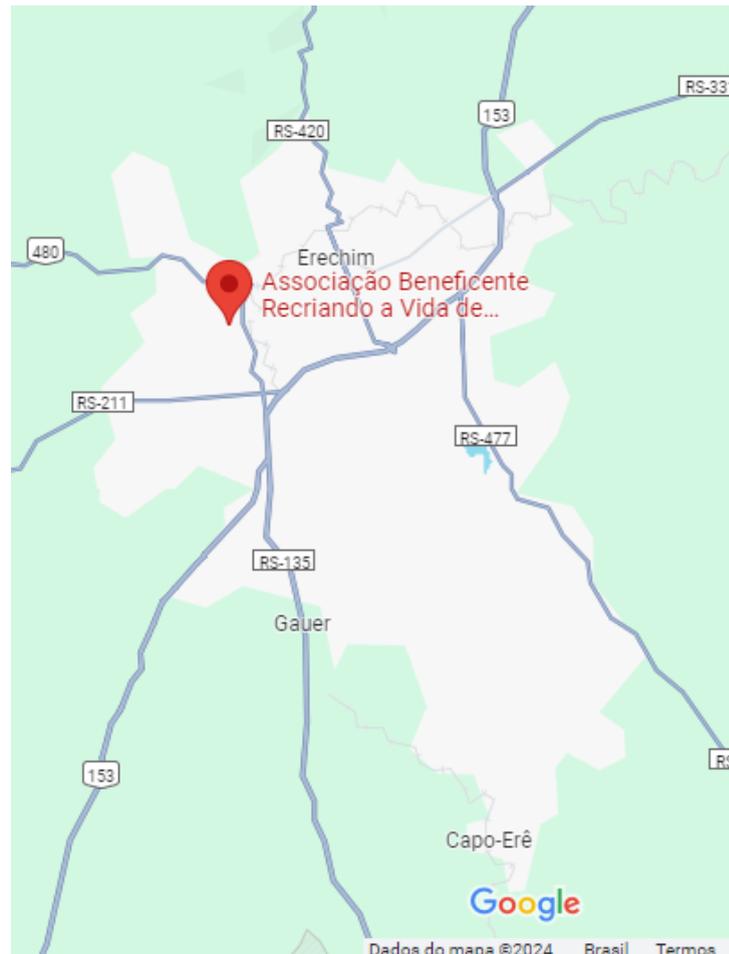
de 42,1%. A região sul do país é a única em que a taxa de analfabetismo é maior entre as mulheres (30%) do que entre os homens (25%) (Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades, 2024).

Os dados expostos acima demonstram que as desigualdades de classe, de gênero e raciais ainda persistem no Brasil, e refletem no sistema educacional. Nesse sentido, em meio a um cenário de desigualdades surge, na América latina, a educação popular, movimento que se origina para e com aqueles que estão à margem da sociedade, consolidando-se como um movimento político e pedagógico, que busca por meio da democratização dos saberes, a emancipação e autonomia dos sujeitos.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE RECRIANDO A VIDA

O objeto e o local da pesquisa surgiram no diálogo com o orientador do presente trabalho e, a escrita da dissertação constitui-se na principal tarefa para aprovação no Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Erechim/RS*. Assim, em um segundo momento, foi realizada uma conversa com a coordenadora da instituição que se mostrou receptiva à ideia da pesquisa

Figura 1 - Mapa da cidade de Erechim/RS e localização da Associação Beneficente Recriando a Vida.



Fonte: Google Maps.

A Associação Beneficente Recriando a Vida da cidade de Erechim iniciou suas atividades por iniciativa das Irmãs Teresianas em meados de 2008, segundo relato por telefone da irmã Nahir, em uma casa precária, porém com um profundo desejo de servir à comunidade. Atendiam em torno de 20 crianças na parte da manhã, de 06 a 08 anos. As principais atividades ali desenvolvidas eram rodas de conversa, orações, relações interpessoais para desenvolver uma boa convivência. Na época as atividades pedagógicas eram realizadas pela irmã Nair, duas educadoras pagas com recursos próprios. No entanto, era o voluntariado que guiava as atividades, através, também da Pastoral da Criança, toda semana era realizada uma oficina de artesanato com as mães dessas crianças para uma melhor socialização e acompanhamento com os pais.

A parte financeira ficava basicamente ao encargo da Congregação e de Projetos de 2008 até 2013. No ano de 2013, desenvolveram um Projeto (aqui foi aberto um CNPJ) para conseguir uma verba do Município, porém esse optou por investir em suas escolas e a Associação ficou sem recursos e teve que encerrar o mesmo. Ainda, conforme relato, o CNPJ foi repassado para a atual administração.

Com a saída das irmãs da cidade de Erechim, a Associação quase encerrou suas atividades, assim, a coordenadora atual relatou que: “a gestão foi assumida por 11 pessoas comprometidas com a causa que se uniram, garantindo a continuidade do atendimento no local”. A atual coordenadora da Associação, atuava anteriormente na instituição e estava entre as pessoas que se comprometeram em dar continuidade ao trabalho.

Atualmente, são atendidas em torno de 100 crianças e pré-adolescentes, os quais estão presentes na Instituição de forma regular, também são atendidos em torno de 50 pessoas que procuram o local de forma esporádica, incluindo famílias venezuelanas.

Dessa forma, a instituição oferece apoio para os moradores do bairro, pois como a comunidade é bastante carente e os pais precisam trabalhar, as crianças ficam no contraturno da escola no local, assim a instituição faz “a diferença” para muitos moradores do local e arredores.

A equipe de voluntários é composta por pessoas que ajudam diariamente e outros que oferecem ajuda de forma eventual, também são realizados estágios voluntários. Nesse sentido, a obra conta com a ajuda de algumas pessoas que são servidores(as) e ou funcionários(as) de instituições, fixadas no Município ou não, como: UFFS, URI, IFRS Erechim, UPF e Universidade do Contestado e de pessoas da cidade de Erechim.

Em relação aos aspectos financeiros para a manutenção da Associação, os recursos provêm exclusivamente de doações de particulares e algumas pessoas jurídicas, sem qualquer apoio governamental, incluindo a Prefeitura. As crianças atendidas fazem suas refeições na própria sede, um local de acolhimento, que para além das dificuldades financeiras, continua funcionando graças à generosidade de pessoas da comunidade e de empresas parceiras.

A Associação não possui sede própria ocupando assim um espaço alugado (Figura 2), o que representa um significativo custo adicional mensal, o qual é suprido por mantenedores, vendas de bazar e outras ações beneficentes realizadas na associação, pelos voluntários.

Diante de todas as dificuldades enfrentadas no dia a dia, a Recriando a Vida segue firme em sua missão, contando com a solidariedade da comunidade para continuar oferecendo um suporte diário para famílias necessitadas.

Figura 2 - Fotos da fachada e parte externa da Associação Beneficente Recriando a Vida.



Fonte: Registros fotográficos da autora (2024).

Nas imagens, percebemos que a Associação, apesar de estar localizada em um terreno relativamente grande, possui uma casa pequena. A sede é uma residência particular adaptada, não possuindo uma estrutura de atendimento para o desenvolvimento de atividades com mais de um objetivo simultaneamente, por conta do tamanho do local, e não tem isolamento acústico dificultando a realização das práticas educativas que exigem silêncio para desenvolver um aprendizado mais efetivo nos educandos.

4 CONSTRUINDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

4.1 A CONSTRUÇÃO DO APORTE TEÓRICO A PARTIR DOS QUE NOS PRECEDERAM

O renomado estudioso e pensador Paulo Freire, denominado o Patrono da Educação brasileira, baseou sua escrita em ensinamentos que valorizam a autonomia, a esperança, a amorosidade e em mudança de paradigmas educacionais, pelos quais lutou, durante grande parte de sua vida. Sua contribuição, um marco da construção teórica dos estudos em educação, tem o intuito de forjar mudança do cenário educacional e é sempre revisitado por educadores que valorizam seus ensinamentos e buscam, de fato, educar para a emancipação e autonomia. Nesse sentido, Freire faz um alerta aos educadores para que se portem com respeito e sabedoria com os seus educandos:

Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a esse respeito que implica igualmente que devo ter por mim mesmo. Não faz mal repetir a afirmação várias vezes feita neste texto - o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (Freire, 2022, p. 58).

Diante disso, pesquisar sobre educação e inclusão no contexto social e escolar é sempre atual. Assim, Gil (2010, p. 29) entende por pesquisa bibliográfica: “a leitura, a análise e a interpretação de material impresso. Entre eles pode-se citar livros, documentos mimeografados ou fotocopiados, periódicos, imagens, manuscritos, mapas, entre outros” (Gil, 2010, p. 29). Ainda, com o avanço da tecnologia, atualmente, é possível acrescentar a busca por dados no meio eletrônico.

Todo trabalho de pesquisa deve seguir uma sequência lógica que permita ao pesquisador percorrer um caminho e não se perder no mesmo. Assim, Marconi e Lakatos (2010, p.26) apresentam as oito fases da pesquisa bibliográfica: “[...] escolha do tema; - elaboração do plano de trabalho; - identificação; - localização; - compilação; - fichamento; - análise e interpretação; - redação”. Essa sequência facilita o trabalho do pesquisador, principalmente para os principiantes.

Gil (2010) ressalta a importância da pesquisa bibliográfica, pois permite ao pesquisador coletar dados em todo o território sem precisar deslocar-se, e também para a pesquisa histórica. Não existe outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base no que já está registrado. Ele faz, também, uma advertência ao pesquisador para lidar com as fontes onde se coleta os dados para não reproduzir e/ou ampliar erros.

Ao iniciar esta escrita, foi relatado um pouco a respeito do local e espaço, que são objetos de estudo, a seguir relatou-se sobre a pesquisa e alguns conceitos base e, na sequência é detalhada a pesquisa bibliográfica, a qual se faz presente em todos os trabalhos acadêmicos.

4.2 A PESQUISA CIENTÍFICA E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Em toda e qualquer área do conhecimento humano, para que haja mudanças significativas, é necessário que haja pesquisas para sistematizá-la e aperfeiçoá-la. Ao longo do tempo, os estudiosos construíram e organizaram vários métodos e técnicas de pesquisa para dar credibilidade e visibilidade aos dados produzidos. Nessa linha, temos um número significativo de pesquisadores que se debruçam sobre vários temas para o crescimento e otimização da vida humana no nosso planeta.

Na educação não é diferente, para que a mesma se concretize e produza efeitos práticos, ela deve estar pautada e embasada no conhecimento científico. Assim, para Marconi e Lakatos (2010, p.139) a Pesquisa “é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Assim, pesquisar é tentar encontrar respostas para perguntas que nos inquietam, geram dúvidas e curiosidades, com a intenção de elaborar novos conceitos e descrever novas inquietações para essas perguntas. Nesse sentido, para os autores Ludke e André (1986, p. 1-2):

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico a respeito dele. Em geral, isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento.

Gil (2010, p. 26) define a pesquisa como “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico”. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. Ainda, de acordo com o autor:

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema (Gil, 2010, p. 1).

Todo esse emaranhado de conceitos é importante para orientar o pesquisador, pois a pesquisa deve ser tratada e embasada em técnicas e métodos para a garantia de sua isenção e credibilidade. Não que o autor (a)/pesquisador(a) não possa emitir suas percepções, porém o mesmo deve sempre ficar atento para os conceitos, os métodos e os instrumentos a serem mobilizados.

Para Lima e Sousa (2011), o objeto de estudo da pesquisa em educação pode abarcar vários sujeitos, alunos, professores e profissionais da educação de modo geral, esses interagem entre si e com o espaço, o currículo e os métodos. Também aponta que:

Fala-se em pesquisa educacional quando o ato de educar seja o ponto de partida e o ponto de chegada da pesquisa e quando a educação mostra-se como centro de referência da pesquisa, foco de conhecimento e elemento integrador e norteador; evidenciando a multiplicidade de problemas e abordagens (Lima; Sousa, 2011, p. 10).

De acordo com os autores, é na década de 1930, com a criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), que as pesquisas em educação surgem com maior intensidade no país, tornando sua produção mais sistemática. Os estudos da área da educação durante muito tempo estiveram ligados às disciplinas de Antropologia, Sociologia, Psicologia e Economia (Lima; Sousa, 2011). Para André (2006), somente a partir dos anos 1960, com a expansão dos Programas de Pós-Graduação no país, é que a educação passa a ser estudada como um campo do conhecimento autônomo e institucionalizado. A autora chama a atenção para o fato de que a pesquisa em educação sempre foi induzida por órgãos governamentais com o intuito de que a mesma pudesse fornecer subsídios e servir de base para o desenvolvimento de ações por parte dos governos.

Para André (2006), nos últimos 20 anos, as pesquisas na área da educação cresceram de forma considerável, apresentando uma variedade de temas de estudo, enfoques, abordagens metodológicas e contextos de produção, junto a isso, de acordo com a autora, surgiram muitos questionamentos acerca dos métodos e das formas de produção do conhecimento em educação, bem como referentes aos critérios de avaliação e a verificação dos resultados.

4.3 ABORDAGEM QUALITATIVA DA PESQUISA

Gil (2010) esclarece que, devemos levar em conta a classificação da natureza dos dados, então: “Para avaliarmos a qualidade dos resultados de uma pesquisa é necessário saber como os mesmos foram obtidos,” daí o surgimento de sistemas que classificam as pesquisas segundo a natureza dos dados que se traduz em quantitativa e qualitativa” (Gil, 2010, p.30).

Nessa linha, para o desenvolvimento do presente estudo, a abordagem foi qualitativa. “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (Minayo, 2002, p. 25). Ainda, segundo a mesma autora, podemos dividir a pesquisa em três etapas que seguem uma sequência natural, sendo: a) fase exploratória; b) trabalho de campo; c) tratamento do material recolhido no campo. Nessa última etapa, a autora, “a divide em três importantes fases: c.1) ordenação; c.2) classificação; c.3) análise propriamente dita” (Minayo, 2002, p. 26).

Ainda, Bauer e Gaskell (2002) indicam seis critérios de qualidade que devem ser observados pelo pesquisador, os quais contribuem para uma maior confiabilidade e relevância da pesquisa qualitativa: “a) triangulação e reflexividade; b) transparência e clareza nos procedimentos; c) a construção do corpus; d) descrição detalhada; e) a surpresa como contribuição à teoria e/ou ao senso comum; f) a validação comunitária”. (Bauer e Gaskell, 2002, p. 475). Os autores concluem que, quando observados esses indicativos, os mesmos funcionam como um “conjunto de orientações” para dar forma a investigação qualitativa.

Dentro do espectro qualitativo, foi trabalhado o Estudo de Caso que “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados” (Gil, 2010, p. 37). Atualmente, de acordo com o autor, nas ciências sociais é crescente o uso do Estudo de Caso com diferentes propósitos,” tais como: - explorar situações

da vida real cujos limites não estão claramente definidos; - preservar o caráter unitário do objeto estudado”. (Gil, 2010, p. 37).

Nesse sentido, fica claro que, na pesquisa, o foco foi a abordagem qualitativa e a metodologia, o estudo de caso. O estudo *in loco* com os voluntários que contribuem com a Associação Recriando a Vida. “Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações” (Ludke; André, 1986, p. 26).

4.4 O ESTUDO DE CASO E AS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

A metodologia da presente pesquisa caracterizou-se como estudo de caso, uma vez que buscou compreender, em que condições, quais as aprendizagens e qual a relevância dos saberes que circulam e são transmitidos na Associação Recriando a Vida. Saberes esses, praticados pelos voluntários em sua totalidade.

O ensino e demais atividades que acontecem no local são direcionadas à crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica da cidade de Erechim. O presente estudo teve foco no acolhimento e nas ações educacionais que são desenvolvidas no espaço da Associação.

Assim, utilizou-se a metodologia do estudo de caso com base na perspectiva da pesquisa de cunho qualitativo. Para Gil (2010, p.117), o planejamento de um Estudo de Caso é flexível, pois o que é definido em uma etapa, determina alterações nas seguintes. Entretanto, é possível delinear alguns passos tais como: a) formulação do problema ou das questões da pesquisa; b) definição das unidades-caso; c) seleção dos casos; d) elaboração do protocolo; e) coleta de dados; f) análise e interpretação dos dados; g) redação do relatório.

O estudo de caso, para Almeida (2016, p.60), está intimamente ligado às pesquisas da área da medicina e da psicologia, áreas do conhecimento que, em um primeiro momento, utilizam-se dessa metodologia com a finalidade de compreender as causas e as consequências de determinadas patologias humanas. A ideia, de acordo com o autor, é de que ao realizarmos um estudo intenso de fenômenos complexos, olhando para diferentes perspectivas do mesmo, podemos encontrar semelhanças estruturais com outros casos já estudados. O autor ainda pontua que o estudo de caso possui um caráter mais aberto, e “circunscreve empiricamente

cada caso no fluxo dos acontecimentos e de forma situada". Na mesma argumentação segue o autor:

Mais do que uma ferramenta específica de produção de dados, trata-se de uma estratégia que mobiliza diferentes metodologias, sobretudo as de caráter qualitativo (como observação participante, entrevistas em profundidade, histórias de vida etc.)” (Almeida, 2016, p. 60).

Ainda, de acordo com o autor, uma das características do estudo de caso é que ele abrange a investigação de fenômenos contemporâneos, em contextos específicos, concretos e complexos. Esses estudos podem ter caráter analítico, descritivo ou exploratório. Neste trabalho, foi contemplado o viés exploratório, o qual “visa a obtenção de informações preliminares com a finalidade de desenhar posteriormente uma investigação mais ampla e profunda do caso específico ou de outros” (Almeida, 2016, p. 64).

Almeida (2016, p. 61) define o estudo de caso como “uma investigação cuja finalidade é descrever e analisar acontecimentos, agentes e situações complexas, com dimensões variáveis em interconexão”. Para o autor, muitas coisas podem se tornar um estudo de caso: trajetórias individuais, pequenos grupos, eventos que causam impactos sociais, uma política pública, uma cidade, um bairro. No caso da presente pesquisa, o estudo de caso foi realizado na Associação Beneficente Recriando a Vida, buscando compreender como ocorre o atendimento das crianças e adolescentes atendidos na instituição. Com isso, dentro desse estudo abordamos as seguintes técnicas de pesquisa para produção dos dados: observação direta, realização de entrevistas com os voluntários que aceitaram o convite para participar com um roteiro prévio de questões elaboradas para essa pesquisa

Gil (2010), esclarece que, na maioria dos estudos de casos bem conduzidos, a coleta de dados é feita mediante entrevistas, observação e análise de documentos. No presente caso, optou-se pela elaboração de um roteiro semiestruturado para direcionar as entrevistas com os voluntários que aceitaram participar.

Nas palavras de Gil (2010):

Entrevista como técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra apresenta como fonte de informação (Gil, 2010. p.109).

Ainda, segundo Gil (2010) as entrevistas são bastante usadas nas áreas das ciências humanas e outras que tratam de problemas humanos, inclusive no diagnóstico referente a saúde física e mental. O autor faz uma analogia interessante em que compara a entrevista com o tubo de ensaio na Química e ao microscópio na Microbiologia.

Na coleta de dados deste trabalho utilizamos a entrevista informal que é, segundo Gil: “o menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem o objetivo básico a coleta de dados “, e, portanto, a técnica que mais se encaixa diante da informalidade da instituição.

A justificativa para a escolha dessa técnica foi em função da informalidade do local, para exemplificar, entrevistei uma voluntária dentro do meu veículo, pois tinha uma equipe de estagiários da URI e o local estava lotado. Ainda, as outras entrevistas foram muito rápidas e com algumas interrupções, então solicitei, gentilmente, que as mesmas me respondessem o questionário por escrito para o caso de terem esquecido algo relevante.

Ademais, no que se relaciona à técnica de observação, Ludke e André (1986), a caracterizam como instrumento válido e fidedigno de pesquisa, a qual precisa ser controlada e sistemática, por meio da preparação do observador, através de um planejamento cuidadoso e uma preparação rigorosa. Nesse planejamento, os questionamentos principais devem girar em torno do “o que” e do “como” fazer. A ideia é definir quais aspectos do problema de pesquisa devem ser contemplados e como eles serão captados através da observação. As autoras ainda apontam que no treinamento:

O observador, diz ele, precisa aprender a fazer registros descritivos, saber separar os detalhes relevantes dos triviais, aprender a fazer anotações organizadas e utilizar métodos rigorosos para validar suas observações. Além disso, precisa preparar-se mentalmente para o trabalho, aprendendo a se concentrar durante a observação, o que exige um treinamento dos sentidos para se centrar nos aspectos relevantes (Ludke; André, 1986, p. 26).

Além de ocupar um espaço privilegiado na pesquisa na área da educação, a observação configura-se, junto a outras técnicas de coleta de dados, um dos principais meios de contato pessoal e estreito entre o pesquisador e o fenômeno pesquisado, permitindo que os pesquisadores cheguem mais perto dos seus sujeitos de pesquisa, bem como tem uma grande utilidade para se descobrir aspectos novos acerca do problema de pesquisa (Ludke; André, 1986).

As observações aconteceram de acordo com o calendário da instituição, conforme apresentado no quadro um.

Quadro 1 - Cronograma das visitas para observação das Práticas Educacionais.

Período das Observações	Atividade
Meses 03 e 04 de 2025	Observações
Mês 05 de 2025	Entrevistas

Fonte: quadro elaborado pela autora (2024).

Os registros com as observações das visitas foram realizados em diário de campo. O diário de campo consiste em um instrumento de registro dos dados a ser utilizado em qualquer momento durante a observação, em todas as etapas da investigação, sendo de uso pessoal e intransferível do pesquisador. Quanto mais informações colocadas nele, mais eficiente ele terá enquanto ferramenta auxiliar de descrição e análise do objeto de estudo (Minayo, 2002).

O convite para os possíveis participantes da pesquisa foi feito pessoalmente, quando foi entregue o TCLE, nessa ocasião apresentou-se um esboço da pesquisa e a importância da participação das pessoas, e que isso pode contribuir para melhorar alguns aspectos da instituição, e reverberar no contexto social por meio da promoção de mudanças através da educação e dos trabalhos desenvolvidos nessa área.

Após a conclusão dessa pesquisa, será efetuada uma devolutiva aos participantes e a associação em forma do relatório final físico ou digital, conforme a preferência dos participantes.

Quanto às entrevistas as mesmas ocorreram na própria instituição pesquisada com a devida autorização da coordenadora do local. O tempo de duração foi, em média, de dez minutos, com um questionário previamente elaborado, conforme consta nos anexos e, no decorrer da conversa, registramos tudo o que foi relevante, inclusive, devido ao tempo ínfimo que cada participante conversou com a pesquisadora, optamos por entregar o questionário físico, e foi solicitado gentilmente que, caso os participantes quisessem, poderiam complementar as questões com mais calma, pensamos nessa estratégia com a intenção de tornar as entrevistas mais completas.

4.4.1 Participantes da Pesquisa

Os participantes da pesquisa foram imprescindíveis, pois eles forneceram contribuições importantes e significativas frente ao problema proposto nesse estudo. São profissionais das mais diversas áreas do conhecimento que fazem trabalhos voluntários e têm formações diversas. Elas e eles disponibilizam algumas horas semanais para acolher, ouvir e desenvolver trabalhos voluntários com crianças e adolescentes.

Com relação à quantidade de voluntários que realizam atividades na Associação, observa-se que é variável. De acordo com a coordenadora, a equipe atual, é composta de: estagiários de medicina, enfermagem, pedagogia, psicologia e professores(as) de reforço escolar que atuam de maneira informal desenvolvendo diversas atividades com os alunos.

Assim, para compreender a dinâmica que se estabelece na referida Associação e obter os dados necessários para efetivação do presente estudo, realizamos uma entrevista semiestruturada com os voluntários, que realizam práticas educativas, considerando a totalidade envolvida no período temporal estipulado para o trabalho de campo desta pesquisa: primeiro semestre de 2025.

4.5 QUESTÕES ÉTICAS

Toda escrita, seja ela acadêmica ou não, requer que o autor tenha consciência de que, ao falar e dirigir-se ao público, tenha sempre presente os cuidados com os aspectos éticos. Na presente pesquisa não é diferente, sendo assim, firmamos o compromisso de agir de acordo com as normas tanto legais, quanto acadêmicas, bem como aquelas de caráter social ou convencionadas. Assim, nas observações realizadas na instituição, os participantes tiveram esses preceitos garantidos.

Nesse sentido:

Há uma série de exigências e de cuidados requeridos por qualquer tipo de entrevista. Em primeiro lugar, um respeito muito grande pelo entrevistado. Esse respeito envolve desde um local e horário marcados e cumpridos de acordo com sua conveniência até a perfeita garantia do sigilo e anonimato em relação ao informante, se for o caso. Igualmente respeitado deve ser o universo próprio de quem fornece as informações, as opiniões, as impressões, enfim, o material, em que a pesquisa está interessada (Ludke; André, 1986, p. 35).

Para garantir que todos observem as normas de conduta quando das pesquisas com seres humanos, as instituições responsáveis seguem as normas vigentes e criam conselhos que são responsáveis por fiscalizar e auxiliar nos projetos. Assim, temos o CNS - Conselho Nacional de Saúde, que, através da Resolução 466/2012, definiu as diretrizes e normas regulamentadoras que devem ser cumpridas nos projetos de pesquisa com seres humanos que, devem atender aos fundamentos éticos e científicos elencados nesta mesma resolução.

Outro órgão que também é responsável pela lisura das pesquisas é a Conep - Comissão Nacional em Ética em Pesquisa e está interligada ao CNS sua “composição multi e transdisciplinar reúne representantes de diversas áreas do conhecimento para cumprir sua principal atribuição, que é a avaliação dos aspectos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos no Brasil” (Conep, 2019).

A Conep tem, de acordo com a resolução firmada, autonomia para analisar todos os projetos e estudos dentro do território nacional:

A Conep possui autonomia para a análise ética de protocolos de pesquisa de alta complexidade (e de áreas temáticas especiais, como genética humana, reprodução humana, populações indígenas e pesquisas de cooperação internacional) e em projetos de pesquisa propostos pelo Ministério da Saúde, enquanto os CEP são responsáveis pelos protocolos de pesquisa de baixa e média complexidade e são a porta de entrada para todos os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos. Dessa forma, as análises que competem à Conep passam primeiramente no CEP e automaticamente são encaminhadas para análise na Conep (Conep, 2019).

Assim, de acordo com as legislações vigentes, a UFFS disponibiliza o CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos para avaliação da conformidade nos encaminhamentos que envolvem pesquisa com seres humanos na instituição. O projeto foi submetido em 26 de fevereiro de 2025 e obtivemos aprovação do mesmo sob registro da CAAE: 8516222450000.5564 em 10 de março de 2025 e número do parecer de aprovação 7.428.510

4.6 ANÁLISE DE DADOS

O pesquisador, após ter efetuado todas as etapas anteriores, necessita debruçar-se sobre o material coletado e aferir algumas conclusões baseadas em todo o estudo feito, nessa etapa, segundo Moraes (1999, n/p) “a análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa

usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos”. Para Gil (2010, p. 122), “A análise e a interpretação é um processo que nos estudos de caso se dá simultaneamente à sua coleta. A rigor a análise se inicia com a primeira entrevista, a primeira observação, a primeira leitura de um documento”.

Para realizar a análise dos dados, lancei mão da análise de conteúdo a partir das contribuições de Moraes (1999), o qual propôs um método constituído de cinco etapas focalizadas para uma análise qualitativa, que é o enfoque desta pesquisa, mas segundo o autor estas etapas também podem ser aplicadas em estudos quantitativos. As etapas são:

- 1 - Preparação das informações;
- 2 - Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades;
- 3 – Categorização ou classificação das unidades em categorias;
- 4 – Descrição;
- 5 – Interpretação.

A análise de conteúdo é o método pensado mais adequado para análise dos dados referentes ao presente estudo, pois os resultados foram obtidos a partir dos dados resultantes das observações *in loco* e de entrevistas semiestruturadas.

Os entrevistados foram previamente consultados a respeito de sua participação na entrevista informal. Condicionando sua participação às normas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFFS, sendo que, para isso, foi encaminhado ao comitê o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esclarecendo que os participantes da entrevista tiveram a plena liberdade para desistir da participação na pesquisa a qualquer momento, ou ainda, abster-se de responder a qualquer questionamento, e foi garantido o anonimato de sua(s) identidade(s).

Diante disso emergiram duas categorias de análise: 1) Acolhimento e Inserção Social e 2) Educação Não Escolar: práticas, limites e possibilidades no processo de desenvolvimento, então durante as transcrições e leitura do questionário dividimos as respostas entre essas duas categorias. Dessa forma, foi possível ampliar a compreensão das informações que surgiram a partir da entrevista.

As reflexões acerca da análise de dados, a partir das categorias supracitadas, estão descritas no capítulo cinco, no qual buscamos nortear a compreensão desses dados à luz da teoria que embasou esse estudo.

4.7 PRODUTO MESTRADO PROFISSIONAL

O produto educacional, assim como a Dissertação, é imprescindível para a obtenção do título de conclusão no Mestrado Profissional em Educação, mas, para além dessa exigência, o produto educacional proporciona a interação da academia com a sociedade. É uma forma prática e útil da academia inserir-se no contexto social.

Para entender melhor o que é produto educacional temos o conceito de André e Príncipe: “o mestrado profissional possibilita que o profissional seja um pesquisador da sua prática” (André; Príncipe, 2017, p. 105).

Um conceito de produto elaborado por Sartori e Pereira contempla uma concepção importante dos sentidos e características da pesquisa aplicada. Assim:

Entendemos que as pesquisas produzidas no MPE devem ser aplicadas ao enfrentamento de problemas que desafiam os (as) profissionais da área da educação. Para isso, a concepção de produto educacional como parte da culminância da pesquisa de Mestrado é uma possibilidade interessante de aproximar o fazer científico do fazer profissional. Por meio de um diagnóstico ou de uma intervenção, seja nos espaços educativos formais ou não formais, buscamos potencializar a formação continuada de professores(as) de forma sofisticada, não dicotomizando pesquisa e ensino (Sartori; Pereira 2019, p. 31).

O produto educacional é a parte mais importante e interessante do Mestrado, pois é nesse momento que a instituição sai da parte burocrática e passa a atingir a sociedade. Então, em diálogo com o orientador, surgiu a ideia de elaborar um **Documento Orientador** com algumas sugestões para os profissionais que trabalham no acolhimento/educação de crianças e adolescentes na Associação Beneficente Recriando a Vida e em outras com as mesmas configurações.

Nessa perspectiva de entendimento, na sequência apresentamos a análise dos dados, a partir das categorias propostas, buscando a partir dos questionamentos aprofundar o estudo com base nos conceitos e teorias estudadas no decorrer do curso de mestrado e na escrita desse trabalho.

5 ACOLHER E EDUCAR: ANÁLISE DOS DADOS ACERCA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NÃO FORMAIS NA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE RECRIANDO A VIDA

Entre idas e vindas à instituição pesquisada, umas produtivas e outras nem tanto, concluímos a tarefa de coletar alguns dados para apresentar no presente trabalho, desenvolvemos nossa análise com base nos mesmos, tendo em vista o tempo de duração do Mestrado e a disponibilidade dos voluntários. Ainda, no contexto inicial havia uma parceria com o Patronato, que acabou no final de 2024, com oficinas de Língua Portuguesa e Noções Básicas de Informática para imigrantes venezuelanos que chegavam no município de Erechim via ciclo migratório. No período em que foi realizada a etapa de trabalho de campo deste estudo, a parceria voltada ao acolhimento de imigrantes já tinha encerrado. Tal descontinuidade ocorreu, sobretudo, em razão da insuficiência de recursos humanos por parte da instituição pesquisada, o que impossibilitou a elaboração, em tempo hábil, de um projeto básico conforme solicitado pela instituição parceira.

No projeto qualificado, escrevemos um capítulo referente à imigração, que tratava especificamente da chegada de imigrantes em Erechim, e os impactos sociais e no mercado de trabalho desse fenômeno. Contudo, no momento do trabalho de campo essa realidade não se fazia presente. Então, alteramos substancialmente o capítulo três e optamos por falar das desigualdades presentes no Brasil e como essas afetam os mais vulneráveis.

Seguindo, no trabalho de campo, realizamos ao todo três entrevistas, ressaltamos que, frente aos objetivos e o problema, o número é reduzido, no entanto, diante do contexto e do tempo, foi o que conseguimos viabilizar, pois os voluntários alteram seus horários dependendo de suas disponibilidades. Assim, não foi possível reunir todos os voluntários e realizar uma roda conversa como havíamos projetado inicialmente. Mediante essa realidade, uma das entrevistas foi realizada em um sábado de manhã, dentro do veículo particular da pesquisadora. A entrevista ocorreu dessa forma porque a instituição estava com muitos frequentadores naquele momento, ocasionando a indisponibilidade de um espaço específico que pudesse cumprir a finalidade da entrevista.

Tanto nas observações, como nos dias das entrevistas, percebeu-se que o ambiente é bastante movimentado, sem muito planejamento ou organização, pois os voluntários são

poucos para a quantidade de crianças ali atendidas. A estrutura física da instituição é composta por uma casa antiga, e o espaço não é adequado para tantas pessoas que circulam diariamente.

Nas palavras de (Zago, 2003, p. 292) “é oportuno lembrar que a construção de um trabalho de campo é sempre uma experiência singular e escapa frequentemente à racionalidade descrita nos manuais de metodologia”. E o mesmo segue: “o trabalho de campo dificilmente vai se desenrolar conforme planejado e desse modo está sujeito a sofrer um processo de constante construção”.

Verificamos, com as observações à instituição, que o contexto de desenvolvimento das práticas modificou-se do período da elaboração do projeto desse estudo até o os dias da efetiva coleta de dados. Nesse cenário, não foi possível responder quais práticas educativas são desenvolvidas atualmente com imigrantes venezuelanos, pois as oficinas não tiveram continuidade devido à falta de um projeto de trabalho que a instituição, Patronato São José, exigia para continuação das mesmas. Nessa seara, a coordenação da instituição apontou que há muita rotatividade de participantes no local e o Patronato exigia que fossem os mesmos.

Dessa forma, nos propusemos a responder quais práticas educativas são realizadas com as crianças e adolescentes que estão frequentando o local. Foram realizadas 03 entrevistas, sendo que a identidade dos participantes foi preservada e eles foram identificados pela letra A, seguida de numerário, conforme apresentamos no quadro dois.

Quadro 2 - Participantes da entrevista e Práticas desenvolvidas.

Participante	Formação	Prática educativa/ desenvolvida	Carga horária semanal
A1	Auxiliar de Contabilidade	Acolhimento e escuta.	09 horas
A2	Estudante de Psicologia	Observação; escuta ativa; atividades lúdicas e materiais psicopedagógicos.	03 horas na instituição + preparação em casa
A3	Pedagoga + Especialização em Psicopedagogia	Acolhimento e preparação para o mercado de trabalho	40 horas

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

As entrevistas foram realizadas conforme o cronograma apresentado no quadro 1. O número reduzido de participantes deve-se à dificuldade de conseguir falar com os voluntários e a alta rotatividade desses, como mencionamos. Nas nossas idas até a instituição, observamos que, de maneira geral, as atividades na obra giram em torno da oferta de abrigo e de atenção às necessidades básicas, como o acolhimento afetivo, oferta de refeições e lanches e a oportunidade de estar em um ambiente que oferece um pouco mais de segurança, fora das ruas.

Assim, passaremos a transcrever as entrevistas e fazer algumas análises dos dados coletados. Após várias leituras das respostas de cada participante da pesquisa, emergiram duas categorias de análise:

a) **Acolhimento e Inserção Social:** essa categoria trata do ato de acolher, o qual é de suma importância, em um primeiro momento, uma vez que são crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade afetiva e material. Assim, a instituição Recriando a Vida acaba fazendo um trabalho, mesmo que em uma escala menor, onde o Estado não dá conta das mais diversas situações problemáticas da sociedade. Para **Maria da Glória Gohn (2011)**, práticas de acolhimento desenvolvidas por organizações sociais contribuem para processos de empoderamento e inserção cidadã, atuando como mediadoras entre os sujeitos vulnerabilizados e os direitos que lhes são assegurados. Assim, o acolhimento é mais do que recepção: é um gesto político e social que reconhece a complexidade das trajetórias de vida dos sujeitos e busca inseri-los, com dignidade, em processos de pertencimento e transformação social.

b) **Educação Não Escolar: Práticas Limites e Possibilidades no Processo de Desenvolvimento:** essa segunda categoria, emergiu tendo em vista as práticas educativas constatadas na instituição, que, de certa forma, acabam sendo paliativas diante das dificuldades que as crianças e adolescentes atendidos na instituição relatam experienciar aos voluntários. As dificuldades de relação familiar e financeira, muitas vezes marcadas por vínculos fragilizados, a ausência de acompanhamento escolar em casa, situações de negligência ou vulnerabilidade social, tornam essas práticas ainda mais significativas. As práticas educativas na instituição não visam substituir a educação formal, no entanto,

buscamos evidenciar o potencial da educação não escolar como um suporte fundamental na mediação das experiências vividas, mesmo diante de seus limites estruturais e institucionais. Como aponta Paulo Freire (2022), toda prática educativa implica uma dimensão ética, política e afetiva, que deve considerar o contexto de vida dos educandos e sua capacidade de agir no mundo. Nesse sentido, as práticas não escolares assumem um papel formador importante, especialmente em territórios marcados por desigualdades.

5.1 ACOLHIMENTO E INSERÇÃO SOCIAL

O verbo acolher, no dicionário, está descrito: “oferecer ou obter refúgio, proteção ou conforto físico; abrigar(-se), amparar(-se). No caso concreto, ora analisado, percebe-se que a instituição, de fato, tem como objetivo fundamental acolher as crianças e adolescentes e suprir as suas necessidades básicas, como: alimentação, vestuário e acolhimento afetivo.

O ato de acolher é o principal momento, porém, as crianças e adolescentes precisam de outras formas de conhecimento e crescimento pessoal para desenvolver-se nas mais diversas áreas, afinal, ninguém aprende sozinho e sim, na interação com outras pessoas. Paulo Freire destaca: O ser humano não pode ser considerado como uma realidade pronta, acabada, mas sim como um ser em busca constante de auto-realização e crescimento, o que pode ser identificado com o seu processo contínuo de humanização (Scziminski; Bazzanella, 2014).

Nas entrevistas, podemos depreender que: devido a formação diversa das voluntárias e da falta de comunicação entre elas, o trabalho ali desenvolvido é unilateral e individual. Não tem um planejamento conjunto e a longo prazo, o que dificulta a continuidade necessária para desenvolvimento de um aprendizado mais aprofundado.

O que constatamos, ainda, é que nenhuma das entrevistadas fez referências à leitura sobre Educação Popular, Social e Não Escolar, as quais optamos por fazer um compilado teórico breve para esse trabalho. Existe uma preocupação básica de auxiliar na alfabetização, na leitura e para atividades lúdicas que, com certeza, são importantes para os estudantes adquirirem aptidões básicas. Por outro lado, essa falta de alinhamento dificulta a formação de um ambiente favorável para um aprendizado contínuo, levando, assim, à emancipação dos sujeitos.

O ser humano é um todo complexo e, ao mesmo tempo, individual, cada ser é único no mundo e tem uma passagem breve neste planeta, então é importante pensar estruturas para

desenvolver esse ser e tornar o mundo mais humano para todos, independentemente de classe, raça e condição social. Para corroborar, Scziminski e Bazzanella (2014, p.4) nos ajudam com essa reflexão com base na filosofia educacional de Paulo Freire:

Para Freire, o conceito de ser humano não pode ser tomado como um conceito unívoco, pois, não existe uma unidade de manifestações emocionais, intelectuais ou físicas, que possa reduzir uma população dos diversos locais do planeta a um único conjunto de intenções e manifestações. Sua preocupação com a condição do ser humano é o reconhecimento de que este se encontra num processo constante de devir. O ser humano não pode ser considerado como uma realidade pronta, acabada, mas sim como um ser em busca constante de auto realização e crescimento, o que pode ser identificado com o seu processo contínuo de humanização.

Apontamos que, os avanços tanto individuais quanto coletivos, começam com um primeiro passo inicial e singular. Então, temos que começar não tentando mudar o mundo como um todo, mas, começar com pequenas mudanças internas e, na medida do possível, ajudar o outro e depois um coletivo um pouco maior, assim, se cada um faz um pouco, cada qual no seu ritmo, algumas coisas podem ser modificadas. Freire (2022) já dizia que se podemos mudar as coisas que não criamos porque não tentar mudar o mundo que criamos, cada qual no seu ritmo.

Antes de iniciarmos a análise das falas, salientamos que, no presente estudo, em hipótese alguma estamos questionando o mérito do trabalho da instituição e dos voluntários que se propõem a ajudar a amenizar o sofrimento destas crianças e adolescentes oferecendo carinho, alimentação e um local seguro fora das ruas por algumas horas diárias.

Seguimos:

1-Quais as motivações e interesses que te levaram ao trabalho voluntário?

A1 -”⁹O desejo de ser útil para a comunidade e também por causa da minha doutrina religiosa;”

A2 - “Na verdade, meu ingresso na instituição se deu inicialmente por meio de um estágio obrigatório. No entanto, ao longo do tempo, fui percebendo a profundidade e a importância do trabalho realizado aqui. A convivência com as crianças e adolescentes me fez enxergar de perto as demandas e carências que enfrentam diariamente, despertando em mim um sentimento de responsabilidade e um desejo genuíno de contribuir de forma mais ativa.

Acredito que a instituição necessita de pessoas que não apenas cumpram suas horas de trabalho, mas que compreendam

⁹ As falas estão apresentadas com recuo e itálico para melhor identificação e destaque.

verdadeiramente o impacto e a relevância da solidariedade. Essa compreensão vai além da simples execução de tarefas — envolve comprometimento emocional e o desejo de promover mudanças positivas na vida de quem mais precisa.

A experiência aqui me mostrou que o trabalho voluntário não é uma via de mão única. Oferecemos nosso tempo e dedicação, mas também recebemos muito em troca: aprendizado, gratidão e crescimento pessoal. Por isso, embora tenha iniciado por obrigação, hoje me sinto motivada a continuar contribuindo de forma mais engajada e consciente, pois acredito no potencial transformador do trabalho social”;

A3 - Tirar as crianças da rua e ensinar o caminho de bem, elas têm que estudar, depois os pré-adolescentes vão para o mercado de trabalho e ajudar a família.

O sistema de voluntariado, historicamente, tem suas bases na religiosidade, que em certos casos, tem como propósito a preocupação com os mais desfavorecidos, isso ficou evidente logo na primeira questão da entrevista. Os voluntários, quase na totalidade, registraram sentimentos atrelados à solidariedade, acolhimento e em um certo poder transformador da doação pessoal para com o próximo.

Por outro lado, compreendemos que o ser humano não se realiza apenas por suas necessidades materiais, pois, como destaca Paulo Freire (2022), “a educação verdadeira é práxis, reflexão e ação do homem sobre o mundo para transformá-lo”. Assim, é nos espaços de convivência, diálogo e interação que se constroem aprendizagens significativas, capazes de promover consciência crítica e transformação social.

A educação acontece de diferentes formas, porém em quase todos os lugares o grande problema é que esta acontece para o povo e não com o povo (Moura; Zuchetti, 2010). Na mesma linha Freire e Frei Betto (1986), dialogam na obra “Essa Escola Chamada Vida” a respeito da necessidade de uma revolução, porém essa, para se concretizar de fato, precisa ser pensada com o povo e não para o povo, como aconteceu em diversos contextos da América Latina.

Ainda, com o advento do trabalho voluntário, sem adentrar em pormenores, e devido à precarização das condições de trabalho muito evidentes no nosso cenário atual, o cuidado deve ser redobrado, caso contrário estas ações apenas legitimam as visões hegemônicas de homem e de sociedade (Moura; Zuchetti, 2010).

Todavia, não retiramos o mérito de quem ajuda por ter como princípio norteador de vida, o desprendimento e a solidariedade, entretanto assumimos que se faz necessário

contribuir para que as práticas educativas e mesmo o acolhimento que acontece na Instituição, também favoreçam o desenvolvimento da autonomia e da criticidade das crianças e adolescente atendidas, para que esses cresçam com todos os aspectos para lutar por um outro mundo possível.

Nesse sentido, entendemos que, para a Instituição poder oportunizar o desenvolvimento de práticas educativas metodologicamente embasadas, é necessária uma maior organização, tanto na oferta de espaço físico, que possibilitaria o atendimento por mais de dois voluntários simultaneamente, realidade atual que precariza o desenvolvimento das atividades. Além disso, percebemos que essa realidade dificulta a organização e planejamento contínuos, até porque não há ninguém que auxilie permanentemente nesse sentido.

2 – Qual a carga horária média semanal que reserva ao trabalho voluntário?

A1 - *“09 (nove) horas semanais”*; (divididos entre a Recriando A Vida e um Centro Espírita).

A2 - *“Costumo dedicar entre 2 a 3 horas presenciais semanais na instituição, além do tempo de planejamento que realizo em casa. Esse processo de preparação é fundamental para garantir que cada intervenção seja eficaz e esteja alinhada às necessidades da instituição.”*

A3 - *40 horas semanais.*

O tempo de dedicação ao voluntariado é muito variável, uma das causas é que as pessoas têm suas famílias e seus trabalhos para dar conta, no entanto ainda encontram tempo para auxiliar as crianças e adolescentes atendidos pela instituição. O fundamento de que em uma sociedade mais humana e igualitária, não teríamos tantas pessoas em situação de vulnerabilidade extrema. A preocupação em amenizar essas desigualdades, pode ser vista nos estudos de Freire (2022), o qual aponta que é através do compromisso ético com o outro que construímos uma sociedade mais justa, o que demanda disponibilidade de tempo e escuta.

Assim, o que as pessoas precisam para se desenvolver, em um primeiro momento é que as suas necessidades básicas sejam supridas, para depois apostarem no seu desenvolvimento intelectual e social e, estas condições dependem também do contexto social em que estão inseridas. Sen (2010, p.3) salienta que:

O que as pessoas podem efetivamente realizar é influenciado pelas oportunidades econômicas, pelas liberdades políticas, pelos poderes sociais e por condições de possibilidades como a boa saúde, a educação básica, e o incentivo e estímulo às suas iniciativas.

Em relação ao tempo de dedicação ao voluntariado, precisamos discorrer sobre tempo com qualidade e embasamentos que operam mudanças significativas. Nesse sentido, o voluntariado, para além da parte relacionada à solidariedade e ajuda mútua como princípios fundantes, também deveria se guiar por conceitos e teorias capazes de fornecer aportes teóricos e metodológicos que emancipem os cidadãos. A espiritualidade guiada pela prática religiosa é parte importante da vida humana, no entanto as pessoas precisam desenvolver aptidões e práticas emancipatórias, que podem ser desenvolvidas através da educação não formal, no entanto, para isso, é necessário que haja algum tipo de organização e embasamento por parte dos voluntários que atendem as crianças e os adolescentes.

5.2 EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR: PRÁTICAS, LIMITES E POSSIBILIDADES NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

A Educação Não Escolar é aquela que acontece fora dos muros da escola tradicional, e suas práticas não estão vinculadas a um currículo regulamentado pelo estado, Os espaços de educação não formal contribuem de várias maneiras com o processo de desenvolvimento humano, social e cultural dos sujeitos envolvidos, principalmente de sujeitos em situação de vulnerabilidade social, os quais, em alguns casos, e por diferentes motivos, não têm a educação como um direito garantido e assegurado pelo Estado.

Como o ambiente na instituição é bastante informal e crianças de várias idades convivem juntas, não tem como trabalhar por faixa etária e nível escolar. No entanto, como aponta Gohn (2006), a educação não escolar desempenha um papel fundamental na formação cidadã, especialmente quando promovida por organizações da sociedade civil, que atuam de forma complementar às políticas públicas. Essas ações ampliam o campo educativo e possibilitam a construção de espaços de escuta, acolhimento, convivência e aprendizado, favorecendo a inclusão e o fortalecimento de vínculos sociais.

Pergunta 3 – Quais as técnicas e instrumentos que lança mão para a realização das atividades voluntárias?

A1 - *“Acessando material didático na internet. Leitura de livros”.*

A2 - *“Na verdade faço assim, cada semana a gente vem com algo novo né, porque é complicado a gente começar um projeto com as crianças e dar continuidade porque não são sempre as mesmas crianças, então, a gente já trabalhou a questão das emoções, de comportamentos, vamos começar a trabalhar agora a questão de organização e aí para isso utilizamos jogos, livros e dinâmicas com eles. Então dependendo do que a gente tá trabalhando a gente vai pensando em estratégias para conseguir fazer algo efetivo com eles.*

A3 - *Na verdade, são muitas e a gente também precisa muito do apoio da comunidade, tanto na parte das doações, tanto na parte da cozinha, na parte da educação. A gente tem várias técnicas que a gente tem que estar abordando todo dia com as crianças e nas oficinas também.*

Observamos grandes dificuldades, já evidenciadas e mencionadas anteriormente, que contribuem para atravancar o desenvolvimento contínuo e embasado de práticas educativas na Instituição. Nesse sentido, analisamos esse ponto com base no exposto por Piske (2018), a qual relata que a escassez de estratégias metodológicas impede que se ofereçam meios para dar voz e escutar atentamente as crianças durante o acolhimento nas instituições e compõe a realidade contemporânea dos estudos sobre os ambientes de acolhimento.

A internet é um excelente campo de pesquisa, pois quase tudo está disponibilizado a um número considerável de pessoas, graças a democratização do acesso à informação. No entanto, precisamos ter cautela e discernimento diante da abundância de informações, avaliando e analisando sempre as fontes para saber se são ou não confiáveis, e se possuem rigor científico.

Materiais como artigos científicos podem ser confiáveis, no entanto é dever do pesquisador analisar alguns itens como: verificar a Revista; Examinar as referências; localizar os conflitos de interesse declarados (aqui é importante verificar se tem financiamentos para a publicação); procurar a reprodutibilidade, confira se outros estudos independentes apresentam resultados semelhantes. A reprodutibilidade é um dos pilares da ciência confiável. (Curti, 2024).

O espaço da educação não-formal, para além do trabalho de alfabetização, também atua significativamente no campo das emoções, como foi possível perceber nas falas das entrevistadas. Esse trabalho sócio emocional, assim como o ensino da leitura e da escrita, revela-se essencial no desenvolvimento integral e no acolhimento de crianças e adolescentes

em situação de vulnerabilidade social. Rosa e Goi (2024), apontam que as interações sociais e emocionais mediam a construção do conhecimento e a formação subjetiva do indivíduo. Além disso, Gohn (2006) destaca que a educação não-formal possui um papel estratégico na promoção de vínculos, no fortalecimento da autoestima e no estímulo à participação cidadã, especialmente entre os mais vulneráveis.

Pergunta 4 – Quais os fundamentos teórico-conceituais do seu trabalho voluntário/Quais são suas leituras/referências/fontes?

A1 -” Busco material na internet, com tarefas de alfabetização da escola, pra montar a atividade do dia e procurar agradar eles da melhor forma possível”.

A2 - “Para realizar as atividades voluntárias, utilizo um conjunto de técnicas e instrumentos que auxiliam tanto no planejamento quanto na execução das ações. Começo com técnicas de observação e escuta ativa, essenciais para compreender as demandas específicas das crianças e adolescentes atendidos. Essa abordagem permite identificar as principais necessidades e traçar estratégias de intervenção mais assertivas. Também utilizo atividades lúdicas e materiais psicopedagógicos que facilitam o desenvolvimento das ações de forma leve e acessível. Por exemplo, para abordar temas como organização e limpeza, uso o livro "Bagunçado ou Bem Guardado" como recurso central, adaptando as atividades de acordo com a faixa etária e o nível de compreensão das crianças.

Por fim, adotar estratégias de feedback contínuo, avaliando o impacto das atividades com as crianças e a equipe da instituição. Isso permite ajustes e aprimoramentos nas abordagens, garantindo maior eficácia nas intervenções”.

A3 - “Na verdade, são muitas e a gente também precisa muito do apoio da comunidade, tanto na parte das doações, tanto na parte da cozinha, na parte da educação. A gente tem várias técnicas que a gente tem que estar abordando todo dia com as crianças e nas oficinas também”.

O contexto social no qual a instituição está inserida é marcado por precariedades materiais significativas. A população em geral enfrenta diversas dificuldades, e crianças e adolescentes compõem um dos grupos mais vulneráveis, demandando atenção e cuidados básicos constantes. Os voluntários demonstram uma genuína preocupação em estabelecer relações pautadas pelo carinho, afeto e acolhimento. No entanto, embora essa postura represente uma resposta sensível ao sofrimento imediato, trata-se de uma medida paliativa.

Em uma perspectiva de longo prazo, é fundamental reconhecer que as desigualdades sociais se manifestam de múltiplas formas — especialmente na distribuição desigual de direitos básicos entre diferentes segmentos da sociedade. Enquanto alguns indivíduos acumulam recursos muito além do necessário para uma vida digna, muitos outros lutam diariamente apenas para sobreviver (Medeiros, 2023).

A entrevistada A2 vai um pouco além, fala em observação e escuta ativa, isso é fundamental em um mundo que todos querem apenas falar, quem tem habilidades de escutatória (Rubem Alves) se diferencia e consegue desenvolver um trabalho de qualidade em diversas áreas, inclusive na educação. Esta, pensa em estratégias efetivas de aprendizado para o dia a dia, de fato, grandes mudanças começam nas pequenas escolhas que fazemos.

As estratégias de avaliação e feedbacks são importantes para que possamos avaliar erros e acertos e promover as mudanças necessárias para desenvolver atividades e práticas educativas que promovam as mudanças desde a base, sejam elas formais ou informais. Quando bem aplicadas, essas estratégias permitem, não apenas acompanhar o desempenho dos educandos, mas também repensar constantemente os métodos pedagógicos do educador, garantindo que o processo de ensino-aprendizagem seja realmente significativo, inclusivo e emancipador. Na *Pedagogia do Oprimido* (1987), Freire defende que uma avaliação dialógica, crítica e comprometida com a autonomia do educando e, acrescenta que, o educador deve aprender com o educando, em um processo de constante troca.

Pergunta 5 – Quais os principais problemas ou dificuldades que enfrenta no trabalho voluntário?

A1 - “ Olha, como é uma entidade voltada à baixa renda, tem muito problema de relacionamento entre as crianças, eles têm dificuldades familiares muito grande, inúmeros problemas de relacionamento principalmente, então eles são muito carentes, eles precisam muito de afeto, de carinho, eles chegam sempre e querem abraçar e querem contar, então o que falta pra eles muito é isso, então a gente busca tanto ajudar nas atividades de pré alfabetização, como conversar; dar atenção, dar carinho, tratar eles assim com muito muita atenção né, pra que eles se sintam amados ao menos né, ao menos aqui pelos participantes da entidade”.

A2 - ” Na verdade hoje, questão de como toda a semana tem crianças diferentes eu não consigo realmente começar algo numa semana e dar continuidade, então, toda a semana eu tenho que pensar em algo

diferente e aí aqui a gente na verdade essa salinha né, difícil conseguir trabalhar em 4 horas com todas as crianças, o espaço não é favorável aí já tentei trabalhar com dois grupos em um dia mas às vezes não funciona porque é pouco tempo para a quantidade de crianças, né e aí agora o que a gente tem feito assim é um trabalho na verdade mais voltado com as meninas porque elas se vincularam muito bem comigo então a gente conversa muito sobre a vida delas fora daqui sobre o que acontece, sobre escola, conselhos, elas têm muito interesse em como é a minha vida então eu procuro sempre tentar dividir mas ainda assim as meninas têm se vinculado mais”.

A3 - “São vários porque também temos o pessoal de apoio aí que dá aulas pra eles de matemática, de formação. Daí temos os estagiários. E pior que agora eu não me lembro quais são os temas que eles abordam entre as crianças. Porque às vezes eu também não tenho tempo de estar acompanhando eles. Nós queríamos uma sede própria para a entidade, que não faltasse alimento para as crianças e várias coisas. Vou parar aqui.”

Percebemos que os voluntários esforçam-se no sentido de ajudar as crianças e os adolescentes, principalmente quanto ao reforço escolar, auxílio nas necessidades básicas, acolhimento e escuta ativa. Nesse sentido, os mesmos tentam agir de acordo com a sua formação, compreensão de vida e dificuldades de acordo com a bagagem de cada um.

O ponto central é que por haver uma grande informalidade nas práticas na instituição, um espaço físico inadequado e uma grande rotatividade de voluntários, esses aspectos dificultam a continuidade das práticas educativas e, conseqüentemente do aprendizado, ainda impede a criação de vínculos mais profundos. Rosa e Goi (2024) afirmam que, de acordo com estudos apresentados por Vygotsky¹⁰, o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre, também, em função das interações sociais que estabelecem com o meio e de suas condições de vida. No que se refere à aprendizagem, os autores abaixo defendem que:

O aprendizado se dá pela interação social e que o desenvolvimento do sujeito é resultado da relação com o mundo e com as pessoas com as quais ele se relaciona. O objetivo dessa teoria é constatar como as funções psicológicas evoluem de sua forma primária para processos psicológicos superiores. Sendo assim, a teoria visa identificar as transformações psicológicas e cognitivas existentes nas interações do sujeito com o mundo (Rosa; Goi, 2024).

¹⁰ Lev Semionovitch Vigotski, foi um psicólogo, proponente da Psicologia histórico-cultural, pensador importante em sua área e época e pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. Mais informações podem ser encontradas em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/chasqueweb/vygotsky/biografia-vygotsky.htm> . Acesso em: 03 jul. 2025.

Assim, as crianças precisam estabelecer vínculos duradouros e com certa continuidade nas relações e interações sociais para desenvolverem-se. A rotatividade de voluntários e das próprias crianças e adolescentes, dificulta o planejamento de atividades a longo prazo e, o processo de alfabetização, seja ele formal ou informal, precisa de um tempo mais duradouro para se concretizar com êxito. O tempo de duração de um estágio curricular também não consegue dar conta das demandas apresentadas na instituição, pois esse tempo institucionalizado dos voluntários não compreende o tempo de desenvolvimento dos que são atendidos pela instituição. Nesse caso, o pouco tempo para desenvolver as atividades, somado à falta de um espaço físico adequado, contribuem para limitar o desenvolvimento de projetos com mais qualidade.

A diversidade das necessidades apresentadas pelas crianças e adolescentes e a dificuldade da coordenação em acompanhar as atividades, como destaca a A3, são aspectos que podem levar a lacunas no aprendizado dos atendidos. Observou-se que essa descontinuidade dificulta o aprimoramento da maioria das atividades realizadas na instituição.

Os problemas no local são muitos, diversos e de difícil solução a curto e médio prazo, pois a instituição não tem um espaço físico adequado, não conta com pessoas suficientes para atender as crianças e adolescentes que por ali circulam diariamente. A informalidade e a falta de recursos básicos não são problemas de fácil solução, principalmente porque a instituição não conta com recursos públicos e, os auxílios da iniciativa privada, não conseguem suprir todas as demandas.

Conforme conversa com a coordenadora, algumas empresas da cidade contribuem com suporte financeiro e outras com doação de alimentos. Os voluntários contribuem com seu tempo, dedicação e conforme sua formação e visão do mundo. Essa participação da sociedade civil é importantíssima para a manutenção das atividades e o acolhimento e melhoria das condições no local. Por outro lado, notamos a ausência do estado em garantir direitos básicos para quem mais precisa e, então, essa lacuna é suportada por quem se dispõe a contribuir.

No entanto, é preciso refletir sobre essa dualidade, mesmo que a sociedade colabore e resolva algumas situações onde o Estado não chega, esse não pode se eximir de suas responsabilidades, mas sim servir como um chamado à ação conjunta, capaz de construir políticas públicas mais efetivas e zelar para que as mesmas cheguem em quem mais precisa.

Pergunta 7 – Qual a sua demanda por formação continuada, ou seja, o que sugere de ações formativas para a realização do trabalho voluntário na Associação?

A1 – *“Assim olha, atividades assim, também de pré alfabetização, mas também muito voltada ao atendimento acolhedor, que pudesse ser feito com equipes de psicologia, de assistência social. E atividades também na área de alfabetização “lúdicas” bastante brincadeiras e atividades que eles tivessem interesse, de distração, porque quanto a alfabetização normal na escola é bem rígida né e os professores do jeito que eles são, muito difíceis de lidar, os professores também bastante estressados então eles têm uma formação de alfabetização bastante digamos cobrada. Rígida esse seria o termo. O professor bastante digamos assim contrariado sabe então na escola assim chama atenção, agressivos verbalmente então tratando-os com carinho, delicadeza dar atenção, conversar se dispor a ouvir o que eles têm a contar e isso é o que eu acho que mais tá precisando.”*

A2 - *“ A formação continuada pode ser promovida de maneira prática e acessível, por meio de ações como:● Treinamentos básicos sobre mediação de conflitos entre crianças;● Oficinas práticas sobre o uso de jogos e atividades lúdicas no cotidiano da instituição;● Cursos rápidos voltados ao desenvolvimento infantil e ao manejo de situações emocionais;● Encontros periódicos entre os voluntários para troca de experiências e discussão de desafios;● Capacitações simples em primeiros socorros, garantindo que todos saibam como agir em emergências. Essas ações seriam muito valiosas para ampliar a qualidade das intervenções, fortalecer o vínculo entre os voluntários e a equipe, e melhorar a experiência das crianças atendidas.”.*

A3- *“Nós queríamos uma sede própria para a entidade, que não faltasse alimento para as crianças e várias coisas. Vou parar aqui.”.*

Atualmente, a formação continuada é um tema bastante presente no ambiente escolar formal, seja nas escolas ou em outros ambientes, como empresas, na indústria, existem demandas nesse sentido. No entanto, para se pautar esse tipo de formação na área da educação, é necessário que se estabeleça alguns critérios, uma vez que isso pode impactar no futuro dos estudantes, pois como observado no contexto social em análise, há uma rotatividade de voluntários e de crianças e adolescentes que são atendidos na instituição, isso impacta na organização interna da instituição e no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes.

Na Associação Beneficente Recriando a Vida, a formação continuada dos voluntários se mostra uma necessidade urgente e estratégica para qualificar o trabalho educativo oferecido às crianças e adolescentes atendidos. As falas dos voluntários revelam uma preocupação com

a qualidade do atendimento, a humanização das práticas, a valorização de metodologias lúdicas e afetivas no processo de aprendizagem e a captação de recursos para garantir a alimentação dos atendidos pela instituição e de uma estrutura física própria.

Na visão de A1, há uma preocupação em desconstrair o ambiente na instituição, já que as crianças são cobradas na escola e, assim, essa pessoa voluntária preocupa-se em proporcionar atividades mais espontâneas e afetuosas e sugere capacitações com práticas humanizadoras e empáticas. Segundo Paulo Freire (2022), toda prática educativa deve considerar o contexto concreto dos sujeitos e promover o seu engajamento crítico na realidade.

Já na fala de A2, a mesma propõe um conjunto de ações formativas concretas e acessíveis, como oficinas de jogos, cursos sobre desenvolvimento infantil e manejo emocional, mediação de conflitos, primeiros socorros e encontros periódicos para troca de experiências entre os voluntários. Essas propostas demonstram uma compreensão clara de que a formação continuada deve estar alinhada com a realidade do trabalho voluntário naquele contexto em específico, deve ser prática, colaborativa e contínua.

A fala de A3, embora não traga diretamente sugestões formativas, aponta para questões da estrutura da instituição, que é a necessidade de um espaço adequado para desenvolver diálogos mais profícuos e uma estrutura mais organizacional, que proporcione um ambiente adequado para todos que frequentam o local. Essa fala evidencia que a formação continuada, para ser efetiva, deve vir acompanhada de uma estrutura mínima, seja ela material ou financeira, que possibilite sua realização.

Assim, diante dessa realidade e, com o intuito de contribuir com o local que nos acolheu de forma afetiva e empática, tentamos desenvolver como produto educacional um documento orientador, cuja intenção é facilitar, em alguns aspectos, o trabalho dos voluntários no local e em outros ambientes similares. As formações no local, além de atenderem aos aspectos pedagógicos e técnicos, devem priorizar o exposto por Paulo Freire (2022), em que o autor reforça a importância da formação como um processo contínuo, dialógico e crítico, que deve considerar o contexto dos sujeitos envolvidos.

Portanto, investir em uma formação continuada criteriosa, colaborativa e contextualizada é uma estratégia essencial para fortalecer as práticas educativas voluntárias na associação, garantindo não apenas um melhor atendimento às crianças, mas também o desenvolvimento humano e profissional dos voluntários.

5.3 SÍNTESE DAS ANÁLISES E PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Ao concluir o capítulo dedicado à análise do conteúdo das entrevistas, realizadas com base nas categorias previamente definidas, e considerando também as observações feitas durante as visitas à Instituição, retomamos o problema de pesquisa que motivou este estudo e seu objetivo principal, a fim de avaliar em que medida foram alcançados

Nesse sentido, avaliamos que as atividades desenvolvidas na obra pelos voluntários, possuem um importante caráter de acolhimento e escuta atenta às dificuldades e vivências reportadas pelas crianças e adolescentes. Esses aspectos ficaram evidentes nas entrevistas, o que nos leva a compreender de que os voluntários realizam um importante trabalho que auxilia no desenvolvimento de aspectos emocionais, humanos e sociais para essas crianças.

Por outro lado, foi possível depreender que a Instituição ainda não avançou em aspectos que a dimensione no campo da Educação Popular. Educação essa, que se pauta nos princípios da emancipação, conscientização e autonomia. Nessa seara, destacamos que ficaram evidentes no local diversas dificuldades, como a falta de espaços adequados para o desenvolvimento de práticas educativas, falta de pessoas habilitadas e com disponibilidade para atuar de forma mais contínua, dentre outros.

Diante disso, reforçamos que, para que as práticas educativas sejam efetivas, é necessário que estejam embasadas por uma metodologia, planejamento, avaliação e com a presença de voluntários que desenvolvam um trabalho com maior continuidade, o que pode contribuir para o bom andamento das atividades e a construção da confiança e vínculos mais duradouros. Entendemos que esses aspectos são fundamentais no trabalho com crianças em situação de vulnerabilidade social. Paulo (2023, s/p) nos ajuda a entender a atuação dessa educação nos moldes que elencamos;

Assim dizendo, é no contexto de atuação que essa/esse profissional precisa elaborar estratégias de resistência na EP que buscam fortalecer a participação, organização, conscientização e emancipação dos sujeitos populares, que são oprimidos e explorados pelo sistema capitalista. Algumas dessas estratégias são: trabalho político-pedagógico de formação cidadã crítica, atividades educativas que estimulem a problematização, as quais consistem em identificar e analisar os problemas que afetam a vida dos sujeitos, buscando compreender suas causas, consequências e possíveis soluções, estimulando a reflexão crítica e a ação

transformadora, pesquisas participativas junto às comunidades que vislumbra mudança social.

Percebemos ainda, que o objetivo primeiro da Associação, é justamente atender às necessidades mais urgentes de quem por ali passa e procura assistência. No local, ocorre uma circulação constante de pessoas: umas chegam com doações de roupas e alimentos; outros vão ao local para retirar essas doações; outras ainda chegam para auxiliar na cozinha e na limpeza; se apresentam os estagiários e voluntários para realizar suas atividades, muitas vezes sem um lugar específico ou apropriado para a realização dessas; a coordenadora é constantemente demandada para atender às necessidades mais urgentes, não dispondo de tempo ou pessoas que a possam auxiliar para uma melhor organização, seja no espaço ou na organização das atividades educativas.

Diante dessas constatações e de outras dificuldades que a Associação enfrenta, reforçamos sua importância na comunidade onde se insere, ao promover acolhimento, segurança no contraturno escolar, diálogo, alimentação, dentre outros. Outrossim, é igualmente relevante apontar que, para a Associação atingir os objetivos a que se propõe a Educação Popular, ela necessitará de reestruturações, tanto na estrutura física como na de atendimento. Para isso, há um longo caminho a ser trilhado que envolve a participação do poder público, da sociedade, de instituições parceiras, de voluntários e militantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, depois de criar e educar minha filha, é com certeza, a tarefa mais desafiadora que me propus a fazer nesses meus 56 anos de vida. No ano de 2023, iniciamos as aulas teóricas, que enriqueceram sobremaneira nossa visão da educação e do mundo. Enfim, o convívio sistemático com os professores e os colegas foi e será, imprescindível para moldar a minha concepção de um mundo mais humano e conseqüentemente mais justo.

O diálogo com tantas pessoas com as mais variadas visões da vida e do mundo na sala de aula, nos corredores, nas redes sociais, nos grupos de estudos e nas leituras. Meu Deus! Quantos artigos lemos nesse curto espaço de tempo! Esses debates e aprendizados foram fundamentais para que possamos desenvolver um trabalho final mais significativo, tanto na esfera pessoal, quanto para a instituição e para a sociedade.

Durante esse percurso de escrita, procuramos responder alguns questionamentos que nos ajudassem a pôr em prática alguns conceitos que desenvolvemos nas aulas teóricas, pois a teoria sem a prática e vice-versa é um aprendizado que não reverbera. Freire no Livro *Pedagogia do Oprimido* nos ensina: a “práxis é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo.”

Eu, de alguma forma, sempre estive envolvida com a Educação e a exemplo de meus pais, citados no início desse texto, sempre acreditei que ela é um pilar essencial da minha vida e acredito firmemente no seu papel de modificar significativamente as pessoas. Em algum momento, durante esta escrita, assisti um documentário no *YouTube*¹¹ referente a Paulo Freire em que um dos participantes falou: “uma pessoa que não sabe ler é um ser perdido no mundo”.

A Educação está em toda parte e se apresenta nas mais diversas formas, essa tanto pode ser colocada a serviços de todos ou somente para alguns e reproduzir constantemente as desigualdades. Nas palavras de Brandão (2013, p.10):

Existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância. Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as

¹¹ Canal de acesso ao documentário “Construção da leitura e da escrita na perspectiva freiriana”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=10HzLvhpW04> . Acesso em 02 jul. 2025.

incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professor especialistas; mais adiante, com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos.

Ainda, Brandão nos induz a pensar por que ter tanta esperança na educação quando essa, na maioria das vezes, está a serviço da dominação? O mesmo sugere várias ideias para refletirmos: “[...] seria porque a educação é inevitável; ou, porque ela sobrevive aos sistemas e, se em um ela serve à reprodução das desigualdades e à difusão de ideias que legitimam a opressão, ou servir à criação da igualdade entre os homens e à pregação da liberdade” (Brandão, 2013 p. 103). Assim, como Brandão acreditamos que, apesar das suas imperfeições, devemos estar sempre reinventando-a e refletindo sobre mudanças e estratégias para aperfeiçoá-la.

Buscamos, a partir das entrevistas e à luz da teoria que estudamos, detalhar qual o papel dos(as) voluntários(as) e como suas práticas educacionais, no contexto da Associação, contribuem para o acolhimento e inserção de crianças e adolescentes na sociedade e no mercado de trabalho, tendo em vista os pressupostos da Educação Popular/Social?

Com a intenção de buscar respostas a este problema, a presente pesquisa foi norteada pelo objetivo principal de identificar as práticas educativas desenvolvidas pelos voluntários e compreender sua contribuição para a inserção social das crianças e adolescentes. Nesse sentido, os objetivos específicos do presente estudo incluíram caracterizar os conceitos de Educação Popular e Social, apresentar a associação e seu contexto de atuação e diagnosticar os desafios enfrentados pelos voluntários, além de elaborar um documento orientador como produto educacional.

Tendo como pano de fundo as teorias da Educação Popular, da Educação Não Escolar e uma breve contextualização das desigualdades no Brasil e, alguns pontos referentes à Educação e seus desdobramentos na história recente, chegamos ao aporte metodológico que nos possibilitou pensar nas técnicas de pesquisa para responder alguns questionamentos que nos propusemos esmiuçar através dos objetivos estabelecidos. Diante disso, sustentamos o quanto importante se constitui o ato de aprender em todos os locais onde existe convívio humano. Assim, procuramos identificar o que os voluntários estão desenvolvendo na instituição, para então elencar os pontos fortes e tentar contribuir com sugestões que venham a auxiliar no desenvolvimento de práticas educativas que acontecem no local.

Em um primeiro momento, nos propusemos a estudar as práticas educativas desenvolvidas junto aos imigrantes venezuelanos nas oficinas de língua portuguesa e noções

básicas de informática para inserção no mercado de trabalho local. Fizemos todo um esforço para contextualizar a realidade migratória atual e pesquisar sobre a chegada dos imigrantes no Brasil e na nossa cidade e seus impactos na comunidade, no entanto, no momento da pesquisa de campo, a realidade elencada não mais se fazia presente na Instituição: com a inviabilidade e interrupção da parceria existente entre a Associação e o Patronato São José, conforme descrito no capítulo 5, as oficinas anteriormente citadas, foram canceladas restando ativas práticas direcionadas ao acolhimento e escuta ativa, observação, atividades lúdicas e utilização de materiais psicopedagógicos. Essas práticas, na ocasião da realização das entrevistas, estavam sendo desenvolvidas por uma profissional voluntária da área contábil, um estagiário da área de psicologia e uma pedagoga.

Diante disso, foi necessário alterar a configuração do estudo, buscando compreender de que forma estão sendo desenvolvidas as práticas educativas no contexto atual da Instituição, que não são direcionadas especificamente para os imigrantes. Assim, buscamos compreender aspectos dessas práticas para o público (crianças e adolescentes) que no momento atual frequentam o local, e reforçamos o que Zago (2003, p.292) ressalta: “o trabalho de campo dificilmente vai se desenrolar conforme planejado e desse modo está sujeito a sofrer um processo de constante construção”.

A partir da análise de dados, ficou evidente que os(as) voluntários(as) têm uma preocupação genuína com as crianças e adolescentes que frequentam a instituição e tentam desenvolver atividades, seja de acolhimento, ou, que auxiliem no desenvolvimento humano e cognitivo desse público. Dessa forma, sustentamos que, as ações desenvolvidas concretizam ações típicas de voluntariado, aqui cabe a definição da ONU que estabelece que os mesmos são aqueles que realizam: "atividades não remuneradas, realizadas por escolha livre e informada, para beneficiar a comunidade ou indivíduos, ou para o bem comum", motivados essencialmente pelo objetivo particular de ajudar o próximo e contribuir, de alguma forma, na mitigação da realidade precária à qual aquelas crianças e adolescentes estão submetidos.

Por outro lado, ficou evidente as diversas dificuldades enfrentadas por esses voluntários, tanto para o desenvolvimento de suas atividades como para assegurar a continuidade dessas. As dificuldades principais envolvem a falta de espaço físico e de materiais didáticos adequados para o desenvolvimento de práticas educativas, a rotatividade dos atendidos e dos voluntários(as), falta de planejamento, de metodologias e estruturação do local.

Além disso, compreendemos que é possível diante da realidade em que se insere a Instituição, ser necessário pensarmos na viabilidade de promover uma educação nos moldes que descrevemos nos capítulos teóricos: uma educação emancipadora e humanizadora embasada no que propõe a Educação Popular. Para isso, é necessário que os voluntários(as) queiram estender sua atuação para além do mero assistencialismo. Contudo, para que se efetivem mudanças na forma como as atividades são desenvolvidas pelos voluntários, entendemos como importante a criação de um espaço de planejamento e diálogo permanente que se fundamenta nos pressupostos da Educação Popular.

Aqui cabe recordar o que a Educação Popular, modalidade desenvolvida fora da escola tradicional, busca valorizar os saberes e competências para a cidadania e assim promover transformações na sociedade, a partir do diálogo e da conscientização dos sujeitos, para que esses adquiram a capacidade de perceber criticamente sua situação de opressão e agir para transformá-la (Freire, 2022).

A partir da análise dos dados obtidos nas falas dos voluntários e à luz dos objetivos e da teoria aqui apresentada, consideramos relevante apresentar aos mesmos, e para a própria coordenação da instituição, algumas sugestões de autores, que corroboram para o desenvolvimento de práticas da Educação Popular.

Nessa mesma perspectiva, ao buscarmos uma forma concreta de auxiliar os voluntários que atuam na instituição, elaboramos um produto educacional, apresentado no Apêndice E. O produto além de ser uma exigência do mestrado profissional em educação, trata-se de uma forma de contribuição do pesquisador para com a realidade que constitui-se como seu campo de estudo. Assim, elaboramos uma proposta de documento orientador que pode ser utilizado pelos voluntários que atuam na condução de práticas educativas em espaços de atendimento frequentados por pessoas em condições de vulnerabilidade social. Para sua estruturação buscamos embasamento em autores da Educação Popular e não escolar.

Assumimos que os dados evidenciados por esse estudo e sua análise, tratam-se apenas de um recorte da complexa realidade que se apresenta, especialmente em um espaço onde necessidades humanas básicas precisam ser atendidas. Necessidades essas que, quando são deficitárias, acarretam a desumanização dos sujeitos manifestada por Freire. Temos ainda, a perspectiva de Gadotti de que a educação popular pode auxiliar na promoção de uma maior justiça social.

Nesse contexto, falar em Educação Popular pode parecer utópico; contudo, compreendemos sua importância, na busca pela construção de uma sociedade onde seus cidadãos sejam atuantes e conscientes. Ao concluirmos, reforçamos que ainda há muito a ser feito, que necessariamente envolve diferentes atores sociais. Aqui, ressaltamos o que Freire prega na sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2022): “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.” Assim, buscamos contribuir com reflexões acerca da realidade que se apresenta com embasamento da Educação Popular.

Por fim, o resultado do presente estudo nos permitiu perceber, primeiramente, a importância da assistência oferecida pela instituição em questão na comunidade onde está inserida provendo necessidades básicas que deveriam estar sendo atendidas pelo poder público. Entretanto, reconhecemos também, que a mesma instituição poderia oportunizar maiores mudanças sociais, no atendimento das crianças e adolescentes em vulnerabilidade que ali buscam auxílio, se pautasse suas práticas nos pressupostos da Educação Popular, educação essa que busca a emancipação, partindo de um olhar crítico acerca da realidade experienciada por cada um, e favorece o reconhecimento dos sujeitos enquanto cidadãos com direitos e deveres, com potencial para fomentar ações transformadoras na própria realidade.

Da mesma forma, apesar da atuação dos voluntários contribuir com práticas educativas e outras atividades fundamentais para a continuidade dos serviços prestados pela Instituição na comunidade local, a presença destes não substitui a necessidade da atuação do poder público e a efetivação de políticas públicas estruturadas. Sem essa ação o voluntariado corre o risco de apenas reforçar práticas assistencialistas pontuais, que aliviam necessidades imediatas, mas não promovem a emancipação nem a autonomia dos sujeitos envolvidos.

Como referido anteriormente, compreendemos que a própria instituição não dará conta de tal atribuição sozinha, será necessário o envolvimento dos mais diversos setores da sociedade, especialmente do poder público e políticas públicas efetivas, mas também de instituições educacionais, voluntários, militantes e outros, que possuam a utopia de construir uma nova e possível realidade, que possibilite condições dignas de vida a todos os envolvidos. É utópico! É sonhador! Pois é! Mas devemos “esperançar” sempre.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. Estudo de caso: foco temático e diversidade metodológica. *In: Métodos De Pesquisa Em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo*, São Paulo, SESC São Paulo/ CEBRAP, 2016. Disponível em: https://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/arquivos/2016_E-BOOK%20Sesc-Cebrap_%20Metodo%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Qualitativo.pdf . Acesso em: 27 ago. 2024.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em educação: desafios contemporâneos. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 43-57, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/2177-580x.vol1.n1.p43-57> . Acesso em: 27 ago. 2024.
- ANDRÉ, Marli; PRÍNCIPE, Lisandra. O lugar da pesquisa no Mestrado Profissional em Educação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 63, p. 103–117, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/49805> . Acesso em: 01 jul. 2024.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm . Acesso em: 06 set. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Comissão Nacional em Ética em Pesquisa - CONEP**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/comissoes-cns/75-comissoes/conep/627-comissao-nacional-de-etica-em-pesquisa> . Acesso em: 06 ago. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/comissoes-cns/conep/> . Acesso em: 14 jul. 2025.
- BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2013/06_jun_14_publicada_resolucao.html . Acesso em: 13 ago. 2024.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas: aprendizados que se inter cruzam e se comunicam**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.
- CAMINI, Isabela; BAREA, Rudimar (orgs). **Cartas Pedagógicas: como Prática de Ensino e Pesquisa**. Passo Fundo: Saluz, 2023.
- CARVALHO, Isabela Freitas de; TREVISIO, Vanessa Cristina. A desigualdade social e suas implicações no sistema educacional brasileiro. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, São Paulo, v.7, n. 1, p. 126-139, mai. 2021. Disponível em:

<https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/103/20052021171031.pdf> . Acesso em: 08 jul. 2025.

CARVALHO, Josué de Oliveira; CARVALHO, Lindalva Rodrigues dos Santos Oliveira. **A educação social no Brasil: contribuições para o debate..** In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2006. *On line*. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100024&lng=en&nrm=abn . Acesso em: 27 jun. 2025.

CURTI, Rafaela. **A confiabilidade dos artigos científicos: nem tudo é o que parece.** CursauEducação: 2024. Disponível em: <https://cursaueducacao.com.br/blog/artigos-cientificos/> . Acesso em: 26 jun. 2025.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia.** Petrópolis: Vozes, 2011.

ERNICA, Maurício; RODRIGUES, Erica C; SOARES, José F. Desigualdades educacionais no Brasil contemporâneo: Definição, Medida e Resultados. **Revista Dados**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/x4zKhjLQ5tv7Tx3RrWPtnjn/> . Acesso em: 10 jul. 2025.

FONTANA, Eliane; SCHMIDT, João Pedro. Um Conceito Forte De Terceiro Setor À Luz Da Tradição Associativa. **Revista Direitos Fundamentais & Democracia**, Curitiba, v. 26, n. 1, p. 278–304, 2021. Disponível em: <https://revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br/index.php/rdfd/article/view/1605> . Acesso em: 3 set. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 49 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 74 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 84 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Política e educação.** Organização de Ana Maria Araújo Freire. 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo; BETO, Frei. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho.** 3 ed. São Paulo: Ática, 1986.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de; MACHADO, Maria Elisabete. Formação com educadores/as e os desafios da práxis da Educação Popular na Universidade. **Educação**, v. 33, n. 2, p. 137-144, mai./ago 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/7348> . Acesso em: 04 jun. 2024.

- GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos: IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: Domínio Epistemológico**, Taguatinga, v. 18, n. 2, p. 10-32, 2012. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rdl/article/view/3909> . Acesso em: 06 set. 2024.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?lang=pt> . Acesso em: 04 jul. 2025.
- GUZZO, Raquel Souza Lobo; EUZEBIOS FILHO, Antonio. Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora. **Escritos sobre Educação**, Ibirité, v. 4, n. 2, p. 39-48, 2005. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-98432005000200005&script=sci_abstract . Acesso em 20 Ago. 2024.
- HOLANDA, Cristiane Carvalho de. **Voluntariado e Terceiro Setor**. 2003. Dissertação (Pós-Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10000> . Acesso em: 03 set. 2024.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LANDIM, Leilah. Experiência Militante: Histórias das assim chamadas ONGs. *In*: LANDIM, Leilah (Org.). **Ações em Sociedade – Militância, caridade, assistência etc**. Rio de Janeiro: NAU, 1998, p. 215-239, 2002. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2002_num_9_1_1485 . Acesso em: 30 jun. 2025.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIMA, Glaucia da Conceição; SOUSA, Glauber Santana de. **Introdução à Pesquisa em Educação**. [São Cristóvão]: Centro de Educação Superior à Distância (CESAD), Universidade Federal de Sergipe, 2011. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/16532916022012Introducao_a_Pesquisa_em_Educacao_aula_1.pdf . Acesso em: 03 set. 2024.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira; AZEVEDO, Rômulo Sousa de Azevedo; AMARAL, Cláudia Tavares do; SILVA, Altina Abadia da. A Contribuição de Paulo Freire aos Estudos Sobre Educação e Migrações Internacionais: uma breve revisão de literatura, **Revista OLHARES**, Guarulhos, v. 9, n. 3, p. 114-135, nov. 2021. Disponível em: <https://mail.sumarios.org/artigo/contribui%C3%A7%C3%A3o-de-paulo-freire-aos-estudos-so-bre-educa%C3%A7%C3%A3o-e-migra%C3%A7%C3%B5es-internacionais-uma-breve> . Acesso em: 23 set. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEDEIROS, Marcelo. Os ricos e os pobres: **O Brasil e a desigualdade**. São Paulo: Companhias das Letras, 2023.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, 1999, v. 22, n. 37, p. 7-32. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf . Acesso em: 30 jun. 2025.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de; ZUCCHETTI, Dinora Tereza. Educação além da escola: acolhida a outros saberes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 629-648, ago. 2010 . Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742010000200016&lng=pt&nrm=iso > . Acesso em: 26 jun. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Centro de Informação da ONU. Rio de Janeiro. **O trabalho voluntário e a ONU**. Disponível em: <https://www.un.org/pt/rio/carreiras/voluntariado> . Acesso em: 06. set. 2024.

PALUDO, Conceição. Educação popular como resistência e emancipação humana. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, mai./ago. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n96/1678-7110-ccedes-35-96-00219.pdf> . Acesso em: 08 set. 2024.

PAULO, Fernanda Santos; GONÇALVES, Paulina dos Santos. Metodologias da educação popular: Paulo Freire e os desafios da interdisciplinaridade na educação não escolar. **Revista Diálogo**, Canoas, n. 51, p. 01-10, jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/10560> . Acesso em 20 ago. 2024.

PAULO, Fernanda Santos; NACHTIGALL, Nara Rosana Godfried; GOES, Taís Pereira de. Educação Popular e Educação Social a partir de Paulo Freire: conceitos em disputas ou

complementares? **Revista Pedagógica**, Chapecó, [Online], v. 21, p. 43-62, 2019. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/4535> . Acesso em: 27 ago. 2024.

PAULO, Fernanda do Santos; TESSARO, Mônica. Semelhanças e diferenças entre as concepções de educação social, educação popular e educação não escolar. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 76–97, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/9015> . Acesso em: 9 jul. 2025.

PAVIANI, Jayme. **Ética da formação**. Caxias do Sul: Educs, 2016.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. **A atualidade do pensamento pedagógico de Paulo Freire**. Porto Alegre: Cirkula, 2018.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. **Aprender e ensinar com Paulo Freire: por uma escola emancipatória**. Porto Alegre: Cirkula , 2015.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. O centenário de Paulo Freire e a recontextualização da Educação Popular: possibilidades de uma pedagogia situada. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 65, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i65.21811> . Acesso em: 27 ago. 2024.

PEREIRA, Thiago Ingrassia; LINKE, Jocieli Roberta; HUBNER, Cleudes Fatima Bresolin. Educação Popular e Pesquisa Aplicada em Educação uma possível práxis no mestrado profissional. **Revista Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico Científica**, Vitória, v. 30, n. 2, p. 225-249, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/prodiscente/article/view/43830> . Acesso em: 03 set. 2024.

PISKE, Eliane Lima, *et al.* Práticas educativas nas instituições de acolhimento sob o olhar das crianças. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá , v. 27, n. 66, p. 905-923, set. 2018. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-20972018000400905&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 19 jun. 2025.

RELATÓRIO DO OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DAS DESIGUALDADES. **Pacto Nacional pelo combate às desigualdades**. CEBRAP/ ABCD, 2024. Disponível em: https://combateasdesigualdades.org/wp-content/uploads/2024/09/RELATORIO_2024_v3-1.pdf . Acesso em: 10 jul. 2025.

ROSA, Ana Paula Marques da; GOI, Mara Elisângela Jappe. Teoria socioconstrutivista de Lev Vygotsky: aprendizagem por meio das relações e interações sociais. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, nº 10, 26 mar. 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/10/teoria-socioconstrutivista-de-lev-vygotsky-aprendizagem-por-meio-das-relacoes-e-interacoes-sociais> . Acesso em: 26 jun. 2025.

SALES, André Luis Leite de Figueirêdo; FONTES, Flávio Fernandes; YASUI, Silvio. Para (re)colocar um problema: a militância em questão. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 2, p. 565-577, jun. 2018. Disponível: <https://doi.org/10.9788/TP2018.2-02Pt> . Acesso em: 10 jul. 2025.

SARTORI, Jerônimo; PEREIRA, Thiago Ingrassia (Orgs.). **A Construção do Conhecimento no Mestrado Profissional em Educação**. 1 ed. Porto Alegre: Cirkula, 2019.

SÁUL, Tamine Santos. **Educação social na escola Marista Santa Marta: papel e constituição da(o) docente**. 2023. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/30084> . Acesso em: 15 mai. 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Autores Associados, 1983.
SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Bras. Estudos pedagógicos**, Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, dez. 2015. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000300561&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 03 jul. 2025.

SCZIMINSKI, Terezinha de Fátima Juraczky; BAZZANELLA, Sandro Luiz. Inclusão Social: Contribuição de Paulo Freire. *In: II JORNADAS LATINOAMERICANAS DE ESTUDIOS EPISTEMOLÓGICOS EN POLÍTICA EDUCATIVA*, 2014, Curitiba: ReLePe. Disponível em: <https://relepe.org/images/687.pdf> . Acesso em: 26 jun. 2025.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

TRIBUNA DO NORTE. **Angicos: as 40 horas que mudaram vidas**. Tribuna do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/natal/angicos-as-40-horas-que-mudaram-vidas/> . Acesso em: 15 mai. 2024.

VENDRAMI, Leandro; OLIVEIRA, Fatima P. Z. de; ANAMI, Tyeko. A desigualdade social e a educação no Brasil: uma revisão de literatura. **Revista Metodologias e Aprendizado**, [S. l.], v. 4, p. 390–398, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/2272> . Acesso em: 10 jul. 2025.

VINADÉ, Thaiany Farias; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Inventando A Contra-Mola que Resiste: Um Estudo Sobre a Militância na Contemporaneidade. **Psicologia & Sociedade**, Minas Gerais, v. 19, n. 3, p. 68-75, set/dez, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300011> . Acesso em 20 Ago. 2024.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. *In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 287-309, 2003.

ZITKOSKI, Jaime José. Humanização/Desumanização. *In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. Dicionário Paulo Freire*. 4. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 251-252.

ZITKOSKI, Jaime José; HAMMES, Itamar Luís; HAMMES, Lúcio Jorge. O legado da Pedagogia Freireana: possibilidades para reencantar a educação. **Revista Cadernos de Educação**, n. 65, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/21817/13810> . Acesso em: 26 jun. 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE RECRIANDO A VIDA: ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM ERECHIM

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: **Práticas Educativas na Associação Beneficente Recriando a Vida: Acolhimento de Crianças e Adolescentes em Erechim**. Desenvolvida por Cleudes Fátima Bresolin Hubner, discente do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Erechim*, sob orientação do Professor Dr. Thiago Ingrassia Pereira. O objetivo central do estudo é identificar as práticas educacionais que são desenvolvidas por voluntários na Associação Beneficente Recriando a Vida, no contexto da Educação Popular e Não Escolar e, compreender como estas práticas contribuem para o acolhimento e inserção de crianças e adolescentes em Erechim, na sociedade e no mercado de trabalho local. O convite a sua participação se deve à sua atuação como voluntário(a) na Associação Beneficente Recriando a Vida. Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma, contudo ela é muito importante para a execução da pesquisa. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa, sendo sua participação voluntária. Mecanismos para garantir o sigilo e a privacidade (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012, item IV.3. c e e) e ,guarda dos dados e materiais coletados na pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item XI.2.f).

Os dados coletados serão armazenados em um dispositivo eletrônico local, sob a guarda exclusiva da pesquisadora responsável e de seu orientador. O período de armazenamento será de 5 anos, contados a partir da data da última coleta de dados. Durante o período de armazenamento, o acesso aos dados será restrito à pesquisadora responsável e a seu orientador, garantindo assim a confidencialidade das informações. Após o término do período

de armazenamento (5 anos), os dados serão definitivamente excluídos. Os arquivos físicos serão destruídos por fragmentação para garantir a impossibilidade de recuperação das informações, quanto aos arquivos digitais, serão deletados de forma irreversível do dispositivo de armazenamento. Para garantir sigilo e confidencialidade após a coleta de dados, a pesquisadora responsável fará o download imediato de todos os dados para um dispositivo eletrônico local (pen drive ou hd externo), e todos os registros dos dados coletados em plataformas virtuais, ambientes compartilhados ou na nuvem serão apagados imediatamente após o download. Os registros em gravações de áudio também deverão ser baixados para um pen drive ou hd externo e, em seguida, apagados das plataformas digitais. O acesso aos dados será restrito à pesquisadora responsável e a seu orientador, garantindo assim a confidencialidade das informações e a destinação final dos dados, tanto físicos quanto digitais, será realizada de forma segura e irreversível, conforme descrito acima.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3.a):

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do(a) pesquisador(a) informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. A sua participação consistirá em participar de roda de conversa e/ou entrevista com a participação de outros voluntários que realizam atividades no local e a pesquisadora. Será utilizado para nortear a roda conversa e/ou entrevista um roteiro com questões previamente elaboradas. Sendo: 1- Quais as motivações e interesses que te levaram ao trabalho voluntário? 2 – Qual a carga horária média semanal que reserva ao trabalho voluntário? 3 – Quais as técnicas e instrumentos que lança mão para a realização das atividades voluntárias? 4 – Quais os fundamentos teórico-conceituais do seu trabalho voluntário/Quais são suas leituras/referências/fontes? 5 – Quais os principais problemas ou dificuldades que enfrenta no trabalho voluntário com imigrantes venezuelanos?

6 – Qual a sua demanda por formação continuada, ou seja, o que sugere de ações formativas para a realização do trabalho voluntário na Associação?

O tempo de duração da entrevista dependerá da sua disponibilidade, mas estima-se a duração de aproximadamente 30 minutos. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos. A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e somente com a sua autorização. Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo gravação

Não autorizo gravação

Explicitar benefícios diretos (individuais ou coletivos) aos participantes da pesquisa (Conforme Resolução CNS No 466 de 2012 item IV.3 b):

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de contribuir com a Associação e com a comunidade, uma vez que a partir do estudo realizado será elaborado um produto educacional que contribuirá com as práticas educativas ali desenvolvidas, e estas poderão trazer benefícios não apenas para os frequentadores do local, mas também para a comunidade em geral.

Previsão de riscos ou desconfortos (Conforme Resolução CNS No 466 de 2012 item IV.3 b): A participação na pesquisa poderá causar riscos tanto para o pesquisador(a) como para o(a) participante, especialmente:

Medidas Adotadas pela Pesquisadora: Caso seja percebido algum desconforto por parte do participante da entrevista, interrompe-se a entrevista e a gravação, até que o participante sinta-se em condições de continuar. Será também exposta a possibilidade de continuar a conversa em outro momento, caso necessário. A pesquisadora tomará o cuidado para utilizar uma linguagem simples e objetiva, que não torne a entrevista cansativa ou que possa gerar algum desconforto emocional, reforçando que o(s) participante(s) poderão não responder às questões as quais não se sentirem confortáveis, bem como desistir da participação da pesquisa a qualquer momento, se assim for sua vontade. Caso ocorra a desistência o Orientador da Pesquisa será informado, bem como a instituição de coleta dos dados.

Os participantes terão livre escolha sobre a participação na entrevista, mediante assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)

Será garantido o anonimato dos participantes. Serão códigos para referenciar os participantes da pesquisa (Ex. a1, a2, A3).

Será reforçado que a participação é para evidenciar as práticas educativas realizadas na obra, e não com a intenção de dar visibilidade ao trabalho voluntário.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa (Conforme Resolução CNS No 466 de 2012 item XI.2 .h):

Ao final da pesquisa, caso seja de sua vontade, receberá uma cópia da Dissertação e do Produto Educacional, onde serão apresentados os resultados da pesquisa, como devolutiva da coleta de dados.

Sobre a Via do TCLE entregue ao participante da pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3.f):

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador.

Desde já agradecemos sua participação!

Erechim, 28 de novembro de 2024.

CAAE: 85162224.5.0000.5564

Número do Parecer de aprovação no CEP/UFFS: 7.428.510

Data de Aprovação: 10/03/2025

Assinatura do Pesquisador Responsável
Cludes Fátima Bresolin Hubner

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel: 54 99676-8555

E-mail: cludeshubner@gmail.com

Endereço para correspondência: Rua Consolata 192 - Bairro Três Vendas -
Erechim/RS. CEP: 99713-044

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS”:

Telefone: (0XX) 49- 2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS -
Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP
89815-899 Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante: _____

Assinatura: _____



APÊNDICE B - QUESTÕES PARA RODA DE CONVERSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL *CAMPUS* ERECHIM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Questionário da Pesquisa-PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE RECRIANDO A VIDA: ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM ERECHIM

Roteiro para entrevista - Esse roteiro para entrevista é parte da pesquisa realizada no âmbito do Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, *Campus* Erechim, realizada por Cleudes Fátima Bresolin Hubner, sob orientação do Professor Dr. Thiago Ingrassia Pereira, a fim de caracterizar as práticas educativas no contexto da Associação Beneficente Recriando a Vida como espaço com potencial educativo, na perspectiva da Educação Popular e da Educação Social

Sua colaboração neste trabalho é muito importante. As informações pessoais contidas neste formulário serão mantidas em sigilo e utilizadas apenas para fins da pesquisa.

Nome:

Idade:

Sexo:

Autodeclaração étnico-racial:

Escolaridade:

Profissão:

**APÊNDICE C - CARTA DE ACEITE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - *CAMPUS* ERECHIM**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - *CAMPUS* ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

CARTA DE ACEITE - PESQUISA DE MESTRADO

Linha de Pesquisa: Linha 2 - Pesquisa em Educação Não-Formal: Práticas Político-Sociais.

Temática da Pesquisa: Educação Popular, Educação Social e Imigração Venezuelana

Mestranda: Cleudes Fátima Bresolin Hubner

Contato: cleudeshubner@gmail.com - (54) 99676 - 8555

Orientador: Thiago Ingrassia Pereira

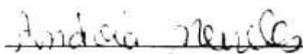
Contato: thiago.ingrassia@uffrs.edu.br

Previsão de término da pesquisa (defesa pública): agosto 2025

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

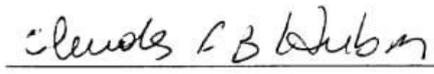
A Associação Beneficente Recriando a Vida de Erechim da cidade de Erechim/RS, nos termos dos princípios éticos no tratamento de dados em pesquisa social empírica, aceita participar desta pesquisa de Mestrado Profissional em Educação da UFFS - *Campus* Erechim. Reafirma-se o fim estritamente acadêmico dessa atividade, resultando em dissertação e posterior divulgação em livros, artigos e eventos científicos. Por outro lado, reafirma-se que, se autorizado, apenas o nome da Associação, bem como do município, serão utilizadas nos trabalhos referidos, resguardando-se nomes e imagens das pessoas da associação mencionada.

Erechim, 02 de agosto de 2024.



Andreia Meireles - Responsável pela

Associação Beneficente Recriando a Vida



Cleudes Fátima Bresolin Hubner

Responsável pela pesquisa

APÊNDICE D - CARTA PEDAGÓGICA ENDEREÇADA À COORDENADORA DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE RECRIANDO A VIDA

Prezada Coordenadora Andreia!

Cleudes Fátima Bresolin Hubner / junho 2024.
Thiago Ingrassia Pereira / junho de 2024.

Prezada Coordenadora, Andreia! Nesse primeiro momento gostaria de agradecer a acolhida que o meu projeto de pesquisa teve perante a Instituição que você representa, pois, sei que vocês têm muitos afazeres e poucas pessoas auxiliando no seu trabalho. Como está na Bíblia, “a messe é grande, mas os operários são poucos” (Mt 9,37). Assim, espero com minha pesquisa de Mestrado da Universidade Federal da Fronteira Sul, contribuir um pouco com esse belo projeto que auxilia tantas pessoas em nossa comunidade.

Nesse texto pretendo apresentar para você e a Associação Beneficente Recriando a Vida, a metodologia das Cartas Pedagógicas, este não é um tema novo, entretanto, só obtive acesso a essa modalidade de escrita no Mestrado em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul, o qual estou cursando. Então, apresentarei essa modalidade de comunicação para conhecimento ou, se porventura, decidir escrever para alguém ou, ainda para registrar qualquer fatos e/ou acontecimentos do dia a dia da instituição Recriando a Vida, as mesmas também são utilizadas, atualmente, na educação para diferentes registros. Enfim, o estilo é personalíssimo e cada um tem o seu modo de se expressar. Eu achei muito interessante e me apaixonei pelas cartas pedagógicas.

De acordo com Souza (2023), Carta Pedagógica é um texto assim denominado por Paulo Freire, para descrever essa escrita utilizada por ele diversas vezes e que estão muito presentes em seus livros. Nosso patrono da educação utilizou as cartas para diversos fins, dentre eles políticos, sociais, pessoais, mas à educação, com certeza era a “menina dos seus olhos”, pois, dedicou muitos anos de sua vida a esse propósito, inclusive foi exilado no período da ditadura civil militar em nosso país por se empenhar em defesa dos excluídos e por alfabetizar trabalhadores na famosa experiência de Angicos. Para exemplificar algumas de suas preocupações:

Fazia algum tempo um propósito me inquietava: escrever umas cartas pedagógicas em estilo leve cuja leitura pudesse interessar aos jovens pais, mães quanto, quem sabe, filhos e filhas adolescentes ou professores e professoras que, chamamos à reflexão pelos desafios em sua prática docente, encontrassem nela elementos capazes de ajudá-los na elaboração de suas respostas. Cartas Pedagógicas em que eu fosse tratando problemas destacados ou ocultos, nas relações com filhos e filhas ou alunos e alunas e alunos na experiência do dia-a-dia (Freire, 2000, s/p).

Segue nosso mestre maior:

É nesse sentido que uma educação crítica, radical, não pode jamais prescindir da percepção lúcida da mudança que inclusive revela a presença inconveniente do ser humano no mundo. Faz parte também dessa percepção lúcida da mudança a natureza política e ideológica de nossa posição em face dela independentemente de se estamos conscientes disso ou não” (Freire, 2000, s/p).

Paulo Freire tinha profundas convicções políticas e essas se refletem em todos os seus escritos:

“A educação para os direitos humanos, na perspectiva da justiça, é exatamente aquela educação que desperta os dominados para a necessidade da briga, da organização, da mobilização crítica, justa, democrática, séria, rigorosa, disciplinada, sem manipulações, com vistas à reinvenção do mundo, à reinvenção do poder. A questão colocada não é a de um educador que insira como estímulo à tomada do poder, mas a tomada do poder que se prolongue na reinvenção do poder tomado, o que vale dizer que essa educação tem a ver com uma compreensão diferente do desenvolvimento, que implica uma participação, cada vez maior, crescente, crítica, efetiva, dos grupos populares (Freire, 2021, p. 39-40).

E segue na mesma linha:

Essa educação para a liberdade, essa educação ligada aos direitos humanos nesta perspectiva, tem que ser abrangente, totalizante, ela tem a ver com o conhecimento crítico do real e com a alegria de viver. E não apenas com a rigorosidade da análise de como a sociedade se move, se mexe, caminha, mas ela tem a ver também com a festa que é a vida mesmo. Mas é preciso fazer isso de forma crítica e não de forma ingênua. Nem aceitar o todo-poderosismo ingênuo de uma educação que faz tudo, nem aceitar a negação da educação como algo que nada faz, mas assumir a educação nas suas limitações e, portanto, fazer o que é possível, historicamente ser feito com e através da educação (Freire, 2021, p. 39-40).

Em todos seus escritos percebemos a humanidade e a maestria de escrita desse pensador profundamente engajado na luta por um outro mundo possível. Sua preocupação era que todos tivessem acesso a uma leitura de mundo crítica, a liberdade de escolha, curiosidade e esperança num outro mundo possível. Sua preocupação política e social transparece forte nesse trecho:

Gostaria de sublinhar, na linha destas considerações, que o exercício constante da “leitura de mundo” demandando necessariamente a compreensão crítica da realidade, envolve, de um lado, sua denúncia, de outro, o anúncio do que ainda não existe. A experiência da leitura de mundo que o toma como um texto a ser “lido” e “reescrito” não é na verdade uma perda de tempo, um bla-bla-blá ideológico, sacrificador do tempo que se deve usar, sofregamente, na transparência ou na transmissão de conteúdos, como dizem educadores e educadoras reacionariamente “pragmáticos”. Pelo contrário, feito com rigor metódico, a leitura de mundo se funda na possibilidade que homens e mulheres ao longo da história criaram de entender a concretude e de comunicar o entendido, se constitui como fator indiscutível de aprimoramento da linguagem. A prática de constatar, de encontrar a ou as razões de ser do constatado, a prática de denunciar a realidade constatada e de anunciar a sua superação, que fazem parte do processo de leitura do mundo, dão lugar à experiência da conjectura, da suposição, da opinião a que falta, porém, fundamento preciso (Freire, 2000, s/p).

Sua preocupação com que todos pudessem ler o mundo é indiscutível, nessa seara ainda pontua: “A leitura crítica do mundo é um que-fazer pedagógico-político indicotomizável do que-fazer político- pedagógico, isto é, da ação política que envolve a organização dos grupos e das classes populares para intervir na reinvenção da sociedade” (Freire, 2000, s/p).

Em toda sua obra percebemos sua inconformidade de aceitar as injustiças e de se conformar com as situações postas. Na sua compreensão temos que estar constantemente inconformados e instigados para buscar a mudança.

Em uma de suas últimas entrevistas na TV PUC , em 1997¹², Freire reforça sua esperança na mudança quando fala em marchas, ressaltando que as mesmas são andarilhagens históricas, dos que precisam lutar muito para conseguir o mínimo e, para lutar contra a sem-vergonhice que se democratizou nesse país.

Ainda, fala da marcha dos sem-terra, que para ele é a expressão da esperança no sentido de que revelam o ímpeto de vontade para mudar o mundo. Acrescenta ainda, que morreria feliz caso se concretizasse uma marcha com vários segmentos da sociedade brasileira, dentre os quais destaca: marcha dos sem escola; marcha dos reprovados; marcha dos que querem amar e não podem; marcha contra a obediência servil...

Prezada Andreia! Como citado nos trechos acima, percebemos a profunda preocupação de Freire com o ser humano, principalmente, com a classe popular e com a sua conscientização, para que a mudança ocorra de forma mais contundente e, para ele não temos outra alternativa que não à educação, mas não qualquer educação e, isso perpassa toda sua escrita. O mesmo ressalta que “mudar é difícil, mas é possível”.

Nesse momento seguimos apontando outros momentos em que as cartas foram utilizadas como uma forma de comunicação e registros de épocas e, na história, muitos personagens famosos fizeram registros importantes do seu tempo. Na atualidade, os pesquisadores conseguem dimensionar vários aspectos do contexto em que viveram, suas alegrias, suas tragédias e seus amores, enfim o cotidiano e de certa forma a dimensão histórica da época.

Isabela Camini resume muito bem esse contexto das cartas:

Olhando para a história da humanidade, é visível que escrever cartas é uma tradição secular. Cartas foram escritas com diferentes propósitos, como declarar amor ou saudade, articular uma guerra, descrever lugares... Como exemplos, a Carta de Pero Vaz de Caminha, O Manifesto Comunista (1848), a Carta da Terra, a Carta do Chefe Indígena (1854) e a Carta dos Sem Terra (Camini, 2012, p.21-22).

O registro de grandes acontecimentos da humanidade é importante minha cara Andreia, pois, precisamos valorizar nossos antepassados, suas conquistas positivas que geraram importantes mudanças em várias áreas do conhecimento humano. E, por outro lado, os eventos que não deram certo, o registro também é imprescindível, para não repetirmos os mesmos erros que, de certa forma destroem a humanidade e o planeta, exemplos disso são as guerras, os regimes totalitários e armas de destruição em massa, dentre outros.

Camini segue em seu livro apresentando alguns escrevedores que, os cita em ordem cronológica pelos motivos que citei no parágrafo anterior, em suas palavras:

Apresentamos os escrevedores das cartas anunciadas em ordem cronológica, buscando compreender os contextos sociais, políticos e religiosos que influenciaram sua opção de vida, sobretudo para enfrentar as contradições sociais próprias de seus tempos, seja vivendo exilados, no cárcere ou em outras situações impostas a eles. Em outras palavras, pessoas que viveram profundamente envolvidas nas teias e nos dilemas do seu tempo, como intelectuais, políticos ou religiosos, empenhados em lutar contra as injustiças e construir um mundo diferente ao mesmo tempo (Camini, 2012, p. 31).

Na história recente as cartas pedagógicas entram em cena na área da educação, onde os educadores e educadoras, principalmente na modalidade de Educação Popular e Educação

¹² Paulo Freire. Disponível em: [Paulo Freire - Última Entrevista - Parte I](#) .Acesso em: 26 jun. 2025.

Social utilizam como forma de registro do que é feito e, também como forma de ampliar os conhecimentos em pesquisas com essa troca de saberes.

Paulo (2022, p. 5) aponta que “Utilizamos várias formas de registro dos nossos cursos, uma delas é a escrita de Carta Pedagógica. Esse instrumento metodológico é utilizado como ferramenta político-pedagógica de fazer aula, de avaliação e de pesquisas participativas.”

A autora segue descrevendo que nos cursos de educadores sociais na perspectiva da Educação Popular na Sede da AEPA: “[...] utilizamos as Cartas Pedagógicas para fazer aula e como possibilidade de trabalho a ser entregue pelos educandos como síntese das aprendizagens, e utilizamos enquanto docentes, Cartas Pedagógicas para fazer aula” (Paulo, 2022. p. 05-6).

As cartas que num primeiro momento foram utilizadas como um instrumento de comunicação entre pessoas ou de particulares para órgãos públicos, dentre outros. Na sua constituição foi se transformando, inclusive, para reconstituir fatos históricos que de outra forma teriam se perdido no tempo.

Atualmente, além de serem utilizadas no ensino, alguns pesquisadores estão utilizando a modalidade para fazer pesquisa. Os professores, pesquisadores Isabela Camini e Rudimar Barea organizaram o Livro: “Cartas Pedagógicas como prática de ensino e pesquisa”.

Na apresentação do livro o professor Agostinho da Silva Rosas, escreve:

Este livro é resultado dos doze encontros de pessoas provocadas pelo desafio de escrever cartas com rigorosidade metódica, ética e estética em valorização à ação pedagógica. Por isso, o convite diz dá vontade de como nos organizamos, da trajetória que percorremos, das falas-escutas, emoções, de nossas vibrações em processo do enfrentamento de “medos e ousadias”¹ descobertos/a no ato de escrever cartas (Camini; Barea, 2023, p. 15).

Nestas páginas, prezada Andreia, procurei fazer alguns apontamentos sobre a escrita sempre atual das Cartas e, mais recentemente das Cartas Pedagógicas que são usadas de diversas formas, com isso quero mostrar um pouco do que estamos produzindo no Mestrado e como as cartas podem ajudar a instituição que você coordena de forma exemplar e com muita luta diária. Obrigada pelo carinho da acolhida. No decorrer do Mestrado e após a conclusão do mesmo espero com minha pesquisa trazer algumas contribuições para auxiliar no dia a dia da instituição.

Obrigada mais uma vez e seguimos dialogando.

Cleudes F. B. Hubner

Junho/2024

REFERÊNCIAS

CAMINI, I. **Cartas Pedagógicas: aprendizados que se inter cruzam e se comunicam.** 1 ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

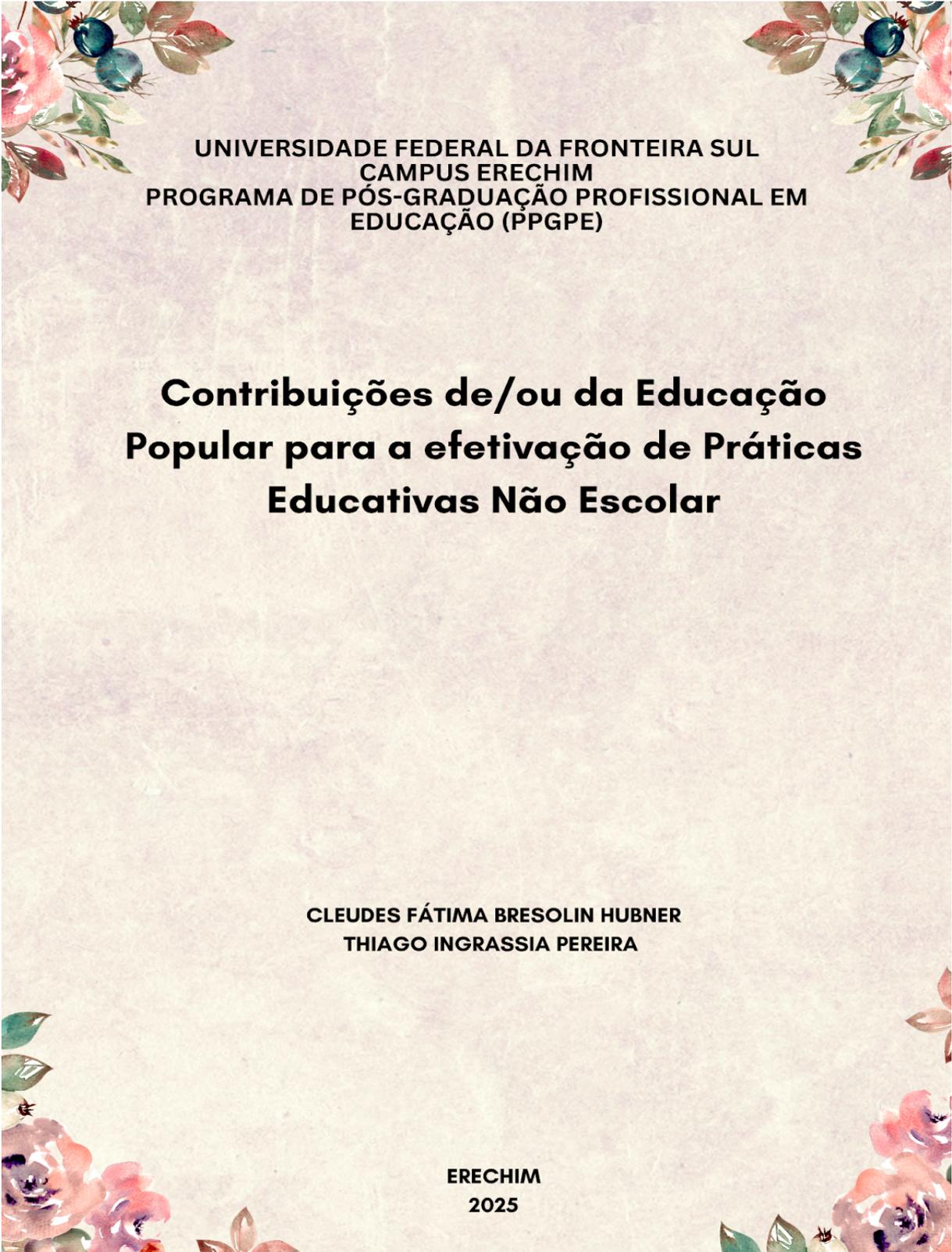
CAMINI, I; BAREA, R. (orgs). **Cartas Pedagógicas: como Prática de Ensino e Pesquisa.** Passo Fundo: Saluz, 2023.

FREIRE, P. **Direitos Humanos e Educação Libertadora - Gestão Democrática da Educação Pública na Cidade de São Paulo.** 4 ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAULO, F. dos S.; GONÇALVES, P. dos S. **Metodologias da educação popular: Paulo Freire e os desafios da interdisciplinaridade na educação não escolar**. *Diálogo*. Canoas, n. 51. , p. 1-10, junho 2023. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo/article/view/10560> . Acesso em: 19 jun. 2024.

SOUZA, M. S. **Cartas Pedagógicas: O Inédito-Viável Do Legado De Paulo Freire**. In: I SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO DO SUL DO BRASIL - I SIMPÓS-SUL. A TRANSVERSAILDADE DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÕES PARA O PLANETA. v. 1, 2021, Chapecó: UFFS. *On line*. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/simpos-sul/article/view/16019/10391> . Acesso em: 19 jun. 2024.

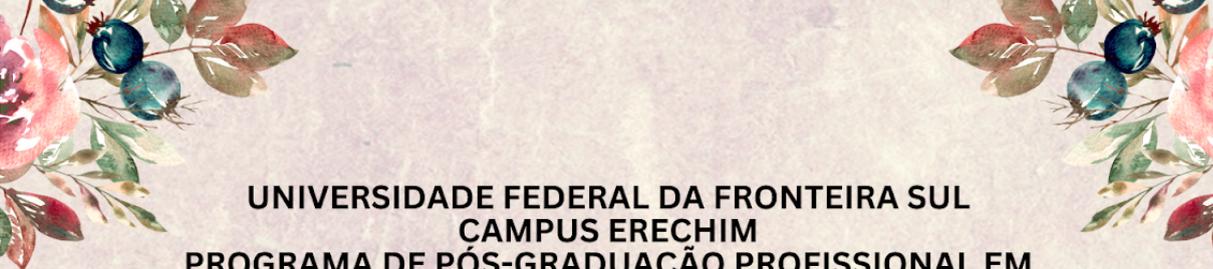
APÊNDICE E - PRODUTO EDUCACIONAL

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO (PPGPE)**

**Contribuições de/ou da Educação
Popular para a efetivação de Práticas
Educativas Não Escolar**

**CLEUDES FÁTIMA BRESOLIN HUBNER
THIAGO INGRASSIA PEREIRA**

**ERECHIM
2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO (PPGPE)

PRODUTO DE PESQUISA

EXPEDIENTE

Diretor da UFFS *Campus* Erechim-RS

Luís Fernando Santos Corrêa da Silva

Coordenador(a) Acadêmica da UFFS *Campus* Erechim-RS

Cherlei Márcia Coan

**Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação Profissional
em Educação (PPGPE)**

Almir Paulo dos Santos

Professor(a) Orientador(a) da Pesquisa

Thiago Ingrassia Pereira

Pesquisador(a) Principal

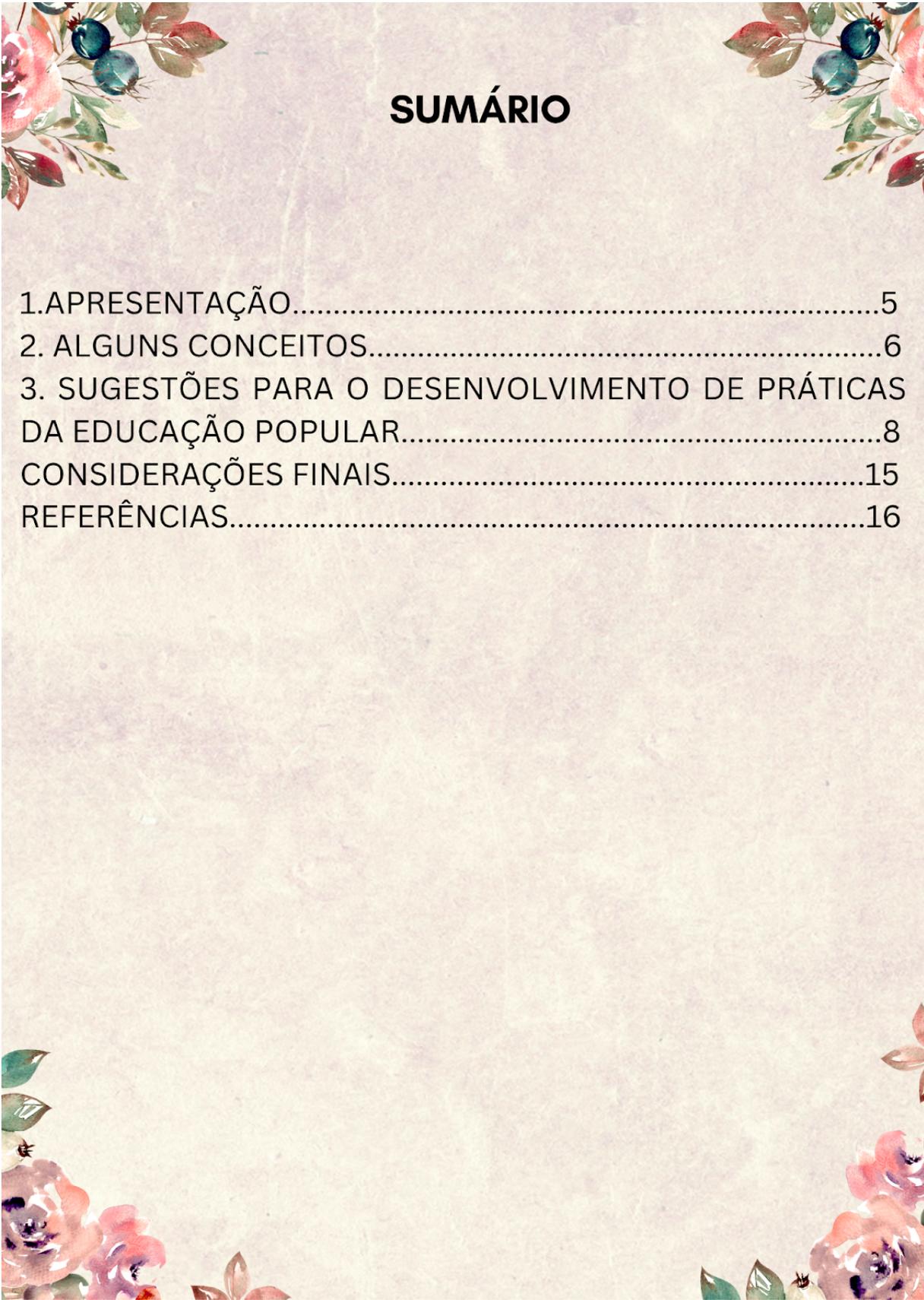
Cleudes Fátima Bresolin Hubner

Apoio para pesquisa

Grupo de Estudos GEPII

FICHA CATALOGRÁFICA





SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	5
2. ALGUNS CONCEITOS.....	6
3. SUGESTÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO POPULAR.....	8
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS.....	16

APRESENTAÇÃO

O Documento ora elaborado é resultado da dissertação do Mestrado Profissional em Educação - PPGPE, da UFFS - Campus Erechim, com o título: "PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE RECRIANDO A VIDA: ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM ERECHIM", defendida em 2025.

Este documento tem como objetivo, em alguma medida, subsidiar os/as voluntários/as e/ou militantes que atuam na área da educação, principalmente, na condução de práticas educativas voltadas para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. As diretrizes aqui apresentadas seguem os princípios da Educação Popular na tentativa de promover um ensino dialógico, emancipatório e participativo.

Com base nessas premissas, o projeto elaborado para esta dissertação foi pensado basicamente sob a ótica da Educação Popular com seus princípios emancipatórios, amplamente defendidos pelo intelectual de renome Paulo Freire, que entende essa, como a principal forma de atingir um segmento da nossa sociedade historicamente marginalizada .

2. ALGUNS CONCEITOS

EDUCAÇÃO POPULAR:

A Educação Popular primordialmente tem o dever de levar em conta os conhecimentos prévios que os sujeitos possuem, e a partir disso incentivar sua participação em um processo de aprendizagem que realmente emancipe.

EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR

A Educação Não Escolar, como o próprio nome já diz, refere-se às práticas que acontecem fora dos muros das escolas, no entanto, isso não quer dizer que ela não tenha intencionalidades e práticas definidas para a formação das pessoas. De acordo com Libâneo (2002), a educação não escolar “ocorre em outros âmbitos de socialização, como a família, o trabalho, a comunidade, o grupo de amigos, instituições culturais e recreativas, entre outros espaços de convivência social” (p. 38).



2. ALGUNS CONCEITOS

VOLUNTARIADO

O voluntário exerce seu papel com base em princípios como a valorização do direito de nascer e de se associar, oferecendo seus serviços de forma gratuita, com base em um espírito de solidariedade e ajuda mútua. Além disso, contribui para estimular a responsabilidade social, promovendo solidariedade familiar, comunitária e internacional. No Brasil, o voluntariado esteve, historicamente, atrelado à religião, generosidade e caridade (Holanda, 2003).





3 SUGESTÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO POPULAR

No texto base para esse produto, destacamos alguns pontos importantes que dizem respeito à Educação Não Escolar que, por seu caráter mais flexível, alcança as comunidades onde a educação institucionalizada, muitas vezes, não consegue chegar. Essa, pode estar ligada a um grupo ou uma instituição que se preocupa com esse segmento da sociedade. Diante disso, pensamos em desenvolver um produto educacional com diferentes observações para facilitar ou sugerir alguns processos que, de fato, façam sentido e colaborem com a Associação.

Assim, a seguir formulamos algumas sugestões que podem auxiliar esses voluntários e, efetivamente, desenvolver nos educandos o gosto pelo conhecimento, e estão balizadas pelos métodos desenvolvidos por Paulo Freire e seus estudiosos, pois ele mesmo dizia que não queria ser copiado e sim reinventado. Suas ideias voltadas para a aquisição do conhecimento são de grande relevância até hoje, então, sugerimos que as atividades envolvem o trabalho com:

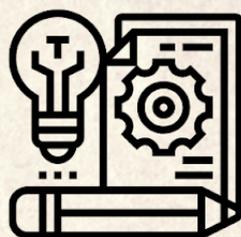
- Temas Geradores;
- Círculos de cultura;
- Rodas de conversa informal com os sujeitos envolvidos nas atividades;
- Elaboração de Cartas Pedagógicas

Essas metodologias permitem que os saberes se construam na horizontalidade, onde todos estão dispostos de maneira igualitária. Essa horizontalidade propicia, com seu formato, a construção do conhecimento que humaniza na medida que leva em conta os saberes populares e respeita os mesmos, para, a partir daí, problematizar a construção de outras formas de ver e ler o mundo, no qual o educador faz o papel de mediador dessa construção.

Metodologias da Educação Popular e o Trabalho Voluntário

As metodologias são técnicas e processos que as instituições escolares e não escolares utilizam para atingir objetivos de aprendizagem tendo em vista, ou deveria estar presente, o contexto em que estão inseridas .

A atuação dos voluntários nesses espaços deve instigar, nos educandos, a reflexão quanto à pertinência desses locais e ao que representa estarem inseridos em um ambiente de acolhimento. As metodologias da Educação Popular e a Interdisciplinaridade devem ser os eixos balizadores para, de fato, construir um ambiente de acolhimento e aprendizagens significativas.





Metodologias da Educação Popular para o desenvolvimento de práticas educativas: Paulo (2022) nos diz que, essas são importantes para o desenvolvimento de práticas educativas, principalmente, nos contextos sociais que descrevemos no texto-base deste produto educacional. A mesma reforça o quanto é importante desenvolver métodos em conjunto com todos os autores envolvidos, caso contrário, caímos na “receita de bolo” que podem ser aplicadas genericamente, quando isso acontece não produz resultados significativos, mudanças verdadeiras e permanentes na vida das pessoas.

- **CÍRCULOS DE CULTURA**

As pessoas se reconhecem como coletivo a partir de sua cultura, que se expressa de diversas formas; nas suas tradições, nos costumes, nas crenças, na arte, na música, nas danças, festas, no folclore e artesanato, enfim numa série de manifestações seja individual e ou coletiva. Os espaços de aprendizado, quando exploram esses fenômenos da vida das pessoas, produzem resultados mais significativos .



- TEMAS GERADORES

Os temas geradores constituem-se em trabalhar com o dia a dia das pessoas, com o que elas entendem e vivenciam para, a partir desse levantamento, chegar em um consenso entre todos os envolvidos e construir métodos de aprendizado significativo na vida das pessoas .

Algumas sugestões com eixos temáticos que podem embasar a escolha dos temas geradores:

Quadro 1 - Eixos temáticos para trabalho com temas geradores

Eixo Temático	Atividades que podem ser desenvolvidas
Educação e Letramento	Apoio pedagógico aos conteúdos da escola; Oficinas de escrita e leitura; Contação de histórias .
Expressão Cultural e Artes	Exposição e valorização de manifestações culturais locais; Oficinas de desenho e pintura; Atividades com dança, teatro e música.
Esporte e Movimento	Exercícios de alongamento e bem-estar ; Práticas de esportes inclusivos; Jogos cooperativos e atividades de recreação.
Tecnologia e Comunicação	Jogos educativos digitais; Introdução ao uso de ferramentas digitais.
Meio Ambiente e Sustentabilidade	Passeios pedagógicos para entrar em contato com a natureza; Educação para o correto manejo do lixo; Introdução ao cultivo de hortaliças e jardinagem.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

• **RODAS DE CONVERSA**

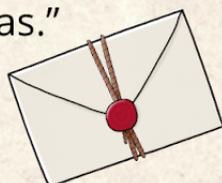
Esse método, muito defendido e utilizado na educação popular, criado por Paulo Freire, é aplicado nos diferentes locais onde acontece a educação não formal, pois favorece a participação e união de todos. Linke (2023), na roda de conversa os participantes são protagonistas o que facilita o diálogo, pois todos têm autonomia para expor suas vivências oportunizando a produção coletiva do conhecimento.



• **CARTAS PEDAGÓGICAS**

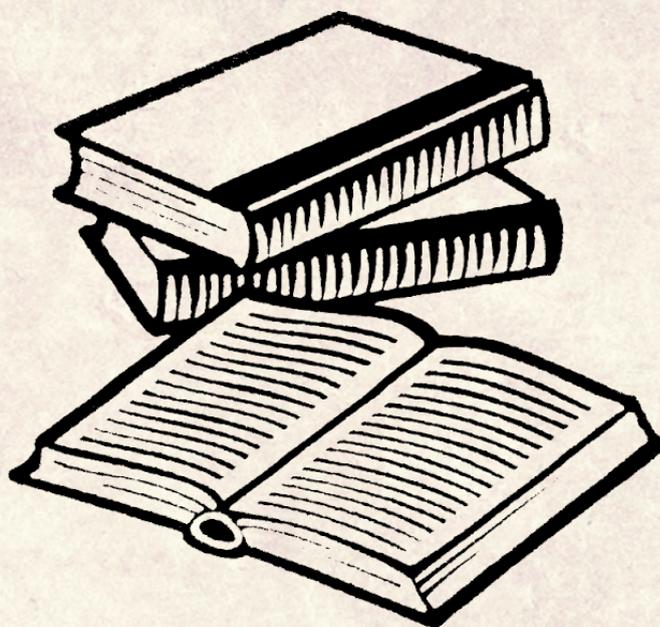
Recentemente, as Cartas Pedagógicas entram em cena na área da educação, sendo utilizadas por educadores e educadoras, principalmente na modalidade de Educação Popular e Educação Social, como forma de registro do que é feito e, também, como forma de ampliar os conhecimentos em pesquisas com essa troca de saberes.

Paulo (2022, p. 5) aponta: "Utilizamos várias formas de registro dos nossos cursos, uma delas é a escrita de Carta Pedagógica. Esse instrumento metodológico é utilizado como ferramenta político-pedagógica de fazer aula, de avaliação e de pesquisas participativas."



• SUGESTÃO DE AUTORES DA EDUCAÇÃO POPULAR

Para facilitar o trabalho dos voluntários(as) da instituição, sugerimos uma lista bibliográfica com alguns autores que corroboram com o que, modestamente, apresentamos nesse produto educacional, o qual é uma exigência do curso, mas para além disso, tem o propósito de auxiliar e facilitar o trabalho desses importantes colaboradores para a sociedade.



Quadro 1 - Autores referenciais da Educação Popular

Autores	Obras
Carlos Rodrigues Brandão	O que é Educação (1981); A Educação como Cultura (1985); Educação Popular (1986); Aprender o amor: sobre um afeto que se aprende a viver (2014), dentre outros.
Conceição Paludo	Educação Popular em Busca de Alternativas: Uma Leitura Desde o Campo Democrático e Popular (2001); Mulheres: Resistência e Luta em Defesa da Vida (2009); Diversos artigos e capítulos de livros.
Fernanda dos Santos Paulo	Memórias e trajetórias: sistematização de experiências de educação popular e de movimentos sociais (2019); Concepções de educação: espaços, práticas, metodologias e trabalhadores da Educação Não Escolar (2020); As mulheres na e da Educação Popular no Brasil" (2025); Educação Popular e educadores Sociais: fazendo aulas com Cartas Pedagógicas (2022); Educação popular e resistência na ditadura militar no Brasil: redes e práticas clandestinas (2025); O contexto histórico brasileiro da universidade e o lugar da Educação Popular" (2023). Diversos artigos e capítulos de livros.
Isabela Camini	Escola Itinerante – na fronteira de uma nova escola (2009); Cartas pedagógicas: aprendizados que se inter cruzam e se comunicam (2012); Cartas Pedagógicas: como Prática de Ensino e Pesquisa (2023). Cartas Pedagógicas: testemunhos de uma vida (2022) Diversos artigos e capítulos de livros.
Paulo Freire	Pedagogia do Oprimido (1968); Educação como Prática da Liberdade (1967); Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido (1992); Professora Sim, Tia Não: Cartas a quem ousa ensinar (1993); Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa (1996), dentre outros.
Thiago Ingrassia Pereira	Aprender e Ensinar Com Paulo Freire - Por Uma Escola Emancipatória (2015); Classes Populares na Universidade Pública Brasileira e suas Contradições: A Experiência do Alto Uruguai Gaúcho (2014); A enchente como situação limite e a educação libertadora como inédito viável: Ensaio Freireanos (2024). Diversos artigos e capítulos de livros.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2025)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse Produto Educacional é uma construção conjunta com meu orientador e constitui-se na tarefa prática do Mestrado Profissional. Além disso, representa um retorno prático e concreto para a sociedade. As universidades, principalmente as públicas, têm o dever de contribuir com a população que financia sua estrutura e atuação. Nada mais importante que participar com essa contribuição, ainda que modesta, e de certa forma, simbólica perante o que já tem na literatura.

Nessa perspectiva, os voluntários podem trabalhar as sugestões acima, dentro dos princípios da dialogicidade, da participação e do respeito à individualidade e à realidade dos educandos, na qual, todos tenham a liberdade de exporem suas experiências diárias, assim, os mediadores/voluntários baseados nisso expandem conjuntamente com os educandos o conhecimento sobre os temas propostos.

Pensamos que, caso os voluntários aceitem nossa proposta e utilizem algumas das sugestões, as práticas de ensino da instituição seriam enriquecidas e mais assertivas. Claro que, não temos a pretensão de impô-las, mas somente a título de indicação e, que a Associação esteja disposta a valorizar nosso esforço de estudo nesta dissertação e neste produto educacional.



REFERÊNCIAS

HOLANDA, Cristiane Carvalho de. Voluntariado e Terceiro Setor. 2003. Dissertação (Pós-Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10000> . Acesso em: 03 set. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2002.

LINKE, Jocieli Roberta. Proposta de trabalho com temas geradores nos anos finais do ensino fundamental: educação situada na rede municipal de Novo Barreiro (RS). 2023. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação) - Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim, Erechim, 2023. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/6977> . Acesso em: 14 jul. 2025.

PAULO, Fernanda dos Santos; GONÇALVES, Paulina Do Santos. Metodologias da educação popular: Paulo Freire e os desafios da interdisciplinaridade na educação não escolar. Diálogo, Canoas, n. 51, 2022. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diologo/article/view/10560> . Acesso em: 10 jul. 2025.

ANEXO

ANEXO A - PARECER DE APROVAÇÃO DO CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS - UFFS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS

Continuação do Parecer: 7.428.510

Justificativa de Ausência	TCLE_ALTERADO.pdf	10/01/2025 17:30:04	Cleudes Fatima Bresolin Hubner	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_modificado.pdf	10/01/2025 17:29:21	Cleudes Fatima Bresolin Hubner	Aceito
Outros	Carta_pend.pdf	10/01/2025 17:27:56	Cleudes Fatima Bresolin Hubner	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	29/11/2024 17:57:34	Cleudes Fatima Bresolin Hubner	Aceito
Outros	CartaAceite.pdf	29/11/2024 17:54:48	Cleudes Fatima Bresolin Hubner	Aceito
Outros	Roteirorodadeconversa.pdf	29/11/2024 17:52:00	Cleudes Fatima Bresolin Hubner	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	29/11/2024 17:50:47	Cleudes Fatima Bresolin Hubner	Aceito
Folha de Rosto	Folharostocleudesassinado.pdf	28/11/2024 16:19:24	cleudes fatima bresolin hubner	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CHAPECO, 10 de Março de 2025

Assinado por:
Renata dos Santos Rabello
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br